

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director — J. B. Magalhães

Secretario — Mario Travassos

Gerente — A. Chaves

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DO OUVIDOR, 164

ANNO XV

Rio de Janeiro, Dezembro de 1928

N. 180

EDITORIAL

Serviço Militar e sua situação actual

Damos por definitivamente assentadas as idéas relativas á importância do *Serviço Militar Geral e Obrigatorio*. Não se trata mais de demonstrar que as nações, dado o actual acter nacional da guerra, inaugurado com a Revolução Franceza e constantemente desolvido com o progredir da industria, não poderão defender-se sem que o tenham plenamente realizado. Comprehende-se mesmo a nenhuma valia dos exemplos de Inglaterra e Estados Unidos até aqui classicamente invocados para provar a desnecessidade de uma medida que hostilisa o sentimento da liberdade individual, por isso que taes nações sempre interiras terrestres com vizinhos poderosos, e as ameaçam em tempo breve, não guardam condições de homogeneidade com as outras. E comprehende-se também nitidamente os prejuízos por ventura causados aos interesses individuaes não têm força de argumento em face das necessidades nacionaes. Aceita-se inteiramente, por outro lado, que nações novas, fracamente povoadas, paizes migratorios, têm no *serviço militar*, não só o apparelhamento bellico, mas tambem um serioso instrumento para crear e desenvolver o espirito nacional, fazer a educação popular, principalmente civica e fomentar a democratização do povo pelo intercambio direto, através da caserna, entre as diversas cadas sociaes, objectivos que alcança efficazmente, sempre que é republicanamente praticado, isto é, intelligente, patriotica e honestamente.

A phase de propaganda de taes idéas entre as elites podemos dar por definitivamente passada. Ha cerca de duas decadas estão devidas as leis e regulamentos proprios ao umpto.

O problema que entre nós persiste insolvel é o da sua *pratica efficiente*.

E' a formula conveniente para attingir o resultado necessário que ainda se faz preciso procurar, por isso que os resultados até agora alcançados de modo algum podem ser tidos por satisfatorios.

* * *

Si não devemos considerar inteiramente fracassado o serviço militar obrigatorio, forçoso é admittir que não produziu ainda fructos dignos de orgulho nacional.

Não está *normalizado* o alistamento, porque a elle escapam numerosissimos cidadãos. Não é executado o *sorteio*, porque o numero de insubmissos suffoca o de apresentados e a fraqueza de effectivos incorporados annualmente torna debeis e anemicas as reservas.

Não é só, porém. A *mistura causada pelo voluntariado exagerado* e outras irregularidades, hão de forçosamente tornar difficult, morosa e incerta a mobilização.

Uma situação assim *chaotica* é incompatible com a *idéa de guerra* e torna periclitante todo trabalho de *preparação* para a *hypothese de uma guerra eventual*, *hypothese* de que se cogita, uma vez que se mantém um apparelhamento caro e que principalmente por essa idéa se justifica.

* * *

Para remover estas falhas faz-se indispensavel conhecer-lhes as causas. Em nosa opinião, as causas principaes de um tal estado de cousas, antipathico e hostil aos interesses da nação, não residem só nos defeitos que por ventura tenham as leis e regulamentos decretados.

A grave imperfeição é mais profunda, é mais geral. Requer para ser corrigida medi-

das que contrabalancem as falhas de educação das élites em vez de removerem apenas questões de pormenores da regulamentação especial. Sem isso nada se avançará de definitivo e sólido.

Uma vista de conjunto sobre o ambiente brasileiro e sobre nossas práticas e hábitos administrativos mostrará facilmente que, apesar do regime presidencial e de irresponsabilidade política dos ministros, as diferentes pastas trabalham mais ou menos independentemente e sem uma ligação íntima. Cada ministério tem suas normas e não reconhece as que são adoptadas nos outros. É incontestável que uns desconhecem os regulamentos que formam leis em outros e não os tomam como governamentais, considerando-os como se pertencessem a governos diferentes.

Disso é um atestado flagrante o que se passa com o *serviço militar*, fenômeno que é muito mais aggravado quando se consideram as três diferenciações do governo do Brasil em suas relações entre si: federal, estadual e municipal.

Ninguém desconhece que repartições públicas municipais, estaduais e até federais, desobedecem às recomendações da lei e do regulamento do serviço militar, quanto às exigências de certificado de alistamento, ou caderneta de reservista para os serventários que admitem; não cumprem a formalidade de proceder aos alistamentos anuais dos que com elas servem a quaisquer títulos.

Constata-se que a *insubmissão* não só é tolerada como parece até protegida, porque a *Policia*, órgão incumbido de zelar pela ordem social, de tão grave infracção não toma conhecimento.

O mesmo acontece com as vantagens asseguradas pelos regulamentos militares aos que servem nas fileiras, quando candidatos a cargos públicos civis, sempre praticamente sem nenhum valor.

Assim procedendo, as diversas *diferenciações do governo nacional*, encarando as leis e regulamentos dos outros departamentos administrativos e políticos como se fossem leis estrangeiras, não é de admirar que não consiga o *serviço militar* medrar aqui suficientemente, realizando o êxito que a segurança nacional requer.

Além disso, a insuficiente educação cívica de muitos conduz a que transformem o serviço militar em odioso instrumento político, crime esse de lesa pátria e que a fere fundo.

* * *

Um tal estado de coisas não é felizmen-

te desconhecido pelos maiores responsáveis práticos. A idéia de criação do *juízo de cidadania* parece intencionar resolver estas questões. Infelizmente, porém, este órgão novo que poderia contribuir muito para melhorar a situação, não logrou ainda entrar em fase de realização.

A nosso ver, porém, tal medida, mesmo que se lhe dê um amplo desenvolvimento, não constituirá ainda uma solução completa.

Esta impõe um trabalho atento de reeducação. Reeducação dos costumes administrativos de modo que os membros quaisquer do *governo nacional* trabalhem convergentemente, de modo a que assegurem uma *ordem completa*, capaz de permitir um *progresso geral*.

* * *

Contra a acção que convém exercer, muitas vezes se argumenta com os *princípios constitucionais*. Nós não somos constitucionalistas, mas repugna-nos admittir que a *Constituição* possa ser infensa ou que impeça as medidas necessárias à segurança mesma da nação.

Devem, portanto, dentro das normas constitucionais haver possibilidades de se decretarem as leis capazes de conduzirem à realização de um justo *desideratum* como é o *serviço militar geral e obrigatório*, impondo regras a observar, deveres a cumprir e, fornecendo os meios de compellir à sua observância os maus cidadãos.

* * *

Imponente papel está reservado no assunto ao Conselho de Defesa Nacional.

Este órgão governamental novo, por sua natural constituição, será capaz, logo que entre a funcionar normalmente, de exercer uma forte influência educativa e de provocar o surto de um conjunto de *leis necessárias*, federais, estaduais e municipais.

Immediata deverá ser sua acção no seio da *administração federal*, pois elle é eminentemente federal, fazendo desaparecer, no tocante às causas que interessam à defesa nacional as divergências ou indiferenças existentes nos diversos ministérios.

Podendo convocar para tomar parte em suas sessões os *cidadãos* que têm influência, encontrará aí um meio de conduzir os Estados, os municípios e as formações políticas a se interessarem e a procederem conforme convém aos supremos interesses nacionais.

Estamos crentes de que desde que os chefes dos Estados e certos homens de poder não ignorem as *necessidades* e conheçam suas graves responsabilidades, fácil será chegar-se a uma prática conveniente.

A criação do cavalo e o problema do serviço de remonta

por R. de FREITAS LIMA

Fazenda Rialto — Rezende — Estado do Rio

Voltando a escrever sobre a necessidade adiável de ser fomentada e melhorada a criação de cavalos no paiz, tenho sómente em vista chamar a atenção sobre tão magno sumpto.

A nossa produção cavallar é escassa, sem padrão determinado e não prima pela qualidade.

Aliás, este estado de cousas sempre verificou-se entre nós, sem que providencias práticas fossem estabelecidas e mantidas rigorosamente, como seria para desejar.

E' devéras estranhavel esta indifferença relativa à criação do cavalo, tanto mais que provavelmente está, mesmo com o advento de outros meios de transportes, que sem o cavalo não ha exercito, principalmente no nosso paiz, onde pesar da construcção de estradas de rodagem, ainda temos immensas regiões, onde só os cavalos pôdem transitar e sem elles os transportes e as operações militares serão impraticaveis.

Ora, mesmo invadindo seára alheia, pois não sou militar e muito menos technico em assuntos militares, tenho a convicção que armas, munições, equipamentos etc. pôdem ser mantidos em stock, mas sem termos uma criação numericamente suficiente e de boa casta como poderemos agir em qualquer emergencia?

Ha mais de 50 annos Gladstone disse no parlamento Inglez: "Apesar de todos os perdes o Brasil caminha sempre", mas, na produção cavallar não temos caminhado sempre, porque guardadas as devidas proporções entre as necessidades actuaes, os progressos da arte militar e os de 50 annos atraz, chego a conclusão que nada adiantamos, pois estamos, como sempre estivemos, em lamentavel atraso.



UM POUCO DE HISTORIA

Não tem faltado aos Poderes Publicos a orientação de competentes, quer em publicações, quer em conferencias, algumas datando e mais de 70 annos, como se verá adiante, mas o marasmo persevera, zombando das poucas medidas postas em prática e mesmo ministerio da Agricultura, a quem competia encarregar francamente o assumpto, nada tem apresentado, de apreciavel.

O que ainda mais impressiona é já terem sido ventiladas estas questões há mais de meio século e de uma forma, que com modificações impostas pela nossas condições actuaes e pelo

progresso da Zootechnia, poderão servir, perfeitamente, de base para uma acção decisiva e racionalmente prática. De facto, tenho à vista um livro — 2.ª edição de 1856 — com o título "Ensaios sobre a regeneração das raças cavallares do Brasil", escripto pelo Dr. F. L. C. Burlamaque, então brigadeiro reformado jubilado da Escola Militar, Director do Museu Nacional etc. e julgo de toda a conveniencia a transcripção de alguns topicos, que bem demonstram, que, já naquella época clamava-se por providencias contra a inercia dos Poderes Publicos, em relação á criação e melhoramento das raças cavallares.

Fazendo um estudo sobre os primeiros cavalos trazidos pelos conquistadores do Brasil e não aproveitados para a reprodução racional, o Dr. Burlamaque declarava: "A degeneração da raça cavallar é bem conhecida em todo o Brasil e o clamor contra este estado de cousas é geral.

O exercito não acha remontas convenientes e as despezas da guerra neste ramo são enormes e incessantes obtendo-se a troco de grandes quantias, cavalos de pequena estrutura e enervados.

No Sul do Imperio a degeneração tem sido mais deplorável, justamente naquella província onde os homens realizam a fabula dos Centauros.

A província do Rio Grande do Sul, até certa época, afamada pelos seus excellentes cavalos acha-se reduzida a uma raça sem elegância e sem nenhum vigor.

S. Paulo, Paraná e Sta. Catharina acham-se nas mesmas circunstancias e a besta substituiu o cavalo em quasi todos os seus usos.

Finalmente, na província de Minas, que sempre teve e ainda conserva o monopólio de fornecer remontas da cavallaria e os cavalos de luxo a esta Corte, a degeneração tem marchado de uma maneira menos rápida pelo estabelecimento da Coudelaria da Cachoeira, a qual entre os annos de 1829 á 1836 prestou valiosos serviços e a ella se deve o encontrar-se ainda bons cavalos.

Parece, porém, que a relaxação se introduziu nesta Coudelaria, como sempre acontece nos estabelecimentos mantidos por conta do Estado ou dos Príncipes, o que tem feito abandonar em toda a parte o uso dos Haras ou Coudelarias de luxo.

Reconhecido o mal, é do dever dos poderes do Estado procurar remediar-o, e com urgencia; enquanto a regeneração da raça

cavallar importa muito aos interesses do Estado e à fortuna publica.

O emprego indispensavel do cavallo nos exercitos por si só justificaria quaesquer despezas, todos os cuidados e esforços necessarios para evitar a completa degeneração das raças.

E' por todas estas considerações que os estados bem regulados têm sempre prestado a maior attenção á criação, ao aperfeiçoamento e á educação dos cavallos, como um objecto digno dos mais sérios cuidados.

Este objecto entra na legislação de todos os paizes cultos e todos julgando-se obrigados a fazer despezas consideraveis com a sustentação de coudelarias, com premios e com animação de todo o genero.

A nação que depender de outras para remontas da sua cavallaria, observa Mr. de Guatrefages arrisca-se a gastar sommas enormes ou a não poder empregar essa arma tão necessaria na guerra quer por effeitos de uma simples neutralidade, quer porque essas nações podem tornar-se inimigas.

Debaixo deste ponto de vista a questão do melhoramento das raças cavallares assume a mais alta importancia, porquanto da sua solução depende até certo ponto a segurança, a independencia e a gloria do Estado.

E' opinião de um homem que se pode citar como autoridade pela sua intelligencia e longa pratica — o Sr. Major Guilherme Suchow — de que em menos de dez annos, quasi todo o serviço que exige o emprego desses animaes poderá sómente ser feito por cavallos importados dos paizes limitrophes ou dos paizes d'alem mar.

Trata-se agora de apresentar aos legisladores os meios praticos de levar a criação e o melhoramento da raça cavallar a um pé digno de uma nação civilizada, sem todavia onerar muito os cofres publicos e da maneira a mais facil e efficaz.

As questões a discutir reduzem-se a tres:

1.^a — Dentre o grande numero de variedades de raças de cavallos, qual será a que mais nos convem e a que paizes se deve mandar buscar os primeiros garanhões ou pastores?

2.^a — Qual será o meio mais conveniente de obter os melhores garanhões, e de fazer a sua distribuição pelas províncias criadoras?

3.^a — Quaes as despezas a fazer com a aquisição e manutenção dos garanhões e as vantagens proveaveis obtidas como compensação dos sacrificios a fazer?

A primeira questão pôde resolver-se atendendo sobre tudo á economia ou attendendo sómente á perfeição absoluta da raça escolhida — Deve tambem attender-se á diferença dos climas?

A mais perfeita e pura raça de cavallos, que é a famosa raça Arabe, vive melhor do que em qualquer outra parte nos abrasadores areaes do Senaar; porém, outras raças excellentes vivem tambem na zona frigida; todavia são tantos os cuidados que se tomam nestas ul-

timas regiões para que o cavallo possa resistir ao frio, que pôde dizer-se que elle é um animal exoticó nas altas latitudes.

Consequentemente poder-se-ia mandar buscar garanhões a qualquer paiz, na certeza que elles se acclimariam facilmente em maior ou menor lapso de tempo, conforme a diferença de latitude e tambem conforme a natureza physica do paiz.

O cavallo arabe, persa ou barbo, quer um paiz de céo sereno, uma atmosphera secca e areaes aridos, o clima e circumstancias da maior parte das provincias do norte, conviriam perfeitamente a estas raças.

Pôde citar-se como um exemplo da facilidade de acclimação da raça cavallar, os cavallos comprados na Inglaterra em 1825 para garanhões da Coudelaria da Cachoeira — Estes cavallos viveram muitos annos e produceram as bellas cavalhadas que vinham daquella Coudelaria até 1837.

Desde então ficou tudo em abandono; não se escolheram mais os garanhões e as eguas misturadas com os cavallos começaram a produzir a raça bastarda que hoje se observa e que constantemente definha.

Dous particulares os Srs. José Ferreira Porto e Marianno Procopio Ferreira Lage, um na província do Rio Grande do Sul e outro na de Minas, tentaram renovar as suas cavalhadas, mandando buscar garanhões de boas raças.

Estes ensaios, dignos do mais subido louvor passaram desapercebidamente e sem nenhuma animação, quer do Estado, quer do publico.

Os cavallos do Cabo da Boa Esperança, muito conhecidos nesta Corte, são oriundos de Cavallos ingleses importados daquella Colonia, ha coisa de 60 annos, cruzados com os da raça indigena e hollandeza — Estes cavallos por longa experiençia têm provado ser os mais convenientes ao paiz, já pela analogia de clima, já por se haverem acostumado á alimentação dos cavallos indigenas.

Para dar-se uma solução á segunda questão, convém conhecer os systemas empregados pelas nações cultas para o aperfeiçoamento das raças e escolher dentre estes systemas aquelle que mais possa convir ás circumstancias do paiz. Estes systemas reduzem-se ao establecimento de coudelaria por conta do Estado, na contribuição de garanhões pelos criadores ou gratis ou por venda razoável e em premios e animações de toda a especie.

O melhor sistema, o mais proficuo é sem duvida aquelle que fizer ligar o interesse geral com o interesse particular; aquelle que melhor servir para estimular a criação e o aperfeiçoamento da raça cavallar, sem onerar muito as rendas publicas, nem obrigar os particulares a grandes sacrificios.

O sistema de distribuição de garanhões gratis ou de sua venda aos criadores, seria sem duvida mui proficuo.

A terceira questão pôde examinar-se de uma maneira satisfatória. Podem-se comprar no Cabo da Boa Esperança cavallos escolhidos, que sirvam de bons garanhões, por 400\$000 ou 500\$000 cada um, seja este ultimo o preço etc. etc."

Em 11 de Maio de 1874 o Ministro da Guerra — Conselheiro João José de Oliveira Junqueira, em carta escripta ao Sr. Luiz Jacome de Abreu e Souza — o precursor da equitação racional no nosso País — convidou-o para dirigir uma Coudelaria que o Governo Imperial pretendia estabelecer na Província do Rio Grande do Sul.

Visto a sua acquiescência, foi-lhe confiada a missão de escolher um local que melhor se prestasse ao estabelecimento de uma Coudelaria Militar, nas condições de poder, em qualquer tempo, fornecer boas remontas à cavalaria do nosso Exército; verificando também se o rincão de Saycan poderia servir para os fins que se tem em vista, ainda que necessário fosse o emprego de algum trabalho de arte tudo conforme rezava o aviso do Ministério da Guerra, de 18 de Julho de 1874.

Partindo da Corte em 4 de Agosto daquelle anno, Luiz Jacome, logo após a sua chegada, obtinha na Thesouraria Provincial em Porto Alegre, uma relação das fazendas nacionaes e um mappa da de Saycan, que foi a primeira fazenda por elle visitada.

No seu livro "O cavallo", Jacome descreve minuciosamente a fazenda de Saycan e o seu exame sobre a natureza do terreno em varios pontos, quasi todo elle constituido de areia, á exceção de uma pequena parte onde estava edificada a casa de um dos arrendatarios, na colonia mais alta da fazenda, ainda assim terreno pobre, quasi esteril, concluindo que a propriedade de Saycan não servia para os fins que se tinha em vista, a menos que se não fizesse uma despeza excessiva com o seguinte:

- 1.º — Despejar a povoação legalmente estabelecida,
- 2.º — Acabar com as estradas de que o publico estava no gozo há muitíssimos annos.
- 3.º — Tornar os campos produtivos por meio do emprego de estrumes em grande quantidade,
- 4.º — Fazer importantes obras de arte para resguardar o Estado do roubo de cavallos, tão commum na província, onde os ladrões não respeitavam nem a fazenda do Commandante das Armas, em o ídolo dos rio-grandenses — o Marquez do Herval.

As outras 3 fazendas do Estado, a do Bojuru, S. Vicente e Santo Angelo, não foram visitadas por Jacome, porque elle já sabia serem: uma de solo improficio todo de areia e mui salitrado, outra situada na Comarca de Missões perto das fronteira e a ultima por ser pequena, apenas uma legua de circumfe-

rencia. Lançou então, Jacome, suas vistas sobre a linha do Sul, de S. Gabriel até Pelotas e encontrou 2 campos em condições de bem servir: a Fazenda de Vaccacary em S. Gabriel com 3 e meia leguas e a do Rincão do Liscano com 3 leguas e sessenta e oito decimos de legua, a pouco menos de 5 leguas do Passo de Maria Gomes, sobre o rio Piratinim.

Ambas estas fazendas tinham pastagens magníficas, principalmente a segunda, cujas terras eram de uma fertilidade espantosa, mórmore nas margens do rio.

Tinha esta fazenda, além da extensão necessaria para um estabelecimento auxiliar com referencias ás remontas de cavallaria e do seu sólo uberrimo, aguadas excellentes, campos divididos, edificios aproveitaveis, matta onde existia muita madeira de lei, a vantagem de estar ao abrigo de furtos de cavallos e situada em ponto a que Jacome ligava muita importância, de conformidade com as razões expandidas no seu relatorio de 1874 e que aqui transcrevo:

"O estabelecimento que o Governo Imperial trata de criar tem a meu ver, dois fins: um claro e explicito, que é fornecer em qualquer tempo, boas remontas para a cavallaria do nosso Exército outro, que desse se deduz, que é promover na província do Rio Grande do Sul o melhoramento da industria Cavallina, afim, de que ella se colloque nas condições de poder, em caso de Guerra, fornecer em grande escala, cavallos aptos para o serviço militar, o que actualmente não acontece.

Não se illuda o Governo Imperial com o estabelecimento em projecto, elle não poderá em tempo algum, sejam quais forem os meios e os esforços empregados, fornecer um numero tal de cavallos de sua criação, que possa satisfazer a qualquer emergencia; é á industria particular que o Governo Imperial ha de pedil-o e elle está a tal ponto aniquilada, que bem carece do exemplo, do impulso, da facilidade na aquisição de bons pastores e eguas, que vae encontrar na Coudelaria de que se trata; esse sim, será o fim que o Governo alcançará infallivelmente.

Encarando, pois, a coudelaria como escola-modelo, de cultivo de forragens, de criação e adestramento do cavallo militar — e é neste sentido que eu trabalho com afan — elle ficará perfeitamente situada no rincão do Liscano, porque elle está a poucas horas de viagem, quer por terra, quer pelos rios, dos dois grandes centros commerciaes da província: Pelotas e Rio Grande.

Estas duas importantes cidades, attrahem todos os verões uma grande parte da população da campanha; uns vêm vender os productos dos seus campos outros vêm em busca de mercadorias e uma parte, não pequena, vem divertir-se, porque é forgado dizer: Pelotas é o Paris do rio-grandense da campanha.

Ora, collocada a Coudelaria militar ao facil alcance de todos esses caminhantes, nin-

guem deixará de visitá-la, mórmente se forem atraídos por alguma festa annual, como seja uma corrida de cavalos, e cada um que lá fôr levará necessariamente para sua casa, o que a todos falta, isto é: os conhecimentos úteis com relação á industria que se procura desenvolver e animar.

E' considerada como escola-modelo, que a Coudelaria Militar poderá prestar ao paiz reaes valiosos serviços, mudando completamente a face de seus recursos militares actuaes.

E' este o meu pensamento inteiro e completo, que estou prompto, desejo e tenho empenho em executar".

No mesmo seu livro, Jacome, apresenta um projecto e orçamento das despezas a serem feitas para montar na fazenda do Liscano a Coudelaria Militar, na parte referente ás aquisições de animaes era de opinião que fossem adquiridos:

15	garanhões de puro sangue,
15	eguas de puro sangue,
5	garanhões de tiro pesado
5	eguas de tiro pesado e
1000	eguas argentinas

Luiz Jacome ainda escreveu em 1873 e 1874 duas monographias: "O Cavallo da Província do Rio Grande" e "Cavallo da Província do Paraná" e ambas estão cheias de ensinamentos, que infelizmente não foram seguidos.

Por ser interessante vou transcrever o que elle disse na segunda dessas monographias sobre o cavallo arabe, como regenerador da raça no Ceará.

"A Província do Ceará parece-me predeterminada para ser o ponto do Brasil, onde com insignificante despeza será facil conservar, sem determinação, o cavallo de sangue puro, tal qual existe nos desertos do Sahara, no centro norte da Africa. A natureza dos dois sólos, seus respectivos climas, as forragens finas e delicadas que aquelles produzem, em consequencia destes, tudo emfim entre esses dous torrões do nosso globo, se assemelha tanto como seus nomes.

De facto, apesar da lingua tão differente, nota que a semelhança é grande entre Ceará e Sahara.

Quero daqui concluir que, sendo facil conservar-se nos desertos do Sahara o typo da especie, o cavallo conhecido pela designação de sangue puro ou de arabe, apesar do pouco cuidado que delle pôde ter um povo nomade, dividido em tribus, que a todo momento saqueam-se mutuamente; e attendendo á perfeita semelhança da topographia dos dois países, facil e pouco dispendioso será conservar-se no Ceará esse typo, sendo alli confiado ao homem civilizado.

O argumento mais forte, que tenho para sustentar esta opinião, é o proprio cavallo do Ceará: diminuiu elle em cultura e corpulencia degenerou bastante é verdade, mas é em tudo semelhante ao arabe donde proveiu.

E' com certeza o cavallo mais forte do Brasil; é de uma sobriedade igual á da mula, caminha dias inteiros consecutivos, recebendo apenas á noite uma fraca ração de grãos; é elle que transporta o algodão e outros generos que o norte produz, do sertão para o litoral; conduz 10 arrobas e sobre elles o matuto encarregado da trópa.

E' elle emfim que faz o arduo e quasi incrivel trabalho com o gado vaccum, atravessando cerrados de espinhos por onde faz timbre o vaqueiro de seguir, passo a passo a rez que persegue: steeple-chase original, capaz de satisfazer á mais excentrica cabeça, dentre os spleeneticos filhos da velha Albion — nesse arrojado lidar, o sertanejo do Ceará e do Piauhy cobertos com sua vestimenta de couro se mostra superior ao destemido cavalheiro chileno dos Andes, que á toda brida vendando o seu cavallo com o ponche, obriga-o a lancar-se nos precipios.

E' pois o Ceará, eu creio, o lugar onde se deve montar uma coudelaria para a criação exclusiva do puro sangue (arabe); a despesa de conserva desse estabelecimento será insignificante, e esfou convencido que sua receita ha-de cobril-a vantajosamente.

Por este meio, o Brasil possuirá, em uma de suas províncias o typo da especie, para nunca mais ter de recorrer ao estrangeiro."

A simples leitura, dessas transcripções deixa patente a igualdade de vistos dos dois competentes sobre criação de cavalos — Dr. F. L. C. Burlamaque e Luiz Jacome — e se o primeiro achava conveniente para o Sul o cavallo do Cabo da Boa Esperança, é porque os seus escriptos datam de perto de vinte annos antes dos de Luiz Jacome e naquelle epoca os cavallos ingleses de puro sangue não tinham ainda sido francamente adoptados para a producção do cavallo de serra.

Convém notar tambem que ambos ligavam a maior importancia á cooperação dos criadores, o que prova que já naquellas remotas épocas o Estado era incapaz de produzir cavalos em numero sufficiente para os serviços do Exercito.

Infelizmente essas boas directrizes não lograram uma realisação efficiente, pois a monarchia, nada nos legou, a não ser a Invernada de Saycan, sorvedouro de dinheiro e deposito de cavallos de má raça e de vetustas eguas, cujos couros mais valiam que elles proprias.

O Sr. General José d'Assis Bazil, * em conferencias e escriptos, manifesta-se decididamente a favor do cavallo arabe-beduino, para regenerar o que temos da raça cavallar e não admite outros reproductores.

E' um ponto de vista apreciavel e até certo ponto louvável a sua attitude, por agitar esta questão tão descurada entre nós, mas me parece que o cavallo arabe para o Sul do nosso

"O cavallo que nos convém".
1920 — Livraria Brasil — Porto Alegre — Importamos garanhões puro-sangue arabe-beduino — 1921 — Porto Alegre.

A Defesa Nacional

GRUPO MANTENEDOR

J. B. Magalhães, Mario Travassos, Alexandre Chaves (Directores) —
Muniz Barreto (repres. naval) — Frederico Duarte (repres. civil) —
A. Pamphiro, Sayão Cardoso, Verissimo, Carnaúba, Bina Machado,
Humberto Castello Branco, Fernando Saboya (da. Red.) — Toscano
Lage Sayão (da Adm.)

CORPO DE REPRESENTANTES

No Rio de Janeiro

Q. G. 1.^a R. M. — Cap. Edgard Oliveira.
D. G. — Ten. Quintella.
D. M. B. — Cap. Waldemar B. Aquino.
D. G. I. G. — Cap. Raymundo S. Barros.
Dir. Av. — Cap. Aguinaldo Caiado de Castro.
Ars. Guerra — Ten. Antonio A. Borges.
Fabr. Cartuc. — Ten. Sebastião M. Barreto.
M. M. F. — Ten. Jorge B. Guimarães.
S. G. M. — Cap. Heraldo.
E. E. M. — Cap. Pery Beviláqua.
E. A. O. — Ten. Octavio Paranhos.
E. Av. M. — Ten. Dubois.
E. M. — Cap. Luiz Procopio.
Alumno João Bina Machado.
E. Int. — Ten. Ferich.
C.M. — Ten. Berzelius.
E.S.I. — Ten. Ignacio Rolin.
2.^a R. I. — Cap. Vicente Formiga.

3.^a R. I. — 1^o Ten. Aristoteles Ribeiro.
1.^o R. C. D. — Ten. Alfredo A. Silva.
15.^o R. C. I. — Ten. Pletz Espindola
1.^o R. A. M. — Ten. Antonio H. A. Moraes.
2.^o R. A. M. — Ten. Antonio Maráu.
1.^o G. I. A. P. — Ten. João M. Lebrão.
Forte Copacabana — Ten. Geraldo de Almeida
Fortaleza Santa Cruz — Ten. Faustino.
For. Vigia — Cap. F. Fonseca.
Fort. Lage — Cap. Octavio Cardoso.
1^o G. A. Meth. — 1^o Ten. Rocha Lima.
1^o B.E. — Cap. Adalberto Albuquerque.
1^o Cia. F. Viaria — T.n Nylson.
C. C. C. — Ten. Adalberto Coelho.
F.S.D. — Ten. Waldemar Fretz.
Regimento Naval —
P. M. D. F. — Cap. Souto Mayor.
Club Off. Res. — Cap. Valença.
C.P.O.R. — 1^o R.M. — Ten. João M. Lebrão.

Fóra do Rio de Janeiro

Q. G. — 2.^a D. I. — São Paulo —
Q. G. 3.^a D. I. — P. Alegre — Cel. Amilcar Magalhães.
Q. G. 4.^a D. I. — Juiz de Fóra — Cap. Pinto Pacca.
Q. G. Circuns. Mato-Grosso — Cap. Alcêdes.
Q. G. da 5.^a R. M. — Curityba — Cap. Aché.
Q. G. 7.^a R. M. — Recife — Ten. João Facó.
Q. G. 8.^a R. M. — Pará —
Fab. de Polvora — Estrella — Cap. Waldemar Santos.
Ars. de Guerra — P. Alegre — Cap. A. Correia Lima.
C.M. — Porto Alegre — Ten. Nestor Souto.
C. M. — Ceará — Ten. Tulio Belleza.
4.^a R. I. — Quitaúna — Cap. Augusto J. Souza.
6.^a R. I. — Caçapava — Ten. Arlindo Nunes.
7.^a R. I. — Sta. Maria — Cap. Frederico Botelho.

8.^a R. I. — Ten. Cicero Marques.
9.^a R. I. — Rio Grande — Ten. Edgard Buxbaum.
10.^a R. I. — Juiz de Fóra — Ten. Armando B. Moraes.
11.^a R. I. — S. João d'El-Rey — Ten. Hugo Faria.
13.^a R. I. — Ponta Grossa — Cap. Raymundo Fontinelli.
1^o B.C. — Petropolis — Ten. Bonorino.
2^o B.C. — S. Gonçalo — Ten. Francisco P. Quedes.
3^o B.C. — Victoria —
4^o B.C. — S. Paulo — Ten. Salgado dos Santos.
6^o B.C. — Ipamery — Ten. João C. Gross.
7^o B.C. — Porto Alegre — Cap. Jeronymo Braga.
9^o B.C. — Caxias — Ten. João J. Vieira.

- 10º B.C. — Ouro-Preto — Cap. Mariano Chaves.
 13º B.C. — Joinville — Cap. Cesar Gonçalves.
 15º B.C. — Curyba — Ten. Domingues dos Santos.
 19º B.C. — Bahia — Ten. Joaquim Monteiro.
 21º B.C. — Recife — Ten. Oliveira Leite.
 22º B.C. — Parahyba — Ten. Carvalho Lisbôa.
 24º B.C. — S. Luiz — Ten. José Maria Rodrigues.
 25º B.C. — Therezina
 28º B.C. — Aracajú — Ten. Isaias.
 2º R.C.D. — Pirassununga — Alcides Laurindo.
 3º R.C.D. — Jaguarão — Ten. Lelio Miranda.
 4º R.C.D. — Tres Corações
 1º R.C.I. — Boqueirão — Ten. Ortegaal Novaeas.
 2º R.C.I. — S. Borja — Ten. Anaurelino.
 3º R.C.I. — São Luiz
 4º R.C.I. — Sto. Angelo — Major Soares da Silva.
 5º R.C.I. — Uruguaiana —
 6º R.C.I. — Alegrete —
 8º R.C.I. — Rosario —
 10º R.C.I. — Bella Vista — Cap. M. G. Nogueira.
 11º R.C.I. — Ponta Porã — Major Valentino Benicio.
 12º R.C.I. — Bagé — Ten. Emilio Medice.
 14º R.C.I. — D. Pedrito — Ten. Hercio Lemos.
 R.A.Mixto — Campo Grande — Ten. Cid. Oliveira.
 4º R.A.M. — Itú — Cap. Manoel Nobrega.
 5º R.A.M. — Santa Maria — Cap. Léo Cavalcanti.
 6º R.A.M. — Cruz Alta — 1º Ten. Frederico Droumond.
- 8º R.A.M. — Pouso Alegre — Ten. Clovis S. Barros.
 9º R.A.M. — Curityba — Ten. Oscar G. Amaral.
 3º G.I.A.P. — Cachoeira — Ten. Orlando Geisel.
 5º G.A.Mth. — Valença — Cap. Hermes de M. Portella.
 1º G.A.Cav. — Itaqui — Cap. Euclides Sacramento.
 2º G.A.Cav. — Alegrete — Cap. Fabricio.
 3º G.A.Cav. — Bagé — Ten. Balthazar.
 5º G.A.Cav. — Sta. Anna do Liv. — Cap. Americano Freire.
 Forte de Itaipús — Ten. Abelardo Marcondes.
 Guarnição de Bello Horizonte — Ten. Coelho Reis.
 Guarnição de Florianopolis —
 Guarnição de São Gabriel — Cap. Geraldo Da Camino.
 Força Pública — São Paulo — Cap. José M. dos Santos.
 Força Pública — Recife — Cap. José A. Figueiredo.
 Força Pública do E. do Rio — Cap. Collares Moreira.
 Brigada Militar — R. G. do Sul — 1º Ten. Alcindo Nunes Pereira.
 1º Batalhão da B. M. — Porto Alegre — Acácio F. Oliveira.
 Força Estadual — Ceará — Ten. R. Jourdan.
 Força Estadual — Sta. Catharina — Ten. Durval Magalhães.
 Força Estadual — Matto-Grosso — Major Aristides Prado.
 C.P.O.R. 3º R.M. — Porto Alegre — Capitão Salvador Obino.

----- Director de publicidade Odilon de Queiroz Jucá -----

ATTENÇÃO

Vae mudar a côr da capa

(1º SEMESTRE 1929 — CAPA AMARELLA)

Lembramos aos nossos prezados representantes e assignantes:

a) este é o ultimo numero da assinatura especial do trimestre Outubro — Dezembro;

b) Com o numero de Janeiro começará as assignaturas normaes de semestre.

c) não basta pagar, mas é preciso PAGAR ADEANTADO e a remessa das importâncias á Thesouraria da Revista deve ser feita com a INDISPENSABEL OPPORTUNIDADE;

d) seremos obrigados, pelos encargos assumidos, a considerar SEM LI-
GAÇÃO qualquer assignatura que SE
NÃO TENHA QUITADO ATÉ' O MEZ DE FEVEREIRO (incl.), suspendendo,
em consequencia, a remessa da Revista.

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director: J. B. MAGALHÃES

Secretario: MARIO TRAVASSOS

Gerente: A. CHAVES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO OUVIDOR, 164

ANNO XV

Rio de Janeiro, Dezembro de 1928

N. 180

Edição de 60 paginas

SUMMARIO

EDITORIAL

O SERVIÇO MILITAR E SUA SITUAÇÃO ACTUAL.

COLLABORAÇÃO

<i>A criação do cavallo e o serviço de Remonta</i>	R. Freitas Lima.
<i>Sempre Oportuno</i>	Cap. Corrêa Lima.
<i>A aeronautica na Republica Argentina</i>	Major V. Benicio da Silva.
<i>Vulnerabilidade dos artilheiros</i>	Tte. Cel. Cilio Portella.
<i>Estudo do Destacamento</i>	Cap. Heitor Bustamante.
<i>Instrucção de Conjunto no R.C.</i>	Major Colin.
<i>Trez Conferencias (Infantaria)</i>	Tte. Cel. Barrand.
<i>Assumptos Navaes</i>	Comt. Muniz Barreto.

DA REDACÇÃO

Vae mudar a cor da capa - Os exercitos do A B C (Excerpts) - Os civis e a defesa nacional (excerpto) - In memoriam! - Como se fazem os Exercitos Efficientes - O serviço militar obrigatorio e a preparação material Aviação, Exercito e Marinha - Si no es vero - A propósito dos commandos das Bdas C - A guerra - Para ter cavallaria (exc) - O problema da educação cívica - Mudança de mentalidade - As forças armadas - Subsídio para as esquadras da reserva - O Exercito e a defesa nacional - Expediente - Bibliographia - Estatutos de « A Defesa

Nacional »

Estatutos de A Defesa Nacional

(Revisão autorizada em Assembléa de 15-8-928 e aprovada em Assembléa de ...9-928)

Art. 1º — Sob a denominação de A DEFESA NACIONAL, fica instituída, com sede na Capital Federal, uma sociedade civil composta de oficiais da activa do Exército, destinada a propugnar pelas questões que, directa ou indirectamente, interessem a defesa militar da Nação, em todos os seus aspectos.

Paragrapho único — A sociedade actuará pelo estudo dessas questões e pela propaganda dos seus ensinamentos, e da forma por que a sua direcção julgar conveniente, mas como instrumento precípua da sua actividade, manterá a publicação de uma revista, intitulada — A DEFESA NACIONAL.

Art. 2º — O funcionamento da sociedade e a consecução de seus fins são assegurados pelos respetivos membros, em número de 12 e constituindo o GRUPO MANTENEDOR de A DEFESA NACIONAL, e, em suas relações com o meio exterior, também por um CORPO DE REPRESENTANTES, composto de illimitado número de membros.

Sempre que possível, deve fazer parte do G. M. um oficial arregimentado por arma. A título de ligação com o meio civil e com a Marinha de Guerra poderão ser acreditados, junto ao G. M., um civil e um oficial em serviço activo da Armada.

§ 1º — As vagas que se derem no G. M. serão preenchidas por eleição, que terá lugar 30 dias após a verificação das mesmas. Será considerado eleito o candidato que obtenha os votos de três quartos dos membros presentes no Rio.

§ 2º — As exclusões do G. M. verificar-se-ão: por morte; a pedido; por não comparecimento a duas sessões consecutivas do G. M.; por estadia superior a três meses, fóra do Rio de Janeiro; por incompatibilidade funcional ou moral com A DEFESA NACIONAL.

§ 3º — O Corpo de Representantes será organizado pela Direcção (art. 4º), por indicação de qualquer membro do G. M. ou do C. R., sempre com a aprovação unânime dos membros da Direcção, conforme aos interesses superiores de A DEFESA NACIONAL.

Art. 3º — O G. M. se reunirá em assembléa geral:

— ordinariamente, em Junho e Dezembro, para tomada de contas e deliberações outras a juízo da Direcção;

— extraordinariamente, sempre que convocada pelo Director ou por solicitação de um terço de seus membros presentes no Rio.

Art. 4º — A Direcção de A DEFESA NACIONAL é provida por um director, um secretário e um gerente, dispenso esses dois últimos, respectivamente, de uma Redacção e uma Administração.

Os membros da Direcção serão eleitos pelo prazo de um ano civil, terminando os respectivos mandatos a 31 de Dezembro, podendo ser reeleitos por mais um ano.

§ 1º — O Director será substituído nos seus impedimentos temporários pelo Secretário. O Secre-

tário ou o Gerente, por sua vez, serão substituídos por qualquer dos membros do G. M., por designação do Director.

§ 2º — As vagas ocorridas durante os oito primeiros meses do mandato, serão preenchidas por eleição. As ocorridas posteriormente a esse prazo serão preenchidas de acordo com o parágrafo 1º.

§ 3º — A eleição annual, caso do art. 4º, realizar-se-á na assembléa ordinária de dezembro, e a extraordinária, caso do § 2º, em assembléa convocada para esse fim, na forma do art. anterior.

Art. 5º — A Revista aparecerá, normalmente, no dia 20 de cada mês. Por motivo de força maior ou acumulo de matéria, poderá, uma vez por mestre de assignatura, a juízo da Direcção, ser distribuído um número duplo, isto é, correspondendo, cronologicamente ou em volume, a dois meses da respectiva assignatura.

§ 1º — Para os trabalhos com a publicação da Revista a Redacção deve dispôr dos técnicos necessários ao julgamento das páginas apresentadas e a Administração de um adjunto do Gerente e um Tesoureiro, designados dentre os membros do G. M. pela Direcção; outros sim, a Direcção poderá contratar um serviço de publicidade (materia paga), mediante aprovação em Assembléa.

§ 2º — A Direcção de A DEFESA NACIONAL cabe a responsabilidade da edição; aos colaboradores a das opiniões emitidas em seus artigos.

Art. 6º — Financeiramente, a A DEFESA NACIONAL comporta:

como receita — o produto das assignaturas, dos anúncios, bem como qualquer prémio que lhe seja reservado;

como despesa — os encargos provenientes da confecção e expedição das edições, aquisição de material e expediente e pagamento de funcionários.

§ 1º — O preço das assignaturas e dos anúncios da Revista, bem como o dos números avulsos, será estabelecido cada anno, na segunda assembléa ordinária; o preço de obras editadas será fixado de modo que apenas cubra as despesas, inclusive com a divulgação, venda e expedição, segundo acordo escrito com os respectivos autores.

§ 2º — Quando seja o caso, poderá-se confiar a impressão e a exploração comercial da Revista a empresa editora idonea, mediante acordo que, dentre as suas clausulas, precisará os meios de controle e a percentagem a reservar-se, dos saldos liquídos, para A DEFESA NACIONAL.

§ 3º — O saldo verificado na Thesouraria de A DEFESA NACIONAL será empregado na publicação de trabalhos de reconhecida utilidade militar, reedição de regulamentos esgotados e incorporação ao fundo de reserva de uma parcela a fixar-se semestralmente em Assembléa Geral. Além disso, com o fim de trazer à Revista, a colaboração de notáveis competências do país, parte desse saldo será destinado à remuneração eventual de artigos interessando à defesa nacional e que, a concenso da

(Segue na 3ª capa)

B I B L I O G R A P H I A

R E V I S T A S

N. DA R. — As Revistas aqui apresentadas se encontram na Biblioteca de nossa Redacção, convenientemente catalogadas, podendo ser consultadas por qualquer camarada, ás segundas, quartas e sextas, das 16 ás 18 horas.

Recebemos e agradecemos:

A) — NACIONAES:

Liga Marítima Brasileira — (Agosto e Setembro). — Preparemo-nos para as grandes lutas da paz e da guerra. — Asseguremos a nossa proeminencia marítima. — Conceitos infundados sobre o radiogoniometro. — Programma naval chileno. — A morte de um dos pioneiros do maravilhoso voo Roma a Natal. — A origem dos grandes palacios fluctuantes deste seculo. — O vapor á propulsão dos navios. — A estação marítima de passageiros. — Governo do Amazonas. — O mate, bebida sul-americana por excellencia, é preferivel ao chá da India. — A marinha mercante franceza. — Falando a um governante. — O petroleo e o progresso moderno. — As passagens nos vapores nacionaes. — O grande voo de De Pinedo sobre a Amazonia. — Um relatorio sobre a situação do porto de Santos. — As obras do Porto de Calláo. — A commemoração do centenario de Paz entre o Brasil e a Argentina. — A morte de um famoso aviador inglez. — O monumento dedicado á confraternidade sul-americana. — Em torno ao acordo naval franco-inglez. — O "Duilio" e a sua saudação á America Latina. — De Fortaleza a Belém do Pará em jangada. — Antuerpia, porto de transito. — A propaganda do mate paranaense no Amazonas. — O navio-tanque encommendado pela Argentina. — A commemoração da victoria do Marne. — O porto de Southampton e a sua importancia commercial. — Inauguração de retratos no Museu da Marinha. — D. Margarida de Oliveira Barros. — A ponte em construção sobre o Hudson. — Sete de Setembro, a grande data brasileira, brilhantemente commenorada. — Pela Marinha Mercante Nacional. — A ligação dos ramaes ferreos e a revisão da nomenclatura de villas e cidades. — A nova directoria do Lloyd Brasileiro. — O augmento da frota franceza de guerra. — Louvaveis attitudes de companhias de navegação.

O Forte de Copacabana (N. 1). — Palavras iniciaes. — A tradição das tropas de escol. — Dourdos. — O Sorriso. — Guarnições militares do Brasil colonia. — Defesa de costas. — Supremacia do canhão nas batalhas navaes e guerras costeiras modernas. — Uma nova phase para a artilharia de costa. — Novos problemas de organização do terreno. — Canções militares: "Les soldats de l'an II". — Primeiro ataque ao Forte de Coimbra. — A Paz e a Guerra. — Effectivos do Forte em 1928. — O canhão. — Instalações do Forte. — Homenagem aos officiaes que serviram no Forte de Copacabana. — Tiros de Instrucción do 2º período. — A guerra chimica. — A artilharia do futuro. — Forte de Copacabana. — Historico de sua construcção. — Homenagem aos conscriptos de 1928. — Operações de desembarque. — Thema tactico de artilharia de costa. — Pela instrucción physica. — Noticiario.

B) — ESTRANGEIRAS:

BOLIVIA

Revista Militar (Agosto). — Os ultimos e interessantes systemas de pilotagem e navegação aerea.

— Questões de cavallaria. — Cavallaria transportada em caminhões? — Serviço de transmissões ou comunicações e sua applicação tactica na guerra de movimento. — O problema da organização e as dotações na infantaria. — Standardização do material sanitario (v. nota em "La guerra y su preparacion", Hespanha, de Agosto). — Chronica (onde se destaca um patriotico discurso pronunciado por um Tenente por occasião da benção e entrega de uma bandeira á Escola de Classes).

COLUMBIA

Revista Militar del Ejercito (Junho e Julho). — Os collaboradores do chefe. — Alimentação no Exercito. — Aviação. — A ligação dos commandos. — Reconhecimentos militares. — Idéas sobre a organização da cultura physica no Exercito da Columbia. — Synthese da conferencia "Extensão cultural no Exercito". — Os pombos correios. — Notas da Direcção. — Allocução do Senhor Presidente da Republica. — Bolivar, Senhor da liberdade e Pae de nossa Patria. — A oração pela Patria. — O dia da Patria. — Bolivar, orador militar. — Proclamações do Libertador. — Trabalhos do Batalhão de Engenheiros "Caldas". A infantaria. — N. da Redacção. — Bibliographia e illustrações.

MEXICO

Revista del Ejercito y de la Marina (Junho). — Conselhos para o commando. — Conferencia. — Armas portateis. — A instrução do tiro com o fuzil metralhadora. — Cuidado com os cavalos em campanha. — Efeitos dos projectis e condições geraes de seu emprego (tradução e adaptação das "Instruction Generale sur le tir de Artillerie" do Exercito Francês para o Mexicano, pelo Capitão 2º engenheiro Fernando Crus). — O serviço geographico em nosso exercito. — Dados e argumentos para justificação do nosso programma de desenvolvimento aeronautico. — O Arsenal de operações navaes norte-americano. — O sitio de Guatla.

El soldado (Junho). — O dom do commando. — Figuras militares notaveis. — Questões de tiro. — Noções geraes de geographia. — A guerra e a necessidade de estar preparado para ella. — Noções de instrução civica. — Contra o alcoolismo. — A força do exemplo. — O soldado. — A obesidade é um peso na vida. — Já não rezo. — Importância das escolas para os reclusos. — Até á vista. — Quando se erigirá o monumento. — Sic transit gloria mundi. — Quadros militares. — Notas curiosas.

Ares (Junho). — Disciplina. — A campanha de guerrilhas e o esquadrão de cavallaria. — Uma amena excursão campestre que termina em operação militar. — Contra o aperto de mão. — Prisões militares. — Oração do livro. — O dinheiro e a saúde. — Alguma cousa que muitos cidadãos cheios de instrução já esqueceram. — Galeria Militar. — Seleções literarias. — Secções de xadrez. — Notas do Estado. — Contra o mau humor.

URUGUAY

Revista Militar y Naval (Agosto) — O ideal patriotico. — Um importante livro sobre a cavalla-

ria (apreciação do Gen. F. Diaz, inspector geral do Exército do Chile, sobre o livro do General V. Bories, do Exército Alemão, intitulado "A cavallaria de Exército na guerra de movimento", e especialmente escripto para a "Revista"). — Os novos projectos e sua influencia sobre materiais de guerra (sobre a mudança de projectos de artilharia no Exército Chileno). — Historia das tropas de comunicações no Exército Alemão. — Curso elementar de mecanica. — A motocycleta. — Os cavalos de Napoleão. — A tactica moderna da artilharia. — Cavallaria. — Levantamento topographico por meio da photographia aerea. — Marcha da cavallaria em atumovéis. — Considerações sobre o papel dos engenheiros militares. — Notícias militares do estrangeiro.

Alerta! (Agosto). — Nossa independencia. — O General Garzon. — Epopéia gloriosa. — O Cerro de Montevideo. — Ansina. — Repatriação de seus restos. — A Escola Militar. — Canto ao Perú. — 25 de Agosto. — O General Henrique Martinez. — A Patria. — Passo "De la Boyada". — A bandeira nacional. — A Patria. — Para chegar ao triunfo. — Maximas militares. — Nossa revista. — Interrogamos. — Página humorística. — Recordações do "Poca Ropa". — A primeira geada. — Disposições de carácter geral. — Informações militares.

HESPAÑA

La guerra y su preparación (Julho). — O comando e o estado maior. — Standardização do material sanitário (interessante these apresentada á

Comissão Technica International de Genebra, pelo Ten.-Cel. Medico A. van Baumberghem, e já traduzida para o francês, o italiano, o polaco, o português, o rumano, o inglez e o alemão). O balão captivo é apenas um observatorio de artilharia? — Informações sobre a ORGANIZAÇÃO DO EXERCITO BRASILEIRO, pelo Cmt. Checel, addido militar espanhol em Buenos Aires. — A cooperação aero-terrestre.

Revista de las Españas (Agosto). — O cultivo das humanidades com laço de união ibero-americana. — Parenthesis ante-geographicos. — A Hansa alemã. — Fomentando o turismo na Hespanha. — Sobre a cidade natal do Padre Victoria. — O regime jurídico e de responsabilidade na America Indiana. — Revista literaria americana. — Índice de revistas. — Informação política e social hespanhola e ibero-americana. — Informação económica hespanhola e ibero-americana. — União Ibero-Americana. — Livros recebidos.

POR TUGAL

Revista Militar (Julho-Agosto). — As conferencias da Revista Militar. — Agricultura pelo Exercito. — Orçamento militar na Africa do Sul. — Seleção profissional. — Auto-metralhadoras. Canhões de cavallaria. — A regulamentação da educação physisca no Exercito. — Soluções táticas. — O Tenente-Coronel Affonso Lopes de Macedo. — Chronicas: Militar, Marítima, Colonial e Desportiva. — Bibliographia. — Summario das revistas.

A ORGANIZAÇÃO MILITAR DA NAÇÃO

"R e m o n -
L I T A R D A N A Ç Ã O
tando-se dos
effeitos para as
causas, da analyse para a synthese, verifica-se que sómente a definitiva organização da defesa nacional será capaz de assegurar a desejada e imprescindivel estabilidade do nosso depauperado organismo militar, porque, só assim, poder-se-ão enquadrar decisivamente as nossas forças armadas na Nação.

E' urgente que a totalidade do Exercito sinta que as suas responsabilidades perante a Nação estão no futuro, no dia incerto em que a soberania, a integridade nacional esteja em perigo; que no presente não ha outra coisa a fazer senão preparar a victoria da nacionalidade sobre as duras contingencias do tragico momento da guerra.

Não menos urgente é para a Nação deduzir quaes são os seus verdadeiros objectivos politicos e quaes os recursos de

que dispõe normalmente ou poderá eventualmente dispôr — para que possa fixar o seu problema militar e, em consequencia, o seu programma militar e naval.

E' que a defesa nacional traduz complexo problema para o qual o Exercito e a Marinha são méras componentes; exige além de medidas nitidamente militares, outras de carácter extra-militar; requer além de technicos militares capazes, organização social e administração civil concordantes com os objectivos que se têm em vista. Sentimento preciso de tales verdades só poderá existir se a organização da defesa nacional se fizer facto incontestavel."

"Dos factores em jogo nos conflitos internacionaes, a Grande Guerra veiu provar que, em ultima analyse, o mais poderoso é o espiritual."

(BAPTISTA PEREIRA — O BRASIL E A RAÇA).

Mayrink Veiga & C°

15 - Rue Mayrink Veiga - 21

**Engenheiros -- Importadores -- Constructores --
Empreiteiros**

Engenheiros — Importadores — Constructores — Empreiteiros — Especialistas em Armamentos em geral — Materiaes fixos, de tracção e rodante para estradas de ferro — Electrico em geral — Radio telephonico — Construcções Navaes — Instalações Frigorificas e Machinas para officinas em geral

End. Telegraphico
“MAYRINK”

Codigos usados
ABC 6°, W. Union, Rudolf Mosse
e Gen. Telegraph

EXPEDIENTE

"A' Direcção de A DEFESA NACIONAL cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos" (art.º 5.º § 2.º dos Estatutos.)

REGRAS PARA A CORRESPONDENCIA

Com o fim de facilitar os entendimentos entre os interessados e a nossa direcção prescrevemos o seguinte:

- 1) Tudo que se refira á colaboração, sugestões e assumptos que lhes sejam correlatos deve ser endereçado ao *Secretario*;
- 2) Qualquer assumpto sobre assignaturas, expedição e envio de importâncias deve tratar-se com o *Gerente*;
- 3) Sempre que se queira reiterar qualquer comunicação, deve-se fazel-o ao *Director*.
- 4) Os annuncios e quaesquer outras publicações pagas, tratam-se com o Director de Publicidade: *Odilon de Queiroz Jucá*.

AOS NOSSOS REPRESENTANTES

1) As guias de remessa da revista devem ser devolvidas como signal de que foi recebida a expedição. N'ellas deverão vir anotadas as alterações sobre os assignantes.

2) Pede-se aos Srs. representantes que todas as vezes que se ausentarem da séde da guarnição queiram deixar um substituto interino. Em caso de transferencia devem propor um oficial, para substitui-lo definitivamente na representação.

AOS NOSSOS COLLABORADORES

Pedimos encarecidamente aos nossos prezados collaboradores o seguinte:

- apresentar os originaes sempre legíveis e se possível dactylographados;
- só escrever em uma das paginas das folhas do papel que utilisem;

NOTA IMPORTANTE — Deixam de sahir, por absoluta falta de espaço, "Tática na Carta" e "Subsídios para os Quadros de Reserva", além de outros trabalhos que temos em mão, isso apesar de irmos elevando o numero de paginas muito para além das classicas 32 paginas de outros tempos. O augmento progressivo do numero de paginas de *A Defesa Nacional* é symptomá animador para quantos queiram distinguir-nos com a sua collaboração, pois representa serio e decidido esforço no sentido de dar vassão á capacidade productora de nosso meio militar.

— se se tratar de assumpto technico usar somente as abreviaturas regulamentares e não esquecer as demais *regras prescriptas pelo R. S. C.* (qualquer edicção) a respeito da graphia dos nomes de localidades e estradas, orientação etc.

Fazemos tal solicitação com o duplo fim de facilitar a publicação dos trabalhos, que as mais das vezes temem que soffrer completa remodelação, e para evitar a sobrecarga que nos tóca se os seus autores não tomam a si, como de direito, a tarefa de apresental-os em condições.

ASSIGNATURAS

Semestre	9\$000
Anno	18\$000
Avulso	2\$000

Permanecem em vigor as reducções para alumnos da E. M. e Sargentos. (5\$000 por semestre).

As assignaturas terminam nos meses de Junho e Dezembro, podendo ser iniciadas em qualquer época; neste caso o assignante pagará os meses restantes do semestre a razão de 1\$500 por mez.

TABELLA DE PREÇOS DOS ANNUNCIOS

CAPA EXTERNA

1 Pagina.....	300\$000
---------------	----------

PAGINAS INTERNAS

1 Pagina.....	200\$000
½ Pagina.....	120\$000
⅓ Pagina.....	70\$000

CAPAS INTERNAS

1 Pagina.....	250\$000
½ Pagina.....	150\$000

Todas a correspondencia para a Caixa Postal 1602 ou na rua do Ouvidor 164.

Telephone da Secção de Annuncios:
Norte 5818

ALMANACH DO "O MALHO" PARA 1929

ESTA EM ORGANIZAÇÃO!

CONTOS, NOVELLAS, CURIOSIDADES SCIENTIFICAS,
GEOGRAPHICAS E HISTORICAS, INTERESSANTES RE-
VELAÇÕES ZOOLOGICAS, PASSA-TEMPOS FAMILIA-
RES E NOVAS CONQUISTAS DE ELECTRICIDADE.

Horoscopo perfeito de cada pessoa, sobre a data do seu
nascimento; trabalho scientifico de alto valôr.

ARTES, FINANÇAS,
INDUSTRIA E COMMERCIO

UMA PEQUENA BIBLIOTHECA NUM SÓ VOLUME!

O ÁLMANACH DO "O MALHO"

É O MAIS ANTIGO ANNUARIO DO BRASIL E, PORTAN-
TO, O QUE MELHOR CONHECE AS PREFERENCIAS
DOS LEITORES.

EDIÇÕES RAPIDAMENTE EXGOTA-
DAS EM TRES ANNOS SEGUIDOS!

Faça desde já o pedido do seu
exemplar, enviando-nos 4\$500 em dinheiro
em carta registrada, cheque, vale postal
ou em sellos do correio.

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

Rua do Ouvidor, 164 — RIO

Rack-a-Rock

A ultima palavra em explosivo. — Formidavel producto da technica Norte Americana, offerecendo absoluta garantia de efficiencia aliada ao mais facil manejo. — Trecho do relatorio apresentado á DD. Directoria da Companhia E. F. Victoria a Minas pelo Engenheiro Chefe da Construcção:

“O explosivo Rack-a-Rock foi aqui apresentado pelo Snr. Raul Medeiros, que se encarregou de fazer uma demonstração em nossos serviços. A experienca foi acompanhada por dois de nossos engenheiros, que verificaram ser o explosivo superior aos outros que temos, pois fizeram-se experiencias comparativas, todas a favor do explosivo “Rack-a-Rock”.

Em uma mina de 2m,20 de profundidade, feita em rocha onde com os outros explosivos é necessaria uma carga de 10 a 15 cartuchos para um desmonte que não alcança mais de metade do comprimento do furo da mina, uzou-se apenas 6 a 8 cartuchos “Rack-a-Rock”, que desmontaram mais de dois terços desse comprimento, dando tambem maior fragmentação á pedra deslocada.

Comparando o custo dos outros explosivos e o do “Rack-a-Rock”, verificamos que este offerece uma economia de 30 a 40 %.

Esse explosivo é de alta potencia, não só pelo alcance de expansão no sentido descendente como tambem pela fragmentação do bloco”.

UNICOS REPRESENTANTES PARA TODO O BRASIL

À Espingarda Mineira

Edmundo Machado & Cia.

RUA SETE DE SETEMBRO N. 209

RIO DE JANEIRO

Peçam prospectos e demonstrações

PIMENTA DE MELLO & CIA.

LIVROS, REVISTAS E QUAESESOUR
TRABALHOS DE ARTES GRÁFICAS

FUNDADA EM 1846
Endereço Telegr.: PIMENTAMELLO - Rio
Telefone - Norte 7828

... : : : e Typographia : : :
Livraria, Papelaria, Litografia

OFFICINAS:
Caxia Postal, 860
(Proximo à Rua Quirino)
34, RUA NOVA OUVIDOR, 34
419, RUA VISCONDE ITAUNA, 419
(Edifício Proprio)
Telephones - Vilas 5996

„Lemberg“
Cufera, bp $\text{SO}_4\text{--V}$ eae=

aiz só depois de um largo periodo de adaptação poderá prestar realmente o seu concurso.

O clima e as pastagens são muito diferentes dos logares onde elle nasceu, foi criado provou incontestavelmente a sua superioridade.

Sinto que o distinto official não tenha bordado o problema economico da questão, everas importantissimo, porque não basta induzir os criadores a produzirem cavallos para a remonta do exercito, sem sugerir medidas para garantir-lhes vendas por preços remuneradores.

O Sr. Coronel Fabio P. Azambuja * publicou um folheto sobre o assumpto e estudando a solução economico e technica do problema da remonta do exercito, julga que só nente o cavallo arabe da Syria deverá ser empregado para a produção de animaes para ella e acha que com referencia á tracção, só

muar apresenta-se satisfatoriamente para atender as nossas necessidades do momento.

Condena a maneira pela qual são feitas, actualmente, as aquisições para o exercito e ilvitra a realização de certamens ou feiras de animaes para a remonta quer de sella, quer de tração, em todos os pontos ou centros produtores do paiz.

Por occasião destes certamens, para os tuias os transportes para os animaes seriam gratuitos, o Governo effectuaria as suas compras e daria premios, nunca em dinheiro, mas em reproductores adequados a taes criações.

O Sr. Marliangeas — da Missão Franceza, major veterinario e director da Escola Veterinaria do Exercito, tambem manifestou-se sobre o assumpto e considerando as vastas regiões do nosso paiz, abertas ás possibilidades de manobras julga que a cavallaria será mais necessaria que em outros paizes, para prestar serviços incontestaveis, quer para a cobertura ou para a exploração estrategica, quer para o combate propriamente dito.

Para taes emprehendimentos não bastam, como bem accentuou o Sr. Marliangeas, termos cavalleiros excellentes, porque a base desta arma de elite é incontestavelmente o cavallo e para obtel-o em condições, precisaremos criá-lo.

As suas opiniões francas recommendando uma prévia e rigorosa selecção nas nossas egas, porque o melhoramento pelo pae é apenas individual e theorico; e o pratico e verdadeiro, constituindo mesmo a essencia da raça, opera-se pela equa, aconselha tambem procurar-se o resultado almejado em 2 etapas: a primeira para dar pôrte e massa com o concurso dos garanhões anglo-arabes e a segunda com o aproveitamento das egas provindas desse cruzamento para então serem cobertas pelo puro sangue inglez ou mesmo pelos anglo-arabes. Taes opiniões merecem ser acatadas notadamente porque se baseiam em experiencias

feitas no sul da França, com uma casta de cavallos bem semelhantes aos nossos que não deram resultados satisfatórios no primeiro cruzamento com o arabe e o puro sangue inglez.

Entende ainda o Sr. Marliangeas que o auxilio directo do governo é uma necessidade por ser o primero interessado, devendo elle dar, não só orientação e directrizes seguras aos nossos criadores, como tambem fornecer-lhes meios para a produçao do cavallo de guerra e estabelecer pregos remuneradores para os cavallos destinados á remonta, porque seria illogico fomentar as criações sem garantir vendas compensadoras.

No numero desta Revista — de Novembro de 1926 — foi publicado um artigo "A propósito do problema da remonta" que bem merecia ser tomado em consideração por tratar-se de um estudo importante sobre o assumpto.

Este estudo achava-se dividido nas seis partes seguintes:

- I — Importancia geral da remonta
- II — Posição do problema da remonta
- III — Solução do problema
- IV — Observações geraes sobre o regulamento actual
- V — A escolha do regenerador
- VI — Conclusão.

Como se vê, todos os aspectos da questão foram attendidos de forma categorica e apresentadas soluções racionaes, de muito facil entendimento e execução.

Por si só este estudo me dispensava escrever mais sobre o assumpto, mas julgo acertado, mesmo repetindo conceitos, agitar questões que visam não só o nosso progresso economico como a efficiencia do nosso poder militar.

* * *

O QUE SE TEM FEITO

Como já disse, a Monarchia nada deixou organizado sobre a criação de cavallos. Para as remontas do Exercito e das policias da Corte e das Províncias importavam-se cavallos argentinos e uruguayos de bonita estampa, porém lymphaticos e pouco recommendedos como cavallos de guerra.

As poucas aquisições de cavallos do Rio Grande do Sul eram aproveitadas para os regimentos lá estacionados e mesmo não podia haver certeza de serem cavallos nacionaes, porque as compras eram feitas através de intermediarios, que iam procurar onde havia mais facilidade, estando as nossas fronteiras francamente abertas.

A Invernada Nacional de Saycan, como seu nome indicava, servia apenas para invernar esses animaes que lá iam soffrer uma verdadeira odysséa, motivada pelos maus campos e suas lagôas povoadas por inumeras sanguugas, havendo por conseguinte uma grande mortandade, motivada tambem pela má escolha dos animaes e pelas leguas que elles eram obrigados a percorrer com toda a rapidez

"Solução economica e technica do problema da remonta do Exercito".

afim do official encarregado do transporte evitar extravios e sua consequente responsabilidade (Luiz Jacome -- "O Cavallo").

Assim a Republica encontrou o problema e por muito annos conservou-o, talvez... pelos seus pessimos resultados.

Além de ser bem grande a somma de ouro, que todos os annos sahia do paiz para as compras nas Republicas do Prata, perseverava-se erro de serem pagos mais caros os cavallos platinos, que os nacionaes!

Inutilisava-se assim previamente qualquer iniciativa, porque os criadores brasileiros deram logo decidida preferencia pela criação dos bovinos, muito mais rendosa e de sahida mais facil. Nas vendas de novilhos, bois e mesmo vacas para o consumo, attende-se quasi exclusivamente ao peso, ao passo que o comprador de cavallos requer isenção de ratas boa estatura, pellagem uniforme, conjunto harmonioso, além de outras exigencias e ainda ha pouco tempo as eguas eram regettadas, o que ia sobrecarregar muito a reprodução.

Accresce ainda a circunstancia do governo querer sempre adquirir cavallos por preços inferiores aos que eram correntes para os bovinos da mesma idade, quando a mais elementar logica aconselharia proceder diametralmente oposto. Na Administração Calogeras.

Calogeras, um Commandante de Regimento, foi ao Ministro pedir autorização e meios para adquirir cavallos no Rio Grande, em virtude da carencia verificada na sua unidade.

Estava presente na occasião um official superior, que pelas suas funções deveria ter sobre o assumpto o melhor conhecimento, mas... logo objectou que no R'o Grande não havia cavallos em condições, a não ser por preços muito altos, o que motivou a opinião do Comendante de ser preferivel pagar 300\$000 por cabeça no Rio Grande a importar da Argentina por 700\$000.

Felizmente o Ministro concordou com o alvitre e de como foi possivel obter-se bons cavallos no Rio Grande por trezentos mil réis todos sabem e ainda muitos delles figuram nas baixas do 1º Regimento de Cavallaria Divisoria.

O Ministro da Guerra, General Caetano de Faria, hoje Marechal, deu novas directrizes á Invernada de Saycan transformando-a em Coudelaria e povoando-a de reproductores arabs e de puro sangue inglez, tudo indicando que, afinal, alguma cousa de proveitoso ia surgir desta nova orientação.

Seja pela pobreza das terras de Saycan, seja pela não comprehensão dos fins da Coudelaria ou por outros quaesquer motivos, o que é certo que esta organização não tem dado absolutamente os resultados desejados.

Para ter a prova, basta ler-se o ultimo relatorio da Directoria de Rémonda do Exercito.

Vê-se que a producção da Coudelaria foi no anno passado 1927 apenas de 9 potrilhos

e de 11 potrancas de puro sangue, o que não justifica a manutenção de tal estabelecimento, por pouco adiantar para as nossas necessidades.

Sabido que só o Haras de Rio Claro, em S. Paulo, de propriedade do distinto turfman Sr. Linneo de Paula Machado, produziu, no mesmo anno 36 crias puras, claramente se evidencia quanto foi escassa a producção da Coudelaria oficial.

Com tão parcos resultados, ella não poderá futuramente fornecer garanhões em numero suficiente aos criadores particulares, dando assim incremento aos Postos de Monta Eventuaes, em boa hora criados no Rio Grande do Sul pela Directoria de Rémonda do Exercito.

Mas não basta essa boa ideia criadora, nem tampouco a sua realização em pequena escala. Precisamos de muitos cavallos e a producção desses Postos de Monta Eventuaes attingiu, em 1926, apenas a 66 exemplares, como consta do referido relatorio, sendo apenas uma promessa, quando o que se requer é uma pujante realidade.

Melhor seria aceitar-se o conselho de reputado technico, que n'uma conferencia opinou pela compra immediata de 20 garanhões de puro sangue inglez ou anglo-arabe com 3 a 3 ½ annos por Rs. 100:000\$000 promptos portanto, para servirem, porque se o Governo desejar criar igual numero de reproductores machos até aquellas idades mesmo dispondo de pessoal sufficiente e boas installações terá necessidade de ter uma producção de 80 crias n'un anno, porque é quasi certo nascerem 40 femeas e até aos 3 annos ficarem os 40 machos sujeitos á taras, mórtes etc. sendo a média de 50 % para bom aproveitamento, uma média ordinaria.

Esta opinião foi dictada pelo conhecimento exacto das nossas actuaes necessidades, que não podem ser desconhecidas dos interessados. Se não me falha a memoria, esta Revista já publicou um artigo do Major Veterinario Sr. Alfredo Ferreira, no qual é calculado o numero necessário de animaes, no caso de uma nossa mobilisação, em cerca de 3.000.000 de cabeças.

Já foi consignado o pouco caso que o Ministerio da Agricultura sempre ligou á criação de cavallos, quando desvela-se pelos bovinos, porcinos, ovinos etc.

No numero de Setembro deste anno — 1928 — da revista "Lavoura e Criação", publicada na Capital Federal, lê-se que o Ministerio adquiriu, ultimamente, grande quantidade de reproductores, sendo esta importação a maior que se tem feito no Brasil. Pois bem, já aqui chegaram estes reproductores e nota-se com tristeza, que para:

440 bovinos

101 ovinos

100 suinos

41 aves

30 assininos, importados, vieram apenas 18 equinos.

Esquece-se, portanto, que nem só de boi e porco vive o homem!

Iniciativas particulares bem orientadas, como a do deputado Dr. Assis Brasil, melhorando o cavalo crioulo e criando a casta AB e a do Coronel Francisco Orlando Junqueira seleccionando o manga-larga, são dignas de louvor e mostram que com o interesse oficial algo de mais vultoso será facilmente obtido, porque nem todos os criadores têm a paixão pela raça cavallar que dictou ao distinto parlamentar a elaboração da sua iniciativa, nem possuem os recursos do fundador da cidade que é Orlandia.

Seria fastidioso mais ser relatado sobre o pouco que se tem feito em prol da criação do cavalo, cumprindo em todo caso assinalar que, devido à influencia dos criadores de cavalos de puro sangue, isto é de cavalos para corridas, todos os annos o Congresso vota uma importante verba, para ser distribuída em premios aos vencedores dos pareos nas corridas dos prados da Capital Federal e de certos Estados.

Com efeito, a lei n. 3454 de 6 de Janeiro de 1918, confere as dotações abaixo descriminaadas para os seguintes prados:

Jockey e Derby Clubs — na Capital Federal.....	135.000\$000
Jockey Club de S. Paulo.....	399.000.000
Associação Protectora do Turf — Porto Alegre.....	156.000\$000
Jockey Club de Pernambuco.....	15.000\$000
Jockey Club Paranaense.....	25.000\$000
Jockey Club da Bahia.....	9.000\$000
no total de rs.....	739.000\$000

Não sou contrario, em absoluto a esta medida, que visa fomentar a criação do puro sangue inglez, mas quer me parecer que estas dotações vão beneficiar os animaes mais velozes, quando o que precisamos é de reproductores fortes e bem proporcionados e nem sempre aquelles estão nestas condições.

Além disto, muitos parelheiros quando terminam as suas lides nos prados estão inutilizados para uma criação efficiente.

Se esta verba fosse destinada para exposições annuaes realizadas nos diversos centros criadores e premiados os exemplares que melhor apresentassem os caracteristicos da raça, seria mais lógica e atingiria mais efficazmente aos fins visados.

Ha, em todo caso, uma flagrante injustiça: para os criadores de cavalos de corridas todos os estímulos, para os productores de outros animaes nada, absolutamente nada.

+ + +

O QUE SE DEVE FAZER

Não é complexo o problema da criação de cavalos principalmente para a Remonta do Exercito, que é o que mais nos interessa no

momento actual. A simples leitura do que se tem escripto a respeito ou tenha sido objecto de conferencias, dá uma ideia clara sobre o assumpto com bases seguras para se estabelecer um programma definitivo, pouco custoso e que constituirá, em poucos annos, uma realisação capaz de proporcionar bons cavallos aos nossos officiaes do exercito, além de uma boa reserva para qualquer emergencia.

Apesar do problema já estar bem delineado pelas opiniões melhores, isto é, mais applicáveis ao nosso meio e ás nossas possibilidades, julgo util concentrar-as n'um resumo, onde tambem me seja permitido apresentar algumas sugestões.

Inicialmente os Ministerios da Guerra e da Agricultura pelas suas Directorias da Remonta e da Industria Pastoril, de perfeito e commun accordo, promoverão uma reunião de criadores, que queiram dedicar-se á producção de cavalos, para dar-lhes conhecimentos do seguinte programma:

I — Registrar os criadores que possuarem rebanhos nunca inferiores a 40 egus novas e seleccionadas, o que seria verificado in-loco por uma comissão da qual faria parte um veterinario.

II — Criar nas fazendas nestas condições, Postos de Monta Eventuaes para o efeito de serem cedidos gratuitamente garanhões, conforme o numero de egus, sendo que nestes Postos seria vedada a permanencia de quaesquer outros reproductores machos.

III — Fornecer a cada Posto de Monta Eventual uma tabella explicativa dos tipos de cavalos convenientes para os serviços do Exercito.

IV — Realizar feiras annuaes em localidades vizinhas a este Posto, com transporte offerecido pelo Governo e concessão de premios aos melhores productores e aos que apresentassem melhor lote de animaes — cavalos e egus.

V — Garantir compras annuaes de um numero minimo de cavalos e razoável porcentagem de egus, com a idade de 3 a 4 annos, a cada Posto de Monta Eventuaes proporcionalmente ao numero de egus inscriptas e por preços fixados previamente, de acordo com os criadores, preço que vigoraria por um periodo nunca inferior a 3 annos.

VI — Estabelecer uma ou mais Caudelarias ao norte do paiz, para conjuntamente com a de Saycan ser fomentada a criação de reproductores de puro sangue das raças escolhidas para a producção de cavalos para sella e tração.

SEMPRE OPPORTUNO.

N. da R. — Sob esse título publicamos na integra as palavras pronunciadas pelo Cap. Corrêa Lima, Director do C. P. O. R. da 1^a R. M., no dia do compromisso á Bandeira dos novos candidatos a officiaes de reserva, em Junho proximo passado. Acreditam-nas materia perfeitamente em dia e por isso ainda a publicamos, apesar dos seis mezes de atraso que sobre elles pesam

Meus jovens camaradas:

Reparastes como brilham altivas e serenas as cōres nacionaes, deante das quaes desfilastes garbosos, cheios de vida e pujança, promettendo-lhe, no gesto energico da saudação militar todo o vosso devotamento, para que mais util seja o seu fulgor?

Brasileiros jovens e promissores, vós que sereis amanhã o expoente da cultura nacional e os dirigentes do paiz, lembrai-vos sempre que é preciso amar muito e muito a grande terra que nos viu nascer; mas não sómente desse amor de palavras e devaneios, — desse amor de sonhos e chiméras, de sonetos e arroubos; e sim de um amor positivo e forte, de um amor que impulsiona e faz viver; de um amor que esquece as palavras, mas se traduz em actos; de um amor que não relembrá a belleza das florestas, mas lhes resguarda a vida contra a queima brutal; de um amor que não se enternece lyricamente pelo contorno airoso das collinas, mas que vae rasgal-as de estradas, que vae estirar através da harmonia da planicie a impetuositade progressista dos trilhos.

Para dar começo a esse programma, na sua parte essencial seriam importados garranhões das raças arabes, anglo-arabe, puro sangue inglez, Clydesdale e Percheron Postier afim de serem cedidos aos Postos de Monta Eventuaes, conforme as suas localisações, convindo notar que os arabes seriam destinados para o Norte, principalmente para o Ceará, onde o clima quente e secco convém admiravelmente a essa raça.

As feiras além do estimulo pela competição e dos premios, ainda teriam a grande vantagem de proporcionar optima occasião para as compras por parte do ministerio da Guerra, sendo então os animaes adquiridos para os Postos de Remontas já existentes e para os que forem estabelecidos nas regiões onde fossem mais numerosos os Postos de Monta Eventuaes.

O preço para as aquisições vigorando por 3 annos, tem a vantagem de poder ser revisado e apresentar as condições futuras, mesmo porque criadores e Governo não poderão prever-as e pôde-se julgar que é do proprio interesse do Ministro da Guerra a continuação do accordo sobre preços.

Os postos de Monta Eventuaes deverão

Jovens, apagae de vossos corações esse amor incensorio, que se traduz em palavras megalomanicas para tudo que é nosso.

O Brasil não necessita de elogios nem de fanfarronadas, precisa sim de trabalho, de ordem, de esforço e de dedicação.

Ao Brasil não urge que o bajulem com palavras bonitas e vazias, mas que trabalhem muito em seu proveito, em seu beneficio.

Escusa de elevar-o em discursos a alturas que elle não attingiu, mas é imprescindivel que cada um traga o quinhão de seu esforço pessoal para fazel-o progredir de modo a alcançar o logar que inquestionavelmente tem direito, mas que a negligencia de seus filhos tem-n'o feito perder.

Engenheiros — levae no silvo das locomotivas a civilisação aos latifundios, e plantae ahi o nosso pavilhão, bem no logar sagrado onde morreram nossos antepassados que nos legaram este Brasil.

Medicos — vinde-lhes nas pégadas, e em cada ponto em que se estacionar o theodolitho ou transito, onde se bater uma estaca, fique tambem uma obra de saneamento.

Combatet como gigantes, sem medo, sem

ter nova regulamentação, a exemplo das Estações de Monta Provisorias, criadas pelo ministerio da Agricultura.

Acredito por esta forma resolvido praticamente o problema pelas condições liberaes e equitativas consignadas no programma dos dois ministros.

Querer o Governo procurar outra solução, creio ser desconhecer o assumpto, porque nem elle poderá, por si só, promover a criação do cavallio em larga escala, nem a iniciativa puramente particular dará resultados satisfatórios.

Só uma accão conjunta e harmonica dos Ministros da Guerra e da Agricultura, tratando cada um da parte que lhe compete, e que conjugue os interesses do Governo com o dos criadores, será efficaz e proveitosa.

Muito já se tem feito pelas outras criações, Justo é que se faça tudo e sem tardança pela criação cavallar, para tiral-a da lastimavel decadencia em que se acha, mercê da nossa incuria e da nossa pouca visão em assumptos que interessam fundamentalmente a defesa nacional.

descanso estes grandes flagelos — impalludismo, tuberculose, lepra, etc....

Agronomos — arrancae dos campos a herba daminha, — plantae searas; trazei as messes para encher os trens que vos construir o engenheiro.

Legistas — levae a toda parte o culto pela lei, o respeito pelo direito, o horror á mentira e ao sophisma.

Isto, fareis cada um de vós, sempre pensando na Patria, e de acordo com as actividades civis que tiverdes; esquecei um pouco das vossas pessoas e lembrarei-vos muito do Brasil.

Fitae os olhos em Mauá, Oswaldo Cruz, Rio Branco e tantos outros a quem muito deve o paiz.

E a par do dever de cada um de ser efficiente em bem da Patria, no ramo de actividade que abraçar, surgem dois outros deveres, que são de todos, e cada qual mais imperioso.

Que cada um de nós, grande ou pequeno, combata o analphabetismo, aqui arrancando pelo proprio esforço um individuo á ignorancia, ali protegendo com seu prestigio o trabalho de outros.

A Escola publica e o trem escorraçam o bandido e diminuem o strappismo politico regional; a escola publica faz comprehender a hygiene, e portanto aumenta o valor physico da raça e diminue a lethalidade; a escola publica facilita a comprehensão da lei, da ordem e do trabalho; e é portanto o factor principal na formação da Patria de amanhã.

Finalmente, meus jovens, o dever de todos, homens e mulheres, velhos e moços, é a defesa desse patrimonio que recebemos, cimentado pelo sangue de nossos antepassados e que temos o dever de transmittir a nossos descendentes, *integral na sua expressão territorial* e accrescido em todos os outros aspectos.

Si o Brasil enriquece e progride pelo trabalho de seus filhos, é indispensavel que possa garantir, com as armas na mão si a tanto fôr necessario, a posse desses bens contra a cobiça dos outros.

Tanto maiores sejam as nossas riquezas, tanto mais perfeitos devem ser os meios de defendel-as.

A cabana do pobre se defende dos ladrões, só em ser o symbolo da ausencia do que roubar.

A casa do burguez já se garante com trincos e ferrolhos, enquanto que os bancos, si não tiverem casas fortes a prova de fogo, fechadas por complicados machinismos, ver-se-ão facilmente despojados dos haveres.

Assim as Patrias, si augmentam em suas riquezas — as suas forças productoras, é indispensavel que concomitantemente desenvolvam as suas forças defensoras.

E se assim é, claro se torna que todo aquelle que produz, está no dever absoluto de aprender a defender o fructo de seu trabalho; e este dever é tanto mais amplo e mais vivido quanto maior é a capacidade productora de cada um; d'ahi, decorre, como axioma que todo aquelle que dirige a producção, deve fatalmente tomar parte na direcção da defesa da mesma.

Eis a razão pela qual vindes ser officiaes de reserva.

E um dia, praza aos céos que esteja o mais longe possível, quando a Patria em perigo lembrar aos seus filhos que ainda lhes deve correr nas veias o sangue dos André Vidal, dos Felippe Camarão, e dos Henrique Dias, estou certo vireis pressurosos attender ao seu chamado, e, applicando os processos do seculo em que nascestes, renovareis os feitos daquelles titans e consolidareis a patria que elles construiram a custa de seu sangue generoso.

Mas si naquelle tempo a simples bravura era factor sufficiente para o que fizeram, hoje não mais assim acontece.

Hoje não se faz mais a lucta entre algumas dezenas de milhares de bravos; não, hoje é a lucta de toda a nação, uns com as armas na mão e outros nas officinas. — é uma lucta sem treguas, sem desfalecimento; lucta tremenda, horrivel em que o que desfalece um pouco, está logo fadado a desaparecer num turbilhão.

Lucta em que se applica tudo que a scienzia descobriu e tudo que a industria produz.

Lucta em terra, no ar, no mar. Lucta num theatro formidavel, cujos contornos se vão diluindo ao longe de acordo com as possibilidades dos meios aereos.

A bomba do aeroplano não diserne o combatente da mulher e da creança.

Todos são combatentes, é a nação em armas; tudo lucta para viver, e aquelle que não souber empregar os complicados materiaes de guerra é co-responsável pelo desaparecimento de sua Patria.

Brasileiros — aprendei a defender a Patria!

"As promoções devem exprimir sempre o resultado de verdadeira depuração entre as capacidades de cada posto, visando a efficiencia dos quadros do posto immediato e a do alto commando."

A aeronautica na Republica Argentina

Pelo MAJOR V. BENICIO DA SILVA

Longe de attingir o vertiginoso progresso da aeronautica na Europa e nos Estados Unidos, longe tambem vae a Argentina — mas á vanguarda de todos — nos resultados praticos que os paizes da America do Sul vao colhendo das experiencias algures realizadas.

Não lhe seria possivel acompanhar a marcha celere com que os centros de grandes industrias impulsionam os emprehendimentos escravizados á mecanica. Detentores de grandes officinas maravilhosamente apparelhadas, senhores absolutos da industria metallurgica, embora os surtos da intelligencia possam em outras regiões irradiar em sonhos maravilhosos, só naquelles centros o ideal dos sonhadores chamados "inventores" pôde ser transformado em realidade, em machina, em apparelho, em instrumento.

Mas, si não era dado á Republica Argentina formar ao lado dos creadores do novo esporte, da nova arma, do novo meio de transporte, não se deixou supplantar na utilização practica do que ouviam e desenvolveram. E hoje nenhum paiz da America — com excepção unica dos Estados Unidos — pôde com ella pretender paralelo em organização, em materia, em apparelhamento de toda especie.

Para isso concorreram iniciativas individuaes isoladas, convergencias de fracos esforços apenas ensaiados, concurso entusiastico do povo e das organizações administrativas de todo o paiz, assistencia e auxilio poderoso e efficaz do governo federal.

E assim apresenta-se a Argentina, no concerto dos paizes americanos, com um Serviço Aeronautico perfeitamente organizado e em franco desempenho de sua importante missão, escolas de aviação e aerostação bem apparelhadas e ferteis em resultados já consagrados na practica, recursos valiosos distribuidos por todo o paiz sob a forma de aerodromos e campos de aviação officiaes e de associações civis, regular numero de pessoal já habilitado em navegação aerea e finalmente — o que é mais importante — uma fabrica de aeroplanos que vem quasi libertal-a dos mercados estrangeiros e fornecer o que lhe pedem as necessidades da paz e que eventualmente lhe possam exigir as insaciaveis imposições de uma guerra. Longe estará ainda de uma independencia absoluta, pois em matéria de metallurgia e mecanica (em aeronautica o motor é tudo) seria velleidade pretender quebrar os laços presos ás grandes usinas europeias ou americanas. Mas o subsidio que dellas venha poderá ser accumulado para longos annos, de modo que a independencia, embora relativa, adquire o caracter, pratico que se lhe deve exigir.

Assim, pois, praticamente, a Argentina possue hoje o que precisa e o que lhe exige a manutenção do vantajoso posto que occupa entre os paizes do sul do continente, posto que lhe pôde ser disputado, mas não sem vontade mil vezes superior á que ella pôz em practica, não sem energia mil vezes maior do que a despendida por ella.

Para obtenção destes resultados o trabalho foi lento, paciente, continuado ás vezes, outras vezes, pontilhado de hiatos desanimadores, mas sempre impelido por vontades firmes e finalmente exuberante em consequencias proficuas.

E' este processo evolutivo que nos comprometemos acompanhar. E elle nos levará a justificar o que aqui asseveramos e que pôde ser posto em dúvida pelos que não tiveram, como nós, interesse e oportunidade de estudar a questão. Neste propósito estudaremos em rapidos traços a evolução historica da aeronautica na Republica Argentina e concluiremos com uma exposição summaria de sua situação actual.

Para facilidade de exposições analysaremos os phenomenos mais importantes, consoantes suas successão chronologica.

1907 a 1910:

E' o periodo da aerostação na Argentina.

Suggestionados com o espectaculo que lhes apresentava a Europa em 1907, preocupada com o domínio dos ares por meio dos dirigiveis, época em que a aerostação era apenas um ensaio, cheios de esperanças, mas cheios de duvidas e decepções, alguns argentinos, movidos pelo espirito esportivo, trouxeram para a patria os primeiros balões esféricos que serviriam de motivo para a organização do Aero Club Argentino. O pioneiro desta iniciativa foi Aaron Anchorena, que em Paris recebera lições de Santos Dumont. O balão esférico por elle trazido foi baptizado com o nome suggestivo de "El Pampero", o vento que o conduziria e talvez o mesmo que em certa noite o arrebatou para sempre.

Lembremos que nessa época os paizes mais ricos da Europa incluiam dirigiveis em suas organizações militares. A França possuia o "Ville de Paris" e o "Lebaudy" e projectava construir mais 16 (do mesmo tipo do malogrado "Patrie"), para entregarlos a seus exercitos e fortalezas.

A's 12 horas e 30 minutos de 25 de Dezembro de 1907 Aaron Anchorena e o engenheiro Jorge Newbery, piloto e passageiro do "El Pampero", largaram amarras e deixaram-se levar pelo vento, que os arrastou para o norte, atravez do estuario do Prata, rumo da vizinha Republica do Uruguay. Intensa emoção deve ter sacudido a população de Buenos Aires durante as longas horas contadas do instante em que perdeu de vista "El Pampero" até a noticia de suas descida a algumas leguas de Montevideo. Só doze horas depois da partida chegava a tranquillizadora noticia.

Este primeiro vôo é o marco inicial de novas iniciativas.

Em torno de Anchorena reunem-se quarenta moços, da melhor sociedade argentina, e com elle organizam o Aero Club, associação de que teve elle a primeira presidencia e á qual fez doação de "El Pampero". E assim, de uma iniciativa individual nasceu a primeira escola de aerostação na America

il, pois todos os socios do Aero Club fizeram voos e alguns delles obtiveram diploma de s.

Um dia, porém, a sorte aziaga veiu cobrir de a novel instituição e a propria sociedade argentina.

Eduardo Newbery, irmão de Jorge, levando o sargento Romero, tenta um voo nocturno a 17 de Outubro de 1908 largam o balão e m-se levar pelo vento. Para onde? Até hoje ignora. Nem balão, nem tripulantes deixaram as certas do rumo que tomaram. Os proprios pombos-correios que levavam, nemhum conseguiram trazer notícias. Talvez a imensidão do oceano, talvez os areaes da Patagonia tenham-lhes escondido de tumulo.

A esta catastrophe segue-se um natural desânimo. Mas, seis meses depois, o proprio irmão do grado Eduardo Newbery, o companheiro enxista de Anchorena, reorganiza o Aero Club com um novo balão importado da Europa — "Eloísa" — e outros construídos no paiz, lançando novas aventuras desportivas, a mais notável das quais é o longo voo que o leva de Buenos Aires a Bagé (Rio Grande do Sul) em Dezembro de 1910 no balão "Huracán".

Assim, a 1910 o primeiro centenario da independencia argentina. Entre os festejos commemoraram-se realizados durante o anno inteiro distinguem-se concursos e as demonstrações em aerostatos e aeroplanos. Estes pela primeira vez chegam a Argentina, trazidos por pilotos italianos e franceses.

O balão livre, que até então empolgava a cão publica, sente-se supplantado pelo aeroplano.

Organizam-se concursos de aerostação a que correm os balões "Huracán", "Eduardo Newbery" e "Patriota", todos do Aero Club Argentino. Alvez o ultimo esforço dos aerostatos, ao sentir-se supplantados pelo seu elegante e agil concorrente.

Mas as primeiras demonstrações dos novos aparelhos aéros são desanimadoras e, comparadas aos vôos de hoje, chegam a ser ridículas. No voo de aviação organizado para commemoar o centenario, 80 metros é a maior altura atingida e o maior percurso não passa de 22 quilómetros.

"Entonces se media al centímetro el decolamiento corto, y con teodolitos, manejados por expertos de ingeniería, se calculaba el record de altura de 150 metros! Producia sensación dramática."

Florencio Parravicine al salir de los límites aeródromo con su Farman y dar una vuelta a la estación de Villa Lugano; nadie se atrevía cada una semana de vientos suavisimos a ganar premio de 10.000 \$ ofrecido para ir a dar la vuelta a la torre del Congreso y volver; solamente un Aubrun, sobre su monoplano Blériot, a ir a visitar al doctor Ernesto Madero en su casa del Riachuelo, a pocas cuadras del aeropuerto..." (1).

Mas de tudo isto ficam resultados praticos. A despeito de insucessos varios, o que a aviação apresenta é muito para aquella época e faz

nacer entusiasmos pelo novo esporte. Jorge Newbery e alguns dos amigos que o cercam deixam a barquinha do balão esférico e resolutamente tomam a direcção dos novos aparelhos. Em busca de sensações trabalham pelo desenvolvimento e aceitação do novo meio de transporte. E o Aero Club congrega os aviadores europeus com seus aparelhos, inaugura seu primeiro campo de aviação, em Villa Lugano (arredores de Buenos Aires) e institui prémios para diversas provas aéreas.

Assim, pois, a Republica Argentina incluiu a aviação entre os seus elementos de trabalho e de progresso.

1911 a 1918:

Como era natural o Aero Club não podia arcar com o pesado onus que exige a manutenção e o desenvolvimento da aviação. E assim o periodo que vai da terminação dos festejos do centenario patrio à finalisação da grande guerra caracteriza-se pela oficialização do que até então estivera a cargo de iniciativas privadas e fôra trabalhosamente sustentado por entusiasmos dignos dos maiores louvores. O primeiro acto oficial é a criação da Escola de Aviação Militar, organizada com os elementos que o Aero Club havia congregado — pessoal e material — e de que se desprendia, de tudo fazendo doação ao governo. Roque Saenz Peña, o estadista de larga visão e atrevidos empreendimentos, em um laconico decreto de seis incisivos artigos, crea a Escola de Aviação Militar, subordinada ao Ministerio da Guerra e destinada á instrução de aerostação e aviação de officiaes e praças do exercito e da armada. Logo depois a ella permite-se a admissão de civis, de preferencia socios do Aero Club, os primeiros que vão constituir a reserva de aviação.

O periodo correspondente á conflagração europeia não permitiu grande desenvolvimento da aviação nos paizes afastados do conflito. Entretanto, mesmo nesse tempo, a Argentina não se manteve inactiva. A Escola de Aviação organiza-se e trabalha, vencendo mil dificuldades, e em 1917 suas officinas fabricam os primeiros aeroplanos (menos o motor), um dos quais é um Farman destinado á Republica Oriental do Uruguay.

Por sua vez a aviação naval inicia actividades. Em Fevereiro de 1916 é creada a Escola de Aerostação e Aviação da Armada, instituto que parece não ter dado grandes resultados praticos, pois só em 1922, com a criação da Escola de Aviação de Puerto Belgrano, accentuam-se trabalhos decisivos neste ramo de instrução militar.

Dois acontecimentos consagram as ephemérides argentinas neste periodo; a travessia dos Andes em balão livre, em 24 de Junho de 1916, dois annos depois seguiu de igual façanha, mas agora em aeroplano.

A primeira realizou-a o então capitão Angel Zuloaga, em companhia de Eduardo Bradley, no balão esférico "Eduardo Newbery". Neste voo — o primeiro que ligou pelos ares o Atlântico ao Pacífico — foi alcançada a apreciavel altura de 8.000 metros e a façanha valeu a Zuloaga o cargo de adjunto militar na França, onde acompanhou de perto as actividades do campo de Avord e de onde trouxe para sua pátria farta messe de ensinamentos, que elle soube transmitir a seus compatriotas em relatorios, conferencias e livros.

(1) J. Duclout. Prefacio do Manual Prático de Volacion, de J. M. Zuloaga.

A segunda travessia do massiço andino coube ao 1º Tenente Luiz Candelaria. Realizou-se em um monoplano Morane-Saulnier de 80 H.P., em 13 de Abril de 1918.

Estes arrojados vôos por sobre a cordilheira serviram de incentivo a outros aviadores, a ponto de já passar de trinta o numero dos que os têm realizado da Argentina ao Chile e vice-versa.

Antes de Candelaria já o infatigável Jorge Newbery pretendera realizar a travessia dos Andes. Mas a sorte foi-lhe adversa e, em Los Tamarindos (Província de Mendoza), arrebatado pelo mesmo arrojo que fez desaparecer para sempre seu irmão Eduardo, pagou com a vida seu grande amor á aeronavegação. Ahi termina uma das carreiras mais brilhantes da aeronavegação argentina e ahi, em Los Tamarindos, todos os annos seus amigos e seus collegas depositam flores e lagrimas de saudade.

1919 a 1923:

Este periodo caracteriza uma phase de organação do grande conflito que convulsionou o velho continente durante cinco annos faz sentir seus reflexos na America, consequencias beneficas que as luctas armadas, em uma suprema ironia, sóem deixar como lembrança ás gerações futuras.

A principio são numerosos pilotos, sem trabalho na Europa, em busca de novos campos de actividade. A vasta extensão territorial da America parece attrahil-os, na esperança que só elles poderiam realizar em poucas horas. Esqueceram, porém, que não são as extensões territoriales, mas as aglomerações humanas que exigem comunicações faciles e rapidas. Esqueceram também que entre estas aglomerações a via-ferrea, maximamente na Argentina, já tinha encurtado as distancias. E assim fracassaram franceses e italianos em seus ensaios de estabelecimento de vias aereas no territorio argentino. Mas muito deixaram de útil com os ensinamentos, o pessoal, o material que trouxeram. E o governo convenceu-se de que a aviação, que a guerra europeia definitivamente consagrara como arma da guerra, não podia viver a expensas proprias e que não lhe era permitido abandonala, sob pena de perda do que até então fôra adquirido e criminoso desprezo do que a experienca alheia já lhe havia legado.

Vieram assim os recursos orçamentarios, a criação do Serviço Aeronautico do Exercito, a fundação da Escola Naval de Aviação de Puerto Belgrano (mantendo-se a primitiva como Escola de Aerostação), a importação de numerosos apparelhos destinados ao exercito, á marinha e a instituições civis, a transformação da Escola de Aviação Militar em unidade tactica (Grupos n.º 1 de Aviação), dotada de novos elementos e nova organização, pois a vertiginosa evolução da arma já tornara obsoleta grande parte da dotação da primitiva escola.

As atenções que os poderes publicos dedicam á aviação vêm unir-se a iniciativa e o entusiasmo popular, intelligentemente despertados.

Em todas as províncias fundam-se associações de aviação civil. O Centro Pro-Aviação Civil e Militar incumbe-se de uma intensa propaganda, coroada de pleno exito. Respondendo ao appello dessa instituição, municipalidades ha que fazem doação de aeroplanos e de terrenos para aeródromos; capitalistas concorrem com poderosos subsídios pe-

cuniarios; agricultores e fazendeiros com productos agrícolas e pastoris; officiaes do exercito com um dia de seu proprio soldo; e todos com entusiasmo, trabalho e confiança na obra patriótica que constroem, conscientes dos deveres cívicos que põem em prática.

E o resultado das energias que povo e governo congregaram neste benemerito empreendimento é o seguinte quadro apresentado pela Republica Argentina em fins de 1923:

Aviação Militar:

- Directoria do Serviço Aeronautico do Exercito, com quatro secções, uma das quais (Departamento da Aviação Civil) incumbida dos centros de aviação subvencionados pelo Estado, dotada de boas instalações e officinas de montagem e fabricação de aeroplanos (exclusive motor).
- Grupo n.º 1, com 6 secções, 3 esquadrias (caça, bombardeio e observação), com excelente aeródromo, suficiente material de vôo, funcionando como unidade tactica e como escola.

Aviação Naval:

- Escola de Aviação de Bahia Blanca (Puerto Belgrano), com poucos aviões, mas em numero suficiente para a instrucção dos alunas.
- Parque de Aerostação "Fuerte Barragán", com um dirigível e balões livres e observatórios, inicio de uma escola que mais tarde entra em franca actividade.

Aviação Civil:

- Aero Club Argentino, centro iniciador da aeronavegação, então supplantado em suas actividades pelo desdobramento da obra de que elle mesmo lançou a pedra fundamental.
- Centros de Aviação Civil, em numero de 19 escalonados de Buenos Aires para Oeste e para Norte, até os confins do territorio, uns perfeitamente apparelhados (com aeródromos, material de vôo e instructores), outros com parte dos recursos necessários, e outros ainda em organização. Mas em todos elles trabalho e entusiasmo, movidos pelo exemplo, dedicação e actividade do grande propagandista da aviação civil que o paiz tem no então Major Francisco da Silva Torres.

Tal era o aspecto da aviação argentina em fins de 1923, quando o autor destas linhas lá chegou no desempenho do honroso cargo de addido militar. E, com pequenas diferenças era este mesmo o aspecto que apresentava quando o Presidente Alvear assumiu a direcção do paiz, em Outubro de 1922. Cumpre fazer esta referencia porque o periodo de governo prestes a findar tem sido o mais efficiente na resolução dos problemas de defesa nacional, e, como era de esperar, fez sentir sua influencia no desenvolvimento da aviação. E' pois o inicio de uma nova phase, que talvez termine em 1928, com a mudança de governo e nova orientação do novo mandatario. Periodo, que poderá assinalar maior evolução ou apenas continuidade de trabalho, mas não estagnação ou retrocesso, pois o conhecimento que temos dos nossos vizinhos diz-nos com profusão de exemplos que elles bem sabem "conservar melhorando".

(Continua)

Os Exercitos do A. B. C.

(Vistos pelo Gen. Aldo Valori do Ex. italiano)

(Extrahido da "Revista Militar Argentina", N.^o de Maio).

Depois de algumas considerações relembrando as origens da America do Sul, os traços geraes das condições de seu desenvolvimento em preparação com os Estados Unidos, sua pequena influencia na politica mundial actual, suas nenhias possibilidades e seu papel no futuro, a extensão pôde apresentar-se assás considerável, o General italiano Aldo Valori estuda rapidamente a organização e as condições geraes dos tres principaes exercitos sul americanos, brasileiro, chileno e argentino.

Começa pelo Exercito Argentino. A Republica Argentina, diz elle, com mais de..... 000.000 de habitantes, quasi todos de origem europeia, por que os residuos da população interna podem ser desprezados, mantém em apoio de paz um minusculo exercito de cerca de 28.000 homens, com o dispendio, não reduzido, de 58.000.000 de pesos papel, absorvendo o, de decimo da despesa total do Estado. A' rinha de guerra o orçamento consigna menos, obstante é ella considerada bastante bôa.

O exercito activo, de facto muito pequeno, serve para a primeira instrucción dos conscritos que prestam um serviço de um anno. Deixis que passam elles á reserva onde permanecem annos e d'ali á guarda nacional e territorial mais 15 annos.

A mobilização prevê a chamada ás armas, tempo relativamente curto, de 10 classes da que faz o serviço activo, num total de cerca de 170.000 homens, podendo a guarda nacional e territorial proporcionar mais cerca de 90.000 homens instruidos e 60.000 não instruidos. Assim, os ultimos seriam consagrados a guarda e segurança publica enquanto o exercito de operações desporia de 260.000 homens instruidos). O enquadramento desta força resitivel está assegurado pelos officiaes que gressam do quadro activo em bom numero pelos sub-officiaes feitos em boas escolas, e comprehendem desde a afamada Escola Superior de Guerra até as escolas de caracter tñico (artilharia, aviação, radio-telegraphia, etc.) O exercito activo, que se pôde considerar na perfeita amostra de exercito quadro, comprehende 5 divisões de exercitos e 3 de cavalaria, tendo a divisão de exercito uma brigada de infantaria a 3 regimentos de 2 batalhões de companhias, além de uma companhia de megalhadoras e de uma bateria de acompanhamento; um regimento de artilharia com 2 grupos um batalhão de engenharia. Vê-se por ahi que facil desdobrar esses elementos pela incorporação de reservistas, augmentando o numero de companhias e de batalhões dos regimentos. Para iso, a capacidade dos quadros é sufficiente na quantidade como na qualidade. O numero de generaes, coroneis etc., é cerca do dobro do que seria necessário para um exercito

de 28.000 homens, não sendo tal exuberancia decorativa mas uma previsão dos desdobramentos eventuaes das unidades em caso de mobilização.

As divisões de cavalaria comprehendem cada uma 3 regimentos de 4 esquadrões.

Além destas divisões de exercito e cavalaria ha ainda 2 regimentos de montanha de 2 batalhões cada um.

O armamento deste pequeno exercito é moderno; a technica e a cultura dos quadros ao corrente dos mais modernos progressos.

Estendemo-nos um pouco no exame das forças militares de terra da Argentina para darmos uma idéa exacta do tipo de exercito preferido pelas republicas sul americanas, das as razões praticas de temperamento e adaptação.

O Chile segue o mesmo caminho, apenas se differenciando a equipagem da tropa, mais adaptada á guerra de montanha. Em geral toda estructura do Exercito Chileno tende a manter-se leve, articulada, como convém a um paiz apertado entre a montanha e o mar e disposto no sentido longitudinal.

O Exercito Chileno comprehende 3 divisões. A primeira constituida de 1 brigada de infantaria de 3 regimentos de 2 batalhões, além de um batalhão de montanha; 1 regimento de cavalaria a 3 esquadrões, dos quaes um de montanha; 1 regimento de artilharia de 3 grupos a 3 baterias, além de 1 bateria de montanha; e um batalhão de engenharia.

As outras divisões são mais fortes, comprehendendo 2 brigadas de infantaria e o resto proporcionalmente.

Além disso ha uma divisão de cavalaria comprehendendo 3 brigadas com 24 esquadrões.

O que caracteriza a organização chilena é a presença de tropas de montanha importantes em todas as divisões, e enquadradas no proprio organismo da divisão. Isto não deve causar estranheza, por isso que, em caso de guerra, todo o Exercito teria um objectivo quasi exclusivamente montanhoso.

E' natural suppor-se que em caso de mobilização, as divisões se transformarão em outros tantos pequenos exercitos e então cada unidade de montanha (batalhão, esquadrão ou bateria) desdobrada, passaria a fazer parte de uma formação mais ampla onde teriam possivelmente missões especiaes e proprias.

O corpo de officiaes chilenos é tambem bastante numeroso (cerca de 1000) em relação ao numero exiguo de soldados. Os officiaes são valentes e cultos mas padecem do mal (como na Hespanha) das associações (juntas militares) que entorpecem o bom funcionamento do organismo, distrahem os espíritos e influem perigosamente na existencia da hierarchia.

O Brasil é, como se sabe o mais populoso e rico paiz da America Latina: — será dentro de um seculo um dos maiores Estados do mundo. Hoje resente-se dessa mesma grandeza pela dificuldade que encontra em organizar-se, de distribuir e aproveitar os proprios recursos latentes, que são incalculaveis.

De taes faltas soffre o Exercito que, muito embora animado de um vivo sentimento nacional, não consegue unidade de espirito perfeita, nem o que é peor, disciplina. Recentemente ainda motins e conflictos penosos puzeram em evidencia estas debilidades radicaes que só o tempo e a evolução politica geral na nação poderão remediar, ou então, uma grande guerra que, como prova suprema, fórmula e reforça a unidade espiritual.

A organização do Exercito Brasileiro, si bem que débil em relação á população do paiz (30.000.000 de habitantes) mostra-se harmonica e bem concebida.

O immenso territorio está dividido em 7 regiões e 2 circumscripções. O serviço militar é obrigatorio e dura dos 21 aos 44 annos (9 no exercito de primeira linha e 14 no de seguarda).

O serviço efectivo é de 1 anno (2 para certas armas) depois do qual o conscripto passa á reserva. Dada a grande quantidade de recrutas se procede ao sorteio para determinar

os que devem ser incorporados que são uma restricta minoria. Não obstante, são chamados frequentemente e o tiro ao alvo está bastante desenvolvido para todas as categorias.

O Exercito activo (sem as reservas) comprehende 5 divisões de infantaria e 3 de cavalaria.

A divisão de infantaria comprehende 2 brigadas de infantaria de 2 regimentos, 1 regimento de cavallaria de 4 esquadrões, 2 regimentos de artilharia leve e 1 de pesada, engenharia e serviços.

A divisão de cavallaria comprehende 4 regimentos a 4 esquadrões e metralhadoras. A força total em tempo de paz é de 4000 officiaes e 54000 soldados.

Em resumo. A organização militar dos tres maiores paizes sul americanos, formadores do chamado A. B. C. basea-se, como se vê, no principio, também commun aos Estados Unidos, da reducção ao minimo dos effectivos de paz, assegurando-se, porém, os meios de podelos elevar rapidamente em caso de guerra. Quanto ao mais, estes paizes seguem as tradições européas.

O escasso desenvolvimento industrial e a insufficiente ordem da vida civil são factores negativos, além dos transitorios, no quadro de conjunto do rendimento bellico da America Latina.

Os civis e a defesa nacional

"Entre as mais notaveise deficiencias na generalidade de nossos homens publicos, avulta a incomprehensão de nossos problemas militares de terra e mar. Tão grande, tão profunda, que della se pôde inferir uma causa vinda de remoto passado."

"Aos civis, portanto, cabe estudar o mecanismo complexo do que é uma fróta de combate e seus annexos; do que são as divisões e os exercitos. Sem serem technicos, conhecem da technica o bastante para formarem juizo e cooperarem na criação e na manutenção inflexivel e progressista da defesa nacional.

Na situação vigente, pouco são os politicos, dignos desse nome, conhecedores de taes assumtos, e nisso vae grave perigo para o paiz. Porque o que está em jogo é uma vasta organização complexiva, que deve abranger todas as energias nacionaes, em todas as suas manifestações."

"E em quanto se não vulgarisarem conhimentos militares nos homens publicos capazes de serem membros dos gabinetes, tal penuria de competencias civis será uma fraqueza para nós.

A orientação de nossa politica quanto ás forças de terra e mar decorre de todos esses antecedentes historicos, e da lição dos factos. Integrar a Nação com a incorporação das classes armadas. Unir intimamente civis e militares; intimidade não imposta; nascida, ao contrario, da convicção profunda de que a Patria não pôde viver, nem garantir seu surto pacifico e progressista, sem assegurar os meios de manter a paz. *Si vis pacem, para pacem*, no dominio internacional; mas possuindo os elementos para tornar respeitavel nossa ansia apaixonada pela concordia, que se não possa nunca acoimar de fraqueza, e tendo sempre os recursos para que seja ouvida e exerce plena efficiencia nossa palavra de cordura.

Para provar a sinceridade de nosso religioso respeito pelos direitos alheios, do nosso amor á solidariedade humana e á fraternidade internacional, ahí está mais de um seculo de vida como Nação independente."

(Classes Armadas — Calogeras)

"Os exercitos em que se tem concedido demasiada importancia ao principio de antiguidade, teem sido sempre batidos." — (DE BRACK.)

Vulnerabilidade dos artilheiros(*)

(Conferencia feita na Escola de Applicação do Serviço de Saúde do Exército).

PELO TEN. CEL. SILIO PORTELLA

ADVERTENCIA

Senhores doutores!

O Sr. General Director do Serviço de Saúde da Guerra commeteu-nos a incumbência de vos entreter, por alguns minutos, com uma palestra de interesse para o Curso de Applicação do Serviço de Saúde do Exército.

Não nos foi fácil a escolha do assumpto; faltando-nos conhecimentos da matéria em que sois doutos, não poderíamos, evidentemente, dissertar sobre medicina, o que naturalmente fixaria a vossa curiosidade.

Lembrámo-nos de cousas referentes ao Serviço de Saúde em Campanha por ser o fundamento de vossa presença nesta Escola. Confessamos, porém, que nos invadiu o receio de incidir em conhecimentos que vos são familiares, por já terem sido cuidados pelos vossos mestres.

Fomos, assim, conduzidos a pensar em nossa especialização: a arma de artilharia. E neste campo, procurando motivos para atrair a vossa atenção, chegámos á conclusão de que não seria, talvez, fóra de propósito vos relatar perfunctoriamente em que condições se verificam as baixas no pessoal artilheiro em campanha.

Examinada a questão á luz dos principios táticos, é possível orientar a medicos sobre a razão de ser na constância de ferimentos de certa natureza, ou na persistência de determinados estados morbidos entre artilheiros.

Apressamo-nos, porém, a vos informar que não é da matéria medica que sao ámos ocupar, e sim das situações em que estes vossos clientes se encontram em campanha quando são recolhidos a uma ambulancia.

Por outro lado, não teria cabimento vos fazer um curso de tática de artilharia; será bastante vos apresentar os aspectos geraes da sua vida em campanha, para concluirmos o quanto ha de vulnerável no pessoal que com ella lida.

Tereis, assim, um subsidio para avaliardes o lugar que os artilheiros ocupam nas diferentes hospitalizações de campanha, quando tiverdes de cogitar sobre o emprego tático das vossas formações sanitarias.

GENERALIDADES

Não é necessário ser artilheiro para saber que a artilharia é uma arma capaz de produzir efeitos materiaes importantes; lidando com os projectis pesados, ricamente dotados de explosivos e que podem atingir ás maiores distâncias do campo de batalha, tem a faculdade de occasionar, com alguns tiros particularmente felizes, inúmeras baixas no campo opposto, baixas essas que se verificam em pontos va-

riados, frequentemente mui distantes uns dos outros.

A ameaça assim criada pela presença da artilharia, empresta-lhe uma extraordinaria autoridade moral no theatro da luta, o que se verifica não sómente no seio das tropas amigas, das que se beneficiam do seu precioso auxilio, como também entre as tropas adversas, entre as que supportam a brutalidade dos seus effeitos, pelo sentimento de inferioridade que lhe inspira o tumulto atordoante da queda dos seus projectis ruidosos.

São sem conta os casos provados dos effeitos moraes da artilharia; na grande guerra europea se encontram exemplos a cada passo. Para citar alguma cousa do nosso Continente, lembrei o episodio mui conhecido, passado durante a guerra civil em um paiz vizinho, onde um dos partidos, em certa jornada, deveu o seu successo á ausencia de artilharia no campo opposto e á presença de uma incansavel artilharia amiga que, no entanto, atirara o dia inteiro, por falta de munições, com cartuchos para salvas, sem projectis, desses que costumam ser queimados nas grandes datas nacionaes...

Com taes predicados, é de concluir o interesse reinante, entre adversarios que se defrontam, em pôr fóra de combate a artilharia opposta; costumam mesmo especializar neste mister uma parte da artilharia amiga, constituindo a chamada missão de contra-bateria.

Conseguem silenciar a artilharia adversa com relativa facilidade, desde que a sua localisação seja approximadamente conhecida, porque o pessoal que serve as peças é especializado nessas funções, e algumas baixas entre certos especialistas serão capazes de pôr a unidade de artilharia inteiramente fóra de acção, por um tempo mais ou menos apreciavel.

Já não diremos outro tanto com relação ao material de tiro, porque a sua inutilização reclama empacto em cheio de projectis, atingindo orgãos importantes das peças, sem substituição possível na linha de fogo, o que demanda condições technicas mui especiaes para o tiro assim destruidor, e um consumo notavel de munições.

Mas, a pelle humana, que aumenta a superficie vulnerável em torno das peças, não carece de taes exigencias para ser serialmente alcançada, o que conduz geralmente á preferencia do adversario em fural-a, em vez de procurar destruir as machinas que lançam projectis.

Todavia, si o pessoal de artilharia é pilhado em um canto do campo de batalha pelos projectis do adversario, não é por culpa sua, e

N. da R. — Esse trabalho e outros, recentemente produzidos pelo Ten. Cel. Silio Portella, sahirão, ainda esse mez, reunidos em nutrita brochura,

sim por conta do material a que servem, pois este se apresenta sempre de maneira muito indiscreta:

Ora, é o seu *vulto* accentuado, com viaturas que, puxadas a 3 parelhas, attingem a 15 ms. de extensão.

Ora, é a *poeira* que estas viaturas levantam das estradas, ou que as peças revolvem em formidáveis sopros por occasião do tiro.

Ora, são os *clarões* motivados pelos disparos perfeitamente visíveis a grandes distâncias, mesmo com o sol a pino.

Ora, é o *som* que as peças emittem em sua manifestação estrepitosa.

Nestas condições, toda a tática de artilharia é dominada pela idéa de *não denunciar a localização* das peças, mesmo no momento crítico do tiro, momento em que todas aquellas causas — vulto, poeira, clarões e estrondo — concorrem ao mesmo tempo para accusar a sua presença em alguma parte.

Seria difícil conseguir-o si não fôra uma propriedade característica da artilharia: a arma dos *fogos longinquos*.

Com a faculdade de alcançar, com os seus projectis, a grandes distâncias, as posições da artilharia são, ás mais das vezes, afastadas da linha de fricção entre os adversários, proporcionando meios de evitar ou, ao menos, attenuar tais causas denunciadoras.

Deste afastamento do pessoal artilheiro relativamente à frente de contacto, pondo-o a coberto do alcance das *armas de fogo da infantaria* inimiga, poderemos desde logo concluir que as baixas que geralmente infelicitam os artilheiros são produzidas pelos projectis de artilharia, aí incluindo o seu estilhaçamento, a chuva de balins lançados pelos projectis ainda no ar, as queimaduras, os efeitos de expansão dos gases resultantes da explosão, o atordoamento ocasionado pela violência com que o projectil termina a sua trajectória, etc.

Isto significa que os ferimentos no pessoal de artilharia são geralmente graves.

Os produzidos por balins lançados pelos projectis ainda no ar (balins de shrapnell), costumam ser ferimentos importantes, por serem os balins de liga de chumbo, com forma esférica e diâmetro relativamente grande, rasgando os tecidos em extensão notável, principalmente quando se deformam ao penetrar no corpo humano.

Os ferimentos occasionados pelo estilhaçamento dos projectis carregados de explosivos (granadas), são ainda mais sérios. Sendo os projectis de fonte aceirada, os estilhaços são pequenos, mas impressionantes pelo seu grande número, o que faz com que um mesmo individuo seja tocado em vários pontos. Si os projectis forem de aço, os estilhaços são maiores e fragmentados com arestas vivas, cortantes, capazes, então, de seccionar inteiramente os órgãos que atravessam.

Ha ainda uma circunstância aggravante para os ferimentos dos artilheiros assim attingidos por projectis de artilharia: é o perigo do *tetano*, motivado pelo facto desses projectis repousarem sempre sobre o sólo antes de serem utilizados, ou penetrarem no terreno antes de terminar a sua viagem com a incidencia no

corpo humano, ou mesmo conduzirem nos estilhaços fragmentos do uniforme para dentro da ferida.

Ora, esses grandes ferimentos e aggravação pelo tetano não costumam ser a regra nas baixas occasionadas pelas balas de fusil ou das armas automaticas da infantaria, balas ditas *humanitarias*, que se propõem a pôr os homens fóra de combate causando o menor danno possível, de maneira quasi elegante...

Infelizmente, estas não têm o habito de chegar até aos artilheiros, porque geralmente não alcançam as suas posições de combate.

Ainda uma causa, não menos frequente, de baixas no pessoal artilheiro produzidas pelos projectis da artilharia opposta, é a *intoxicação* pelos gases da explosão, não sómente de projectis de uso corrente, com a costumeira carga de arrebentamento, como tambem de projectis especiaes, carregados de productos que, pela combustão, dão lugar ao apparecimento de espessas camadas de gases deleterios ou corrosivos. A intoxicação de uma zona de terreno por tal meio, é um processo commodo para neutralizar rapidamente a actividade de certa artilharia, reduzindo as peças ao silencio, nem que seja pelo seu abandono por parte do pessoal.

O afastamento em que as posições de artilharia se acham, a miude, da frente de combate, proporciona a oportunidade de ser o seu pessoal bombardeado por aviões. De feito, não seria isto possível se a artilharia andasse sempre entre os elementos mais avançados, em zonas em que o bombardeio aereo seria perigoso, pela possibilidade de alcançar amigos e inimigos. Mas, o contrario é que se passa commumente, de modo que a aviação pôde deixar cair sobre a artilharia os seus terríveis projectis, fartamente dotados de explosivos nada obstante a dispersão grande accusada pelos pontos de incidencia no terreno.

Todavia convém notar que não é muito corrente o *enter* à da aviação no bombardeio das posições de artilharia, porque tais missões são reservadas em combate para os objectivos de outra natureza, fóra do alcance da artilharia amiga. Mas, em vossa clínica de campanha, tereis certamente muitos clientes da arma de artilharia victimas da aviação inimiga, attingidos em circumstancias que indicaremos daqui ha pouco.

Si este apartamento da artilharia esboça a physionomia geral da sua tática de combate, não devemos concluir que as causas se apresentem sempre de tal maneira; acontece muitas vezes que o inimigo não se conforma com isto, e investe contra as peças, diminuindo a distancia que estas desejariam conservar; outras vezes, a propria artilharia se obstina a atirar de perto ou a permanecer em acção até aos ultimos momentos. Em circumstancias assim definidas, o pessoal de artilharia é tocado também pelo armamento portatil do adversario, pelas armas de fogo de pequeno calibre, pela bala de fuzil ou de arma automatica que costuma sibilar entre os elementos mais avançados que se enfrentam.

Apresentadas estas generalidades sobre os motivos das baixas no pessoal artilheiro em

mpanha, veremos a seguir algumas informações mais minuciosas sobre as circunstâncias que elas têm lugar nas três modalidades éticas das operações da artilharia — marcha, estacionamento e combate — dando, ao mesmo tempo, uma ligeira notícia sobre as disposições onselháveis para poupar aos artilheiros os feitos dos projectis inimigos.

EM MARCHA

Em marcha, as viaturas de artilharia se locam por tracção hippomovel; está previsto mesmo a tracção a bois para certas peças que, pelo seu calibre avançado, têm já um peso notável relativamente ás que constituem a maioria da artilharia de campanha.

A não ser na artilharia a cavalo (em todo o seu pessoal cavalga animaes) e na montanha (em que a maioria segue o material a pé), os serventes das peças acompanham o material sentados sobre as viaturas, enquanto as condições do percurso a vencer o permitem.

Entretanto, taes commodidades não costumam durar muito: o menor tropeço na tração da viatura provoca a descida de quem se ilgava, talvez, confortavelmente installedo para viagem.

E estes tropeços são frequentes, devido ao grande peso das viaturas de artilharia; mesmo mais leves têm o peso não muito distante de 2 toneladas. Em condições taes, uma rampa mais accentuada, um trecho de estrada menos comodo, um animal de tracção em situação física um tanto deprimida, dão lugar a queda da viatura, com descida forcada dos seus assageiros e, o que é mais desagradável, com obrigaçāo, por parte destes, de empregarem sua força muscular para novamente pôr em movimento o vehículo detido. Isto constitue, evidentemente, uma fonte de despesa organica importante, a que os artilheiros são sujeitos pelas manobras de força em que continuamente se envolvem.

E quando a artilharia sai da estrada para ocupar posição de combate? Ahi, as manobras e força se prolongam por extensões consideráveis, reclamando aos artilheiros um trabalho exaustivo, para safarem o material dos maus assos.

Não é sem razão que os soldados, em sua linguagem pittoresca, costumam chamar a artilharia de *arma pesada*... Certamente não se referem ao numero de kilos das viaturas, e sim ao serviço pesado da sua vida de campanha...

Estes motivos de dispendios do organismo em logar desde o periodo em que a artilharia marcha longe do inimigo, e se prolongam pelas marchas perto do adversario, isto é, quando se encara a possibilidade de combate imminente, hase em que se vêm juntar os agravos motivados pela intervenção dos projectis que param do campo oposto.

Nas marchas perto do inimigo, a preocupação dominante da artilharia é estar prompta para entrar em acção, sem ser vista do lado e lá.

Mas, a isto se oppõem o seu *vulto* e a poeira levantada pelos rodados e pelas patas

dos animaes. Taes causas como que chamam a atenção para as columnas de marcha que, vistas de longe, apresentam o aspecto caracteristico das columnas de artilharia, com perfeita regularidade na silhueta bem conhecida das viaturas, igualdade no numero de parelhas em cada uma e volume dos vehiculos encolumnados. Basta dizer que a menor unidade tactica da arma, o grupo de artilharia, quando completo, possue approximadamente uma centena de viaturas, e as columnas de viaturas de outra natureza (parques, comboios, etc.), com extensões tão notaveis, não costumam andar em escalões tão proximo do inimigo, como o faz a artilharia que se dispõe a entrar em luta.

A reacção que esta poeira e este vulto produzem nas disposições tacticas para a marcha, é obrigar á artilharia a não se aventurar muito para a frente das columnas de tropas; guardando um afastamento de 4 ou 5 kilometros das posições provaveis do inimigo, conserva a possibilidade de furtar-se á bisbilhotice da sua observação terrestre, pelo aproveitamento das dobras do terreno por onde se desenvolve a estrada de marcha.

Mas, nem por isso fica livre de ser pilhada em movimento; é a consequencia do fatalismo das estradas, cujo traçado attende a conveniencias bem diversas do aproveitamento tactico do terreno; e não convém á artilharia o abandono frequente do leito preparado para a circulação, pelas razões indicadas linhas atrás, as quaes, não sendo attendidas, arrastam a demora no avanço do material; nós costumamos dizer que o caminho mais curto entre dois pontos do terreno é a estrada, por mais voltas que ella dé...

Então, si a artilharia inimiga antecipar o seu aprestamento para o combate, é possivel que a nossa columna de marcha de artilharia receba a sancção dos seus projectis que, arrebatando no ar, cobrem rapidamente uma grande extensão do solo com balins ou estilhaços. E, como a artilharia em marcha não pode se furtar rapidamente ao tiro do inimigo, como acontece com as demais armas diferentes da artilharia (cavallaria, infantaria...), as baixas do pessoal assim desabrigado são sensiveis, com o gravame da desorganização na columna.

Esta desorganização resulta não sómente de ferimentos nos conductores das viaturas, como tambem nos animaes de tracção; basta que um desses animaes seja tocado, para que a viatura fique paralysada por um tempo apreciavel. Estas baixas em animaes não podem ser indiferentes aos chefes do Serviço de Saude e Veterinaria.

Assignalemos que, em tal phase das operações, os feridos que cheguem ás vossas mãos, são geralmente do escalão de tropa chamado *grupo de tiro*, isto é, do pessoal que lida directamente com as peças.

Os artilheiros dos trens de combate e, mais ainda, os dos trens de estacionamento, são menos vulneraveis porque, escalonados mais para a retaguarda, são menos visiveis dos observatorios terrestres do inimigo.

No entanto, si a aviação inimiga vôa sobre

a columna, os perigos para a artilharia são multiplicados.

A tropa de infantaria ou cavallaria, é sempre possível abrigar-se mais ou menos ao lado da estrada, pela sua facil adaptação ao terreno. Já com a artilharia, isto não é praticável, pois as viaturas não podem ficar abandonadas.

Resigna-se, então, a encostar em uma das margens do caminho e parar a columna, pois esta parada poderá, talvez, dissimular a visibilidade das viaturas, quando o avião vôa muito alto.

E' possível, tambem, que de nada valham tais disposições, e venha a receber algumas bombas explosivas ou mesmo tiros de metralhadora quando, em vôo ousado, a aeronave passa muito baixo.

Notemos que os perigos creados pela aviação inimiga se espalham por todos os escalões da artilharia, desde os mais avançados até aos mais recuados.

Tratando-se de marchas nocturnas, a artilharia, nem por isso, fica livre dos riscos da aviação; é a situação em que a desorganização da columna é facil, pela escuridão da noite.

O avião pára o motor e procura ouvir o ruido característico do rolamento de viaturas. Para o evitar, a solução que se impõe é parar toda a columna.

Restará sómente a possibilidade de ser vista por meio de um qualquer artificio illuminativo.

Não sejamos, porém, pessimistas; a artilharia em marcha não costuma ser atormentada a todo instante. Em tal periodo, as baixas por efeito de ferimentos no pessoal artilheiro, não são frequentes. Os soccorros medicos são antes reclamados pelos cavalleiros e infantes, que vão estabelecendo o contacto lá perto do inimigo.

EM ESTACIONAMENTO

A situação de estacionamento para a artilharia implica no afastamento do inimigo, ao menos em relação á zona em que estaciona. Do contrario, em vez de inactividade por meio do repouso, a artilharia estaria em acção, prompta a collaborar com outras tropas na segurança do conjunto.

Com a parada do material, desaparece a poeira que o perseguia durante a marcha; permanece sómente o seu vulto como causa denunciadora de sua presença.

E' sempre possível escolher a zona de estacionamento da artilharia fóra das vistas da observação terrestre do inimigo, com a conveniente utilização do relevo do terreno.

Outro tanto já não se pôde dizer relativamente á observação aérea, contra a qual são necessarios cuidados especiaes, nem sempre eficazes.

E, uma vez descoberta a posição do material estacionado, fica a artilharia sujeita a ser bombardeada pela aviação, ou mesmo pela artilharia inimiga, dentro do seu raio de alcance.

O pessoal artilheiro é, então, atingido por baixas, porque o seu estacionamento é sempre junto ao material. Ahi tanto podem ser alcançados os homens que lidam directamente com as peças, como os conductores e os demais es-

pecialistas necessarios ao funcionamento da unidade tactica; só poderão escapar os que se acham fóra do estacionamento, em serviço de reabastecimento ou remuniciamento.

O meio naturalmente indicado para evitar tais baixas é occultar o mais possível as numerosas viaturas de artilharia: não formar com elles grandes aglomerações, procurando antes espalhal-as no terreno; deixal-as de preferencia sob vegetações onde não possam ser vistas de cima.

A falta de vegetações, ha o recurso de cobrir as viaturas com rôdes de disfarce ou lonas com desenhos engenhosos para bem se adaptarem ás cores do solo envolvente. A occultação, no entanto, não é perfeita, pois a sombra das viaturas contra o solo é bastante para dar-lhes relevo.

Afóra as ligeiras indicações que ahi ficam, nada ha de especial sobre o estacionamento da artilharia com relação ao assumpto da nossa palestra.

Sómente desejamos salientar que a segurança da artilharia estacionada resulta da garantia criada pelas outras armas que se acham na mesma zona. Si alguma vez receberdes artilheiros feridos em consequencia de operações inopinadas ou incursões audaciosas do inimigo contra o local de estacionamento, a culpa não cabe á artilharia, que repousa sob a protecção da infantaria ou cavallaria que junto a ella se encontre.

EM COMBATE

Independentemente dos males causados pelos projectis inimigos, o pessoal de artilharia em acção está sujeito a fadigas extraordinarias, porque deve estar sempre alerta para a satisfação rápida de um pedido de fogos.

A tropa de infantaria, mesmo a que se acha empenhada com o inimigo, encontra meios e modos para gozar de relativo repouso. Nem toda a infantaria fica em primeiro escalão de combate; as reservas successivas dos diferentes commandos de infantaria são tropas que descansam tanto mais, quanto maior fôr o afastamento da frente de combate.

A infantaria disposta em primeiro escalão não deve permanecer nelle por longo tempo; as operações activas que ahi se desenvolvem obrigam a sua substituição ao fim de curto prazo, proporcionando-lhe occasião para refazer-se das fadigas da frente.

Com a artilharia, as coisas se passam differentemente; a artilharia em combate não tem o direito de ficar em reserva; toda ella fica em acção. Mesmo nos momentos de completa calmaria, deve responder rapidamente á ordem que lhe chega de retomar a actividade. Tanto vale dizer que o pessoal de artilharia conserva-se vigilante por toda a duração da luta, sem os momentos de lazeres que desfrutam as tropas da arma irmã, quando em reserva.

E' evidente que estas vigiliias são causas de despesas organicas importantes, a levar em conta no passivo avantageado do artilheiro.

O que vale é que nem toda a gente de artilharia está sujeita a tais rigores. Elles inci-

m sobre o escalão da *linha de peça*, sobre o calão propriamente de *tiro*.

Existem outros escalões de artilheiros, cujas posições de combate ficam á retaguarda das linhas de peça: são os escalões remuniciadores. Embora interessados tambem na luta, não participam desse constante alerta, porque a necessidade de conduzir munições para a frente não se manifesta com frequencia, dado o stock de projectis que existem junto ás peças.

A' frente da linha de peças, na maioria dos casos, encontra-se o escalão director do tiro. Assim collocado pela exigencia de bem ver o terreno ocupado pelo inimigo.

A necessidade de ver o inimigo implica em si tambem por elle visto: dahi os riscos por que passa o escalão director do tiro.

Em todo caso este escalão é constituido por pouca gente agrupada em um mesmo ponto: a diferenciação de funcções reparte este pessoal em pequenos grupos que procuram ocupar pontos banaes do terreno, para não serem assinalados.

O perigo do assignalamento existe em maior escala para o primeiro escalão de que os occupámos, para o escalão de tiro que, permanecendo junto ás peças, soffre a consequencia de suas indiscreções.

O vulto da peça em acção é certamente menor que o da peça em movimento, por isso que as parelhas são retiradas para longe da linha de fogo.

Sem embargo, a peça continua a ser perfeitamente visivel si cuidados especiaes com a dissimulação não forem tomados: occultação pela vegetação rôde de disfarce, etc.

A poeira motivada pelo forte deslocamento das gazes da detonação na superficie do solo, ou occasião da partida do projectil, é outro motivo sério para a denuncia da posição da peça.

Este grande sopro produzido pelo canhão no momento do disparo acaba, ao fim de alguns rolos, por derribar ou mesmo arrancar a vegetação na frente da posição, criando uma longa mancha no solo, perfeitamente visivel para um observador aéreo.

O recurso que ha é procurar um terreno em consolidado na frente da linha de peças e disfarçar o mais possivel, com vegetações, o asto que a successão dos tiros vai deixando em frente ás boccas de fogo.

Os clarões podem não ser vistos do lado inimigo durante o dia, quando as posições de peças ficarem fortemente desenfiadas atrás de m movimento do terreno.

Durante a noite, porém, não podem ser vitados, e será possivel ao inimigo localizar opographicamente a posição da fonte luminosa, com bastante precisão.

Contra o som emitido por occasião do disparo ainda nada se poude conseguir; e, no entanto, o adversario poderá lançar mão de aparelhos mui sensiveis, capazes de localizar a posição da peça por meio das ondas sonoras...

Esta enumeração, com apparencias técnicas, torna-se necessaria para vos mostrar quais os riscos por que que passa o pessoal artilheiro em torno das peças em posição de

combate. Estas posições de combate acabam por ser assinaladas, seja pela observação aérea, seja pela observação terrestre, seja pela apreciação de phenomenos acusticos quando não o forem por informações que caem em poder do adversario...

Com tantas fontes denunciadoras, não é de admirar que as baixas de combate no pessoal artilheiro sejam oriundas, em sua maioria, desse escalão que lida com as peças, onde se encontram elementos preciosos pela especialização no seu serviço.

Procura-se attenuar o numero de baleados por meio de expedientes varios: dotar as peças de escudos metallicos, a prova dos pequenos estilhaços, para que as guarnições se abriguem atrás delles, quando a rajada vier; criar entrancheiramentos juntos ás posições dos canhões, para os mesmos fins, etc. Mas, isso pouco vale em face dos grandes calibres da artilharia inimiga, em face das grandes bombas dos aviões, em face dos gases toxicos.

Por outro lado, a situação tactica é que indica a conducta da artilharia em combate; e, quando ella o reclamar, o artilheiro não terá duvidas em relegar para segundo plano as disposições que poupam a sua pelle, e saberá correr os riscos sugeridos pelas circunstancias.

Mesmo no curso normal do combate, encontram-se numerosos destacamentos compostos de artilheiros, a estabelecer ligações com os elementos avançados das tropas de infantaria, em situação, portanto, de serem atingidos pelos fusos do adversario.

As disposições aconselháveis á economia de vidas dos artilheiros, não resultam de uma situação privilegiada no seio da tropa. E' que a sua especialização é de preparo longo; não podem ser substituidos por homens quaisquer, enviados para completar os quadros que se derem em combate.

De resto, a tactica peculiar ás demais armas combatentes estão igualmente cheias de disposições que procuram limitar as perdas de vidas dos seus homens de tropa.

* * *

Temos fixado a vossa attenção para a vida dos artilheiros mais directamente empenhados em combate, dos que gravitam em torno das peças.

Mas, afóra estes, encontraremos gente de artilharia em escalões mais recuados, sujeitos tambem a soffrir baixas por effeito da vida em campanha: são os que lidam com as munições, empilhadas aos milhares em depositos sempre desabrigados.

Com relação a taes artilheiros, ha a notar, primeiramente, os que labutam com toneladas que se contam sempre ás centenas, exigindo delles esforços physicos consideraveis.

Em seguida, percebemos sem esforço que vivem permanentemente junto a um vulcão, capaz de entrar em actividade com o menor accidente, ou com a chegada de um projectil inimigo, de longo alcance, ou com a descida de uma bomba de avião, o que constitue o perigo mais frequente.

Desabrigados como sóem ser esses depositos de campanha, os recursos que se têm para a protecção do seu pessoal, são: disfarçar o mais possível a sua localização, levantar parapeitos de terra entre as pilhas de projectis, para limitar os efeitos das explosões e dos incendios que a estas se seguem, e observar rigorosamente as regras de bom manuseio e conservação dos projectis.

Si isto não fôr sufficiente, tereis sob vossos cuidados grandes casos de queimaduras, affecções nervosas e traumatismos occasionados, desta vez, pelos projectis amigos.

CONCLUSÃO

Nas ligeiras considerações que ahi ficam, tivemos a intenção de vos apresentar aspectos segundo os quaes o pessoal de artilharia é posto fóra de combate; são aspectos geraes, pois as questões foram tratadas muito summarimente, para que guardassem o necessário equilibrio ao assumpto de uma conferencia unica.

Focalizando as situações em que se verificam taes baixas, talvez se desprenda do que dissemos um certo pessimismo quanto á vida em campanha dos artilheiros.

Não nos moveu, porém, o intuito de exagerar os riscos por que elles passam.

Cuidando da vulnerabilidade do pessoal de artilharia, procurámos salientar que o afastamento da frente de engajamento em que se encontram, a miude, as posições da artilharia, não as inhibe de serem importunadas pelo adversario. Muito ao contrario disso, essas posições são ansiosamente procuradas, dado o efecto decisivo na sorte das batalhas produzido pelos projectis que dahi são lançados.

E' opportuno salientar que este afastamento não é dictado unicamente pelos reclamos da sua vulnerabilidade. Razões de ordem tactica e technica a isso obrigam imperiosamente.

Este recuo de posições em relação ao inimigo, é justamente o que proporciona á artilharia elementos technicos para a grande variedade de combinações a que os seus projectis se prestam, erigindo no campo inimigo a ruina dos seus orgãos vitaes, da maneira mais inesperada e brutal; é o que lhe permite um vasto campo de acção, podendo em poucos minutos levar a sua obra destruidora em pontos mui afastados uns dos outros.

Dar-vos-emos uma prova material dos seus terríveis efeitos, transcrevendo o quadro do Dr. Touber, medico inspector geral no exercito francez; organizada a estatística de todas as baixas verificadas durante a guerra 1914-1918, o Dr. Touber encontrou as seguintes proporções de perdas para a média das principaes batalhas da campanha:

Perdas occasionadas pelos projectis de artilharia	67 %
Perdas occasionadas pelas balas de fusil e metralhadora	23 %
Perdas occasionadas por outras causas	10 %

Estes numeros falam mais alto que qualquer outro argumento; mostram que, na bata-

lha moderna, o dominio sobre o adversario por meio do fogo é devido, em proporção fartamente esmagadora, á actuação da artilharia.

Dahi, então, o interesse que ha para o adversario em anniquilar esse elemento destruidor, seja qual fôr a situação em que esteja: quando marcha, quando estaciona ou, si ainda escapou, quando combate. A actuação contumaz do inimigo contra a artilharia não resulta do seu passivo, isto é, da sua grande vulnerabilidade, e sim do seu activo, do que ella vale como elemento preponderante da decisão da luta.

* * *

Passámos em revista, senhores doutores, as circumstancias em que se verificam as baixas no pessoal de artilharia; são estas que reclamam os vossos cuidados.

Não tratámos dos motivos de perdas no material, porque estes não vos importam.

As baixas no material preocupam a nós, artilheiros, que lhe prestamos tambem a nossa assistencia clinica.

De feito, o canhão, como o corpo humano, tem lá seus orgãos delicados, sujeitos a desarranjos e falhas que acarretam o máo funcionamento do conjunto, indo mesmo á sua paralysia completa.

Tem um apparelho circulatorio onde corre liquido especial de dosagem bem determinada para o bom funcionamento do freio, liquido que é vehiculado, ora num sentido, ora noutro, conforme a systole ou diastole rhythmada por occasião do disparo.

Lá está tambem o apparelho respiratorio, que é pleno de gaz especial, em contacto mesmo com o liquido circulatorio, regulando as boas condições de vida do canhão. E bem sabeis que, por occasião do tiro, a peça lança grande baforada pela bocca, em vasta expiração, depois da força herculea empregada para o jogo do projectil no espaço.

O apparelho digestivo é insaciavel, apresentando-se o canhão como um grande comedor de munições. E' necessario que os artilheiros regulem o consumo destas, para que os excessos não venham estragar o tubo digestivo; os nossos cuidados vão até á preparação desses alimento, sem o que as más digestões envergarem rapidamente o organismo.

Com isto, o canhão vive.

Vêde-o durante o tiro como todo elle se agita para o lançamento do projectil, sacudindo o ar com formidavel berro, firmando-se bem ao solo para não se deslocar na sua arremetida, encolhendo-se dentro de si mesmo para não tombar com o esforço despendido, distendendo-se em seguida para voltar á compleição primitiva, mas lentamente, como que acabrunhado pelas suas attitudes violentas.

Com uma vida tão impetuosa, é necessario que os artilheiros o cerquem com a sua assistencia, para prolongal-a tanto quanto possivel.

Mesmo no mais acceso da luta, é preciso ir acompanhando a sua tensão arterial, que não deve cahir além de limites previstos.

Quando o liquido circulatorio começa a transvasar, praticamos a hemostase na medida

I M M E M O R I A M !

"A Defesa Nacional" não pode deixar de associar-se ao sentimento nacional manifestado por occasião do emocionante desastre de aviação que de um só golpe ceifou vidas preciosissimas ao Brasil.

Desapareceram *em segundos* brasileiros jovens ainda e illustres e com elles tambem estrangeiros que collaboravam em nosso engrandecimento nacional, com affeição e saber. Entre estes ultimos devemos destacar a personagem do Major Vallo, do Exercito Austriaco, trabalhador infatigavel pelo desenvolvimento de nosso S. G. M., onde era estimadissimo.

Quanto aos brasileiros não nos compunge só vermos faltar ao Brasil uma pleiade illustre, vigorosa e joven, de homens de grande valor intellectual e civico.

Entre os que se foram de um modo tão brutal para os nossos sentimentos e interesses nacionaes, conta-se um grupo eminente da Escola Polytechnica, berço de nossa cultura militar.

No momento justo em que se preparava ali a commemoração da fundação da Real Academia Militar, a parca implacavel veio sustar o jubilo, a nós soldados tão caro, e transformal-o em doloroso luto.

Conhecendo de perto o interesse que man-

lo possivel e applicamos injecções tonicas por meio de golpes de bomba.

Dispomos mesmo de balões, não de oxygenio, mas de azoto ou simplesmente de ar, para evar-lhe alento pelas vias respiratorias.

Sujeito a se congestionar, deixamol-o frequentemente repousar por minutos, para que a circulação se normalise no seu freio de tiro. E' por essa occasião que lhe damos agua fresca pelo tubo — alma, para abaixar um pouco a temperatura elevada.

Se é attingido por um projectil inimigo na propria posição de combate, praticamos a pequena cirurgia, extirpando peças tornadas inserviveis e substituindo-as por outras que sempre acompanham o material.

Todavia, si o ferimento adquire certa gravidade, para o qual os recursos regimentaes são insufficentes, o canhão é evacuado para a formação divisionaria, isto é, para o Parque de Reparação respectivo, onde meios mais efficazes poderão restabelecer a sua saúde abalada.

E si isto não basta, segue para o Parque de Reparação a cargo do exercito, ou mesmo para o hospital. Pa-

rispensavei, alquer forma, o cyclo de sua vida é. A mat

tinhamb e a preocupação que havia em ligar suas actividades ás conveniencias da defesa nacional, e tendo em conta o *valor* dos homens que desapareceram, é que bem se pode ajuizar do prejuizo nacional com o brutal golpe.

Por outro lado, ainda, além de ferir a Escola Polytechnica, centro civil onde as necessidades militares do paiz sempre foram acatadas e comprehendidas, o grave acontecimento feriu fundo á Sociedade Brasileira de Educação, cujos serviços á *formação de um Brasil novo*, são dignos já da maior attenção e do mais decidido apoio.

São formidaveis os effeitos da surpreza e por isso mesmo ainda se nos afiguram irreparaveis as perdas actuaes. Mas mediocres seriam o valor e as obras das almas de élite que se foram se com ellas tudo desaparecesse. Não.

Deixaram influencias imperecíveis e que mais agora devem fructificar. Cumpre aos que ficaram continuar a grande obra de reconstrucão e confirmar a fecundidade desta Patria que pode perder de um só golpe, num momento mesmo em que commorava uma de suas mais legitimas manifestações de grandeza, tantos filhos de tão elevado quilate.

gamente, os seus orgãos não mais adquirem o funcionamento regular, certas peças se gastam ou se dilatam demasiado sem voltar ao feitio original, e o canhão entra a caducar no campo de batalha: falta de precisão nos seus tiros e attitudes exquisitas na posição de fogo.

E' o estado senil.

Depois de alguma tolerancia, é elle posto fóra de forma; vai para um canto banal, como ferro velho.

O canhão é reformado, tal como qualquer um de nós...

E' verdade que ás vezes, tem um destino mais nobre: vai para um museu historico.

Mesmo ahi, irá fazer companhia a mumias que, no entanto, já foram majestades...

"A guerra moderna não requer só que se levem exercitos á batalha, mas sim toda a nação — eis o espirito que deve presidir a formação do alto commando.

CÓMO SE FAZEM OS EXÉRCITOS EFFICIENTES

"A promoção não é um direito, nem constitue premio, mas deve seleccionar capacidades em cada um dos postos da hierarchia."

"A antiguidade é, sem dúvida, titulo dos mais respeitaveis, mas não é o mais respeitavel dos títulos." — (De Brack).

III

REGRAS DE ACCESSO E PROCESSOS DE SELECCÃO DOS QUADROS NO EXÉRCITO CHILENO

A lei que regula actualmente o recrutamento dos quadros no *Exército Chileno*, data de 1925 e foi organisada sob a presidencia do famoso Tte. Cel. Ibañez, esse notável homem de ação, no *Pacifico*. Não tem ella sómente em vista estabelecer regras a serem observadas nas promoções para preencher vagas. Ao contrario, ahí se visa regular o recrutamento dos quadros de acordo com as necessidades do Exército, sem cogitar dos interesses individuaes dos detentores ephemeros dos diferentes postos. Em taes condições, tal lei estabelece tambem regras para a reforma dos officiaes de modo a que seja assegurada uma renovação annual minima nos diferentes postos. Não ha com isso o interesse subalterno de abrir vagas e sim o grande objectivo de evitar que os quadros decaiam em seu valor physico, intellectual, profissional e mesmo moral, assegurando-lhes um renovamento e uma melhoração minimos constantes, a bem da efficiencia do Exército, que a todo custo se procura manter.

O moderno *Exército Chileno*, como o *Argentino*, não tem ainda a prova rude das batalhas. Tem, porém, uma outra menos expressiva talvez mas bastante significativa: a da revolução. Envolvido numa revolução politica, soube resistir se mese decompõe e sem apresentar abalos muito visíveis e apparentes.

Tanto, porém, num como noutro paiz os cuidados com o Exército e a Armada conseguiram já elevar-los ao nível conveniente ás necessidades nacionaes, o que se revela na mentalidade dominante no seio das respectivas officialidades e no conceito que estas gosam nas respectivas sociedades. Todos estão convencidos da importancia nacional e social do Exército e a idéa deste, suas necessidades, o interesse de seu progresso, predominam em absoluto sobre quaisquer argumentos de carácter individual ou restrictivo. Nesses paizes, só o Exército e a Nação têm direitos adquiridos a serem sempre e cada vez melhor servidos. Os direitos adquiridos pelos individuos cessam no momento em que aquelles começam a ser prejudicados.

* * *

No *Exército Chileno* observam-se no recrutamento para o preenchimento dos postos que formam a hierarchia militar as seguintes regras:

1 — Nenhum official combatente ou de classe annexa pôde ser promovido sem haver cumprido, no seu posto, o tempo legal de serviço na tropa e preencher os demais requisitos da lei.

Os prazos legaes acima referidos são:

a) para ser promovido de *Subtenente* a *Tenente* é preciso ter, pelo menos, 3 annos de tropa naquelle posto.

b) de *Tenente* a *Capitão*: 6 annos de posto, sendo 3 em tropa da respectiva arma;

c) para promoção a *major* — o minimo de 6 annos como capitão, sendo 3, pelo menos, no exercicio de um commando e 1 anno numa das escolas Militar, Infantaria, Artilharia, Cavalaria ou Aeronautica;

d) para a de *Tenente-Coronel*: serviço minimo de 4 annos como Major, dois dos quaes, pelo menos, em tropa ou em estabelecimento de instrucção militar;

e) para a de *Coronel*, a condição é identica á de Major a Tenente Coronel;

f) para a ascensão ao generalato é preciso ter 3 annos de Coronel dos quaes um, pelo menos, de commando de tropa ou estabelecimento militar de instrucção.

De General de Bda. a de Divisão, um anno, pelo menos, de posto.

2 — Não são estes apenas os requisitos necessarios á promoção. Todos os annos os officiaes são submettidos a uma rigorosa classificação em quatro categorias, formando-se as quatro listas seguintes:

1.^a Categoria (Lista n. 1) — *Officiaes meritarios*;

2.^a Categoria (Lista n. 2) — *Officiaes satisfactorios*;

3.^a Categoria (Lista n. 3) — *Officiaes condicionaes*;

4.^a Categoria (Lista n. 4) — *Officiaes deficientes*.

Os officiaes da primeira categoria ainda se subdividem em dois grupos: os que têm os requisitos anteriores para a promoção e os que os não têm.

3 — Estas classificações são igualmente pelos commandantes de corpos e chefes os critérios para todos os postos inclusive o que começa al, conforme as condições profissionais na medida

moraes de cada official, qualidades estas que vem ser evidenciadas pelos qualificadores.

Os officiaes manifestam de proprio punho r sciencia da qualificação que mereceram:

5 — Feitas as qualificações pelos commandantes e chefes, uma Junta Qualificadora de eritos organisa as listas de 1 a 4, depois de ter recebido as reclamações, que por ventura uja, dos officiaes interessados e que se não nham conformado com a respectiva qualificação.

Taes reclamações devem calcar-se sempre n factos e devem ser apresentadas até 10 dias antes da reunião da Junta, a qual não se manifestará sobre os officiaes que não houverem certificado ter tomado conhecimento dos juizosmittidos a seu respeito.

A Junta de Qualificações é composta dos: Inspector do Exercito.

Chefe do E. M. E.

Chefe do Departamento do Pessoal.

Commandantes de Divisão.

6 — Uma vez feitas as qualificações e organisadas as listas ns. 1 a 4 as promoções procederão ao seguinte criterio:

a) de Sub-tenente a Capitão — antiguidade, entre os meritorios, assim classificados, pelo menos duas vezes, consecutivamente e nos dois ultimos annos.

Os que não lograrem as exigencias da lei erdem seus direitos de antiguidade sobre os mais modernos que as satisfaçam.

b) A promoção de capitão até ao generalato feita por merecimento. Este se reconhece aos officiaes que hajam merecido a classificação teritoria maior numero de vezes. Nenhum official, porém, será promovido nestes postos em que haja sido considerado meritorio, pelo menos nos 3 ultimos annos consecutivamente.

7 — Os officiaes classificados na lista deficientes, são retirados do serviço.

Os officiaes superiores qualificados na lista condicionaes duas vezes consecutivas ou os tenentes e capitães assim classificados tres vezes consecutivas são do mesmo modo retirados do serviço, qualquer que seja o numero de qualificações anteriores na lista dos satisfatorios ou meritorios.

8 — Além dos requisitos e condições acima leva-se attender ainda ao seguinte:

a) para ascender a sub-tenente: ser de nacionalidade chilena; ter cursado satisfactoriamente a Escola Militar.

b) a este posto tambem podem ascender: primeiros ou vice-sargentos, solteiros, maiores de 27 annos, tendo um anno no minimo de serviço e tendo feito um curso militar na Escola Militar ou no curso de Aspirante a contedor. Para ter ingresso em taes cursos é indispensavel a posse de conhecimentos theoricos. A matricula nelles é permittida a 3 sar-

gentos annualmente na Escola Militar e a 2 no de aspirantes a contedor.

Os primeiros sargentos ou os primeiros vice-sargentos, com mais de 10 annos de serviço, um de posto, pelo menos, menores de 30 annos de idade, possuindo pelo menos o quarto anno de humanidades, e gosando juizos favoraveis de seus commandantes, poderão ser promovidos para o trem.

c) Os tenentes não poderão ser promovidos a capitães sem que tenham um curso regular de um anno, de nota geral superior a 5, feito na Academia de Guerra ou em Escola de Aperfeiçoamento ou sem que hajam prestado um exame theorico-pratico.

Outro exame theorico-pratico é indispensavel para a promoção a Major. Para a promoção a Tenente-Coronel exige-se um curso de informações feito em algumas das Escolas Especiales de Instrucción.

Para a promoção a Coronel é preciso ainda que o official haja dirigido pelo menos uma vez, PESSOALMENTE, um Jogo de Guerra e uma viagem tactica.

9) Os officiaes com o curso de E. M. ficam apenas sujeitos á metade do tempo de serviço arregimentado exigido aos outros.

10 — Nenhum oficial poderá permanecer por mais de 5 annos consecutivos no serviço de E. M. ou repartições militares, sem voltar, pelo menos por um anno, ao serviço arregimentado.

11 — Para ser official de E. M. é preciso ter o curso respectivo e ter satisfeito outras exigencias legaes. Os logares de addidos ás embaixadas do Chile no estrangeiro, só por elles podem ser desempenhados.

SI NO ES VERO...

"A los Comandos de Regimiento sólo deben llegar los oficiales que con verdadero entusiasmo profesional han hecho de su carrera un sacerdocio por la fórmula como han comprendido y desempeñado sus deberes militares y sociales.

La opinion publica y el pais no quieren que al frente de los servicios del Estado se encuentren hombres ineptos o incapaces, y mucho menos han de querer que dentro del Ejercito, la institución más representativa de las virtudes de la raza, y de las tradiciones y glorias nacionales, lleguen a asumir las altas responsabilidades del mando, hombres que no sean absoluta garantía de que tal mando ha de ejercerse con talento y honradez, que significan en este caso capacidad y eficiencia".

(De uma circular do Ministro da Guerra chileno).

O SERVIÇO MILITAR OBRIGATÓRIO E A PREPARAÇÃO MATERIAL

Desde que se instituiu entre nós o Serviço Militar Obrigatório que os pensamentos voltaram-se para o estado precário em que se encontravam nossos quartéis.

Por conta da falta de accommodações, do desconforto e digamos mesmo da falta de hygiene começaram a correr todas as resistências ao cumprimento deste novo dever cívico do cidadão.

O governo decidiu então, remover os motivos de tais allegações que serviram muito tempo para justificar o insucesso do serviço militar obrigatório emprehender a construção de quartéis novos, palácios em certas cidades, casas desmontáveis em outras, e reconstruir outros, de modo a que o soldado houvesse alojamento digno e confortável.

Largos créditos foram votados e numa actividade febril, digna de nossa qualidade de jovens americanos, tudo teve inicio e mesmo, podemos dizer, executou-se.

Mas se os créditos foram largos para a construção, faltaram mais tarde para os complementos e a phase difícil porque atravessou o paiz, complicando a questão, tudo isso deu em resultado nenhuma melhora real na situação que se visava dirimir.

O serviço militar continuou falho e os novos quartéis, em muitos casos, deixaram de ser habitados.

Nova phase começamos a iniciar de algum tempo para cá e, não obstante as faltas sensíveis que ainda existem e são do conhecimento de todos, deve-se atestar que ha melhora e parece haver um esforço para ainda mais melhorar.

Em certas Regiões os commandos deram mostras de haver prestado atenção ao assunto e de sua actividade resultou uma numerosa captura de cidadãos reveis.

Devemos todos applaudir uma tal conduta que é para desejar seja persistente, energica, tenaz e inflexível.

Mas jámais tais esforços obterão sucesso real e pleno si a elles não precederem e succederem medidas supplementares e complementares, que tornem em pouco tempo dispensavel o uso de medidas energicas.

A nosso ver duas ordens de medidas tais devem ser tomadas: uma de ordem material, outra de ordem, a bem dizer, moral.

A necessidade de assim proceder é frisada pela consideração de que o sorteio pega em suas malhas cidadãos pensantes e alguns habituados a certo conforto.

Assim sendo, não é justo, nem de molde a quebrar resistencias ao sorteio, recebel-os numa caserna não apparelhada de camas e outros utensilios e onde não se observam as rigorosas prescripções da hygiene regulamentar.

As reclamações a tal respeito são frequentes e chocantes.

O outro aspecto da questão é o que toma um carácter moral.

O cidadão capaz de reflectir e que é retirado de seus affazeres normaes, com prejuízos materiaes muitas vezes de vulto, tem o direito de comprehender, pelo trabalho a que for submetido, pelo que apprender na caserna, pela capacidade que sentir em si realizada para combater na guerra a razão de ser do sacrificio que lhe foi imposto.

Ora, satisfazer a tão justo reclamo, nada ha de mais simples, basta que se exija o cumprimento dos regulamentos, notadamente dos regulamentos de instrucção.

Não devemos esconder que temos conhecimento de arrazoados, nem sempre faceis de rebater, afirmativas de que a caserna carece ainda de ser melhorada no que diz respeito aos methodos de trabalho.

Sendo alguma accusação justa em tal matéria, onde as tendencias naturaes da quasi totalidade são para justificar o seu desinteresse ou incomprehensão pelos incommodos que causam os deveres civicos, já ali ficam pretextos para em nome de certas theorias se combaterem as necessidades da defesa nacional, impressionando aos que, por sua condição natural não se podem esquivar de soffrer influencias de argumentos apparentemente justos e que satisfazem a seus interesses individuaes.

Por outro lado, é logico que a autoridade que compelle o cidadão revél ao dever militar, exija daquelles outros que lhe são subordinados os maiores desvelos, desvelos de toda ordem.

Preciso é tambem pensar no reflexo que as impressões causadas sobre o sorteado trazem para a sociedade. Em grande parte, o proprio prestigio do official depende disso.

Ele deve ser zeloso em extremo do renome que possa ter na sociedade, porque, além do mais, sua missão na guerra será extremamente ardua sem este prestigio.

Não é apenas apresentando-se bem em publico, escrevendo ou falando, que se chega a crear no seio da sociedade nacional um renome capaz de inspirar confiança e facilitar a tarefa de conduzir homens no campo e ao campo de batalha. E' o ser correcto em tudo, principalmente no trabalho que é o mais necessario e indispensavel.

Bem sabemos, que a solução do problema do serviço militar não se encontra apenas nestes importantissimos detalhes. Estes são, porém, os que mais competem á classe militar cuidar.

AVIAÇÃO, EXERCITO E MARINHA

"As operações da aviação são verdadeiramente uteis, e têm o maximo rendimento, quando se desenrolam coordenadamente com as operações terrestres ou marítimas. Ela por si só não pode fazer a guerra. Operando num meio que envolve a terra e o mar, deve ligar a actividade ás necessidades dos exercitos terrestres ou marítimos, em obediencia ao principio da economia de forças que exige a convergência de esforço, quaesquer que sejam as circunstancias.

Si as accões no mar dependem das operações em terra, e a guerra marítima deve ser conduzida tendo em vista a victoria terrestre, o emprego da aviação, com mais forte razão, tem de ser orientado conforme as operações em terra e no mar, dada sua natureza.

De outro lado, as operações, ainda as mais restrictas dos exercitos ou marinhas, não podem hoje dispensar, para seu melhor exito, os serviços da aviação.

Mais do que um exercito do ar, appellado ainda um pouco metaphorica, é ella hoje uma arma auxiliar, dos exercitos ou das marinhas.

Nos exercitos é como que uma cavallaria mais veloz, de maior raio de acção, mais potente; nas marinhas, um scout mais veloz e de vastas mais amplas, pelo menos.

Faz ella parte integrante de um exercito ou marinha. Sua acção é sempre no ar, sua técnica a mesma, num caso ou outro, mas servindo a um ou a outra differencia-se, especializa-e não

N'vitre, leve conceber, a maneira da

marinha, tendo uma organização inteiramente independente, sem graves riscos de ver diminuir consideravelmente o rendimento de que será capaz na guerra.

Mesmo agindo isoladamente, sem guardar uma estreita ligação com os elementos terrestres ou navaes ella como que representa uma artilharia de formidável alcance, indo atacar as retaguardas inimigas, suas linhas de comunicações, seus centros de vida, atras das frentes de combate: executa interdições e executa inquietações longiquas..."

A IMPORTANCIA DOS E. M.

"Durante as primeiras semanas da guerra, não podíamos jámais ter feito o que fizemos si os Estados Maiores, permanecendo como rochas ante a tempestade, não houvessem irradiado por toda parte luzes e sangue frio.

Rodeavam seus chefes sobre quem pesavam as maiores responsabilidades, de uma atmosphera sadia e louçã, que os ajudava e sustentava, conservando apesar de seu labor intenso e no curso de uma prova moral terrivel, uma lucidez de espirito, uma facilidade de adaptação, uma habilidade de execução que logicamente deviam dar em consequencia a vitória.

(Joffre — Discurso de entrada na Academia Franceza).

* * *

"De todos os paizes da America do Sul é o Brasil aquelle sobre que recaem as maiores responsabilidades. Desde a extensão e sua posição territoriaes, suas riquezas naturaes e sua população, até suas tradicções historicas como as suas immensas possibilidades, tudo parece indicar, terá elle de ser o leader da situação Sul Americana; e que será em torno delle que se hão de congregar todos os outros povos deste continente para a defesa commun. Nenhum paiz, porém, parece aqui menos preparado para um tal papel, porque o abandono relativo de seus problemas militares revela quanto esse papel fica delle mesmo incomprendido. De resto, todo movimento de coordenação de forças sul-americanas para uma acção defensiva commun deveria delle partir, e que é absurdo enquanto no balanço internacional elle não puder apresentar, sem illusões, seus valores de facto realizados e correspondentes á propria potencialidade..."

El propósito dos Commandos das B. das C.

Por decisão ministerial de Outubro ultimo, os commandos das *Bdas. C.*, ficaram sem organisação em tempo de paz.

Si alliarmos esse facto ao de estarem sendo desempenhados por coronéis, com o título de *interinidade*, os commandos de nossas D. C., veremos ahi uma crise seria e um assunto digno de meditação.

Duas razões se podem apresentar para que taes actos tenham plena justificação, si revelam medidas provisórias e se a estas sucedem outras tendentes a fazel-as desaparecer: uma, a insuficiencia numerica dos quadros respectivos; outra, a ineficacia das acções de paz das organizações provisoriamente abandonadas.

Em qualquer caso, quer isto dizer que o prepero da cavallaria para a guerra soffre uma perturbação que é indispensavel debelar e a que a todos deve preocupar.

Nenhuma justificativa se encontraria para impor o sacrificio dos serviços exigidos dos quadros e dos homens de tropa na fronteira, sem conforto, a não ser a natureza das previsões feitas sobre o emprego da cavallaria.

Em toda parte do mundo tal previsão faz com que a cavallaria seja cuidada de molde a poder entrar em operações no dia mesmo da declaração da guerra.

Traduz-se uma tal actuação organizando-a de modo que sua mobilização se possa operar em horas e em segredo.

Si por motivos varios é possivel prever na mobilização o desdobramento de unidades de outras armas e mesmo alterações na organisação como a criação de Exercitos, etc., o mesmo não deve ocorrer em relação á Cavallaria, visto a urgencia de sua entrada em acção. Ela deve viver prompta si o commando não quer ser surprehendido.

Esta urgencia faz ainda com que a instrução da cavallaria mereça especial carinho. Uma cavallaria que se não apresenta na primeira hora da guerra, instruida e treinada, não informa nem cobre: prenuncia derrota.

* * *

Ora, não são as necessidades administrativas da paz que conduzem a manter organizados os escalões do commando, por isso que os serviços diversos, nos pequenos exercitos notadamente, poderiam sem perturbações ser

dirigidos de certos pontos centraes (regiões) sem intermediarios e sem perturbações, mesmo com vantagem.

Taes commandos são, porém, por excelencia, uma necessidade da instrucção e do treinamento para a guerra e como a possibilidade desta é a unica razão da existencia dos exercitos, elles devem prevalecer na paz tal como terão de actuar na guerra.

Apenas poderão soffrer alterações economicas que possam ser compensadas para as necessidades indeclinaveis da instrucção, por meios de fortuna.

Ora, a instrucção e o treinamento, como nas outras armas, são na cavallaria imprescindiveis a todos os escalões do commando, desde a simples esquadra de esclarecedores até á Divisão de Cavallaria. Seu perfeito acabamento não admite a suppressão de orgãos intermediarios. D'ahi podem surgir mesmos hábitos perigosos para os escalões superiores, a não ser que se encare a reforma definitiva da organisação.

Mas, isto, no que se refere á cavallaria não parece aconselhado. Já os grandes scenarios em que ella opera geralmente, como seu modo mesmo de operar, constituem uma indicação para que se não centralise a direcção das unidades. A improvisação de orgãos de commando intermediarios teria de ser muito frequente nas operações de cavallaria, o que constituiria perda de tempo e outros prejuizos para a conducta das operações.

Taes considerações parecem por em relêvo a importancia da crise de commandos actual da cavallaria e contribuir para evidenciar a urgencia das medidas contidas no projecto de nova lei do ensino como nas que forem necessarias para a mais desenvolvida applicação do R. I. Q. T., mormente no que se contém em seus capítulos II e IV.

"Si queremos ter uma consciencia colectiva que não nos falhe no momento opportuno é preciso primeiramente crear as consciencias individuaes, que a constituem."

(O Brasil e a Raça — Baptis grande eira.)
grande
1 depende

Estudo do destacamento

Pelo Cap. HEITOR BUSTAMANTE.

Quadro inicial mostrando os principaes aspectos do estudo realizado

I — CONSIDERAÇÕES GERAES.

- 1º) Onde vamos buscar em verdade a significação do termo *destacamento*.
- 2º) O carácter de variabilidade do que elle prime.

Em consequencia:

- 3º) Uma 1ª classificação geral dos destacamentos:
 - a) destacamentos *homogeneos* ou de uma só na;
 - b) destacamentos *mixtos*.
- 4º) Uma 2ª classificação geral dos destacamentos.

II — O DESTACAMENTO CONSIDERADO "PEQUENA UNIDADE".

- 1º) As missões geraes que determinam o seu emprego, oriundas do *Princípio da Economia das forças*.

Casos especiais.

- 2º) Estudo detalhado da peculiaridade ou aspectos de cada missão, nas diferentes situações da guerra:
 - a) no quadro da divisão, D. I. ou D. C.;
 - b) fora do quadro da divisão, ou em âmbito elevado.

- 3º) Em consequencia, sejam quais forem as missões, é forçoso concluir-se pela impossibilidade de atribuir o carácter de *normalidade* seja no emprego do destacamento homogêneo, seja no do destacamento mixto.

- 4º) Entretanto, como que prepondera a enorme amplitude das possibilidades de emprego do destacamento mixto.

III — O COMMANDO E A ORGANISACAO DOS DESTACAMENTOS, principalmente os destacamentos mixtos.

- 1º) A missão.

- 2º) O commando.

- 3º) A organisação: a *composição* e o *effectivo*.

IV — A CONDUCTA E A VIDA DOS DESTACAMENTOS.

Preceitos geraes.

V — A GUERRA EM TERRENOS ESPECIAIS E A GUERRA IRREGULAR, em princípio obra dos destacamentos. A guerra irregular, sua variante; sua subordinação à *Doutrina*.

VI — CONCLUSÃO.

* * *

O assumpto deste estudo é positivamente de natureza interessante.

Elle comporta, no âmbito de algumas missões geraes, uma variabilidade tal de situações, arranjos aspectos, que tornam o campo de indagação extremamente vasto.

Para tornal-o de exposição — digamos — agrada, seria necessário o emprego ou uso frequente de emplos elucidativos. Isto acresceria enormemente a tarefa, e não seria possível resumil-o como é de sso alvitre.

Pelo que, é forçoso pôr de lado o emprego frequente dos exemplos, que seriam numerosíssimos, para afinal abordar apenas o aspecto geral da questão.

O motivo principal deste trabalho é o estudo de carácter muito geral dos destacamentos considerados *pequenas unidades*, principalmente dos *destacamentos mixtos*. Não é possível deixar de incluir algumas referencias sobre os destacamentos *grandes unidades*; os assumptos prendem-se de modo íntimo e formal. Os paragraphos constantes do quadro inicial constituirão o guia na explanação do trabalho.

I

CONSIDERAÇÕES GERAES

Na arte da guerra um princípio impera sobre todas as cousas: *O Princípio da Economia das forças*: Empenhar o que é preciso, tudo o que é estritamente necessário, como e quando o seja.

De enunciado rapido e simplista, elle é entretanto fundamental. São delle decorrentes os demais princípios essenciais.

O Princípio da Economia das forças, eminentemente geral, determina para todo o Chefe:

— a obrigação de cuidar antes de tudo do emprego do *grosso* das suas forças, com o qual o Chefe manifesta a sua vontade;

— a obrigação de fazer o jogo das *reservas*, para estar em condições de fazer face a um imprevisto, e de explorar;

— a obrigação de realizar o *jogo das vanguardas*, isto é, dos elementos que devem ser interpostos entre a propria vontade e a vontade do inimigo, para informar, guardar o Chefe contra a vontade do inimigo, preparar a propria acção;

— finalmente a obrigação de realizar a *coordenação dos esforços* e a *ligação das armas*, que asseguram o melhor rendimento de todos os meios.

Neste princípio vamos encontrar a base, o fundamento do nosso estudo. O attributo e a noção exacta do termo *destacamento* são delle oriundos; e o termo se origina com tal elasticidade de significação, que torna extremamente variável a importância de que elle deve representar.

Com efeito, justifiquemos as duas asserções.

Em seu livro *Doctrine de Guerre et Procédés de Combate*, fazendo a apresentação do *methodo de raciocínio* — um dos elementos da *Doutrina de Guerra*, e elucidando o seu emprego com a exposição de casos concretos, o senhor General Gamelin, ex-Chefe da M. M. F., depois de referir-se á *ordem* que é a tradução da *decisão* tomada, diz o seguinte:

"A ordem dada se traduzirá por uma repartição das forças e sua articulação, em função das missões que lhes são atribuidas.

A minha vontade está então em presença da vontade do inimigo. Para manifestar a minha vontade eu terei de tomar uma resolução de ataque ou de defesa, de movimento para a frente ou eventualmente para a retaguarda. Mas terei também de me guardar contra a vontade do adversário; guardar-me na própria direcção em que eu quero agir, até que eu esteja pronto para fazê-lo, ou para preparar a minha ação; guardar-me nas outras direcções em que se torne necessário, isto é, enquanto essas direcções são perigosas à manifestação da minha vontade. E quando, manifestando a minha vontade, eu empurrar-me a fundo, só me restará tirar do facto todas as consequências (sem dúvida as melhores), parar um imprevisto — sempre possível na guerra, explorar o sucesso. Tudo isto meus senhores, chama-se: o *grosso*, as *vanguardas*, as *reservas*.

O *grosso* é a representação da minha vontade, que eu manifesto sob a forma offensiva ou defensiva; as *vanguardas* no sentido genérico da palavra: cavalaria, vg., flanco-guarda, retg., P. A., outros destacamentos, são elementos que eu interponho entre a minha vontade e a do inimigo para guardarme contra esta, ou preparar a minha, e constituem os elementos destinados a assegurar a liberdade de ação. A *reserva* é o argumento final.

A repartição das forças entre estas três tarefas essenciais não poderia ser regulada a priori; ela é constantemente variável. Mas é evidente que, dos 3 termos — *grosso*, *reserva*, *vanguarda*, o elemento essencial é o *grosso* porque ele manifesta a minha vontade que deve triunfar; é também a *reserva* porque ella permite reforçar o *grosso* no momento requerido. As *vanguardas* não são mais de que elementos subordinados. O Princípio da Economia das forças aplica-se alás simultaneamente à Repartição das forças e à sua utilização.

Elle nos dirá:

1º — De constituir tão fortes quanto possível o *grosso* e a *reserva* com os quais manifestamos a nossa vontade; de não constituir senão os destacamentos indispensáveis para assegurar a manobra do *grosso*, mas de se lhes dar os efectivos necessários à execução das missões que lhes são confiadas. (Os meios devem ser proporcionados às missões).

2º — De dispôr as forças em ação de modo a fazel-as render o maximum, produzindo cada uma todo o trabalho de que ella é capaz, e o conjunto disposto de maneira a assegurar a concordância e a convergência dos esforços."

Todas as palavras que acabamos de citar constituem sem dúvida uma bella tradução em linguagem corrente da essência mesma do Princípio da Economia das forças; e justificam cabalmente, a meu ver, aquella minha afirmativa, de que vamos encontrar nesse Princípio o fundamento do assumpto do nosso estudo.

Effectivamente.

Três idéias essenciais delas se destacam:

1ª — a da manifestação suprema da vontade, a preocupação ou o argumento do *grosso* e da *reserva*;

2ª — a liberdade de ação, crystallizada no aphorismo do Marechal Foch: "agir (argumento do *grosso*), mas agir em segurança."

3ª — a coordenação e a convergência dos esforços. É certo que o *grosso* e a *reserva* também vão nos preocupar sob o ponto de vista do nosso

assumpto; mas as duas ultimas idéias nos levam fatalmente ás noções precisas de *segurança* e *ligação*, por enquanto termos bem genéricos; e por fim, *segurança* e *ligação* nos conduzem á idéia de *destacamento*.

Não é que queiramos afirmar — em 1º lugar que a coordenação e a convergência dos esforços derivem exclusivamente da aplicação generalizada da ligação; bem longe de nós tal conceito; a coordenação e a convergência dos esforços constituem por si sós um novo princípio, de natureza complexa e de muito difícil aplicação; elle é o factor primordial que directamente intervém na difficultação da montagem das operações; — em 2º lugar que a ligação só derive por sua vez do emprego dos destacamentos. Mas é indubtável que a ligação contribue poderosamente para realizar aquellas duas condições indispensáveis do exito, e que em suma os destacamentos constituem um dos elementos que bem realizam praticamente a ligação.

O que eu quero finalmente concluir é o seguinte: as duas idéias gerais de liberdade de ação, coordenação e convergência dos esforços, são as que conduzem a justificativa, na guerra, da grande parte dos casos no emprego dos destacamentos. É fóra de dúvida que, ainda dentro do Princípio da Economia das forças, o argumento de *grosso* ou de *reserva* também justifica tal emprego como no caso de missão aliás ainda muito geral, tal a exploração do exito, em que se trata — quando da ruptura do dispositivo do inimigo, de prolongar ou de continuar a ação do *grosso* ou da *reserva*. Mas é incontestável que aquellas duas idéias são as que mais generalizam a utilização dos destacamentos. Mesmo no caso da guerra irregular sobre que passaremos por alto no final deste trabalho, veremos que os destacamentos que a fazem, que em summa actuam para o fim geral da guerra (a destruição do inimigo), obram para assegurar a liberdade do *grosso*, — seja elle Exército ou Nação em armas, que pôde permanecer á parte, na expectativa.

Ha casos especiais que a 1ª vista parecem fugir ás idéias do Princípio da Economia das forças; raciocinemos bem, e vamos afinal encontrar o seu fundamento em tal princípio.

Trataremos a seu tempo desses casos especiais. O que é necessário resumir da consideração do Princípio da Economia das forças, é o seguinte: o essencial é o *grosso*; a *reserva* é um aspecto da consideração de *grosso*; reduzir os destacamentos ao estritamente indispensável, mas constituí-los com meios adequados ás missões.

Alliada á noção de amplitude de emprego que se percebe a 1ª vista no quadro das missões genéricas de *segurança* e *ligação*, podendo conduzir a uma variabilidade extrema de situações, arranjos e aspectos, surge a noção da variabilidade do que pôde representar de modo intrínseco o destacamento. Procuremos resumir e qualificar a graduação dessa variabilidade.

Salvo melhor juizo, e applicando ao termo uma acepção restricta de *metier*, destacar significa: "tirar ou afastar de um todo uma certa porção" que passa a constituir um elemento a parte, embora este elemento não possa ter, sob o ponto de vista relativo ao nosso assumpto, vida independente ou mesmo autónoma. Justificaremos um pouco mais adante, esta última afirmativa.

Em virtude 1º) da natureza heterogênea das grandes unidades, 2º) da possibilidade de consti-

tuir destacamentos — oriundos mesmo das menores unidades de armas (principalmente Inf. e C.), percebe-se logo em primeiro lugar a variedade de efectivos que os destacamentos podem representar, em segundo lugar que elles podem ser:

a) *homogeneos*, isto é de uma só arma, em princípio Inf. ou C.;

b) *heterogeneos*, isto é, constituídos por elementos de diversas armas, ao menos duas, e chamam-se então propriamente *destacamentos mixtos*.

Tanto os *destacamentos homogeneos*, como os *destacamentos mixtos*, podem ser fornecidos:

- por uma mesma unidade;
- por 2 unidades vizinhas;
- por un'idades diversas. (Neste ultimos caso podem tomar o nome especial de *destacamentos improvisados*). Voltaremos a esta questão para tratar-a com um certo detalhe indispensável.

Os destacamentos de uma só arma existem geralmente encravados no campo tactico, ambito ou zona de acção das P. U. das diferentes armas e mesmo da Bda; mas elles podem trabalhar frequentes vezes em proveito das grandes unidades, D. I. ou D. C., e trabalham em beneficio de outros destacamentos mais importantes, como veremos a seu tempo. Elles podem variar em effectivo — desde o simples Gr. C. de Inf. ou esquadra de C., fazendo por exemplo a ligação entre unidades maiores — pelotões, etc., ou fazendo a cobertura dos flancos dessas unidades, até a reunião em agrupamentos ma's vultosos de pelotões, Cias. ou Bth. de Inf., e pelotões ou Esquadrões de C., no desempenho de papeis variadíssimos.

E' bem de ver que tambem chamo aqui *destacamentos homogeneos*, embora elles possam receber um outro nome, aquelles destacamentos de uma só arma — si bem que constituídos por elementos de unidades diferentes da mesma arma, e impropriamente denominanos *mixtos*, que fazem — digamos, na *approximação*, no *engajamento* ou no *combate* a ligação entre unidades maiores, quando estas actuam juxtapostas. E' o caso, por exemplo, de uma D. I. que faz a sua *approximação*, em zona de acção extensa em largura, com duas vgs. de Bth, ou R. I., bastante separadas, e cujo comando se vê na contingência de prescrever a organização e a collocação de um destacamento de ligação entre as vgs, constituído por pelotões ou Cias. tirados respectivamente de cada uma, e que se reunem sob um comando unico para o desempenho da missão, sendo-lhe affecto um c'ixo ou uma zona de progressão, ou um ponto de direcção afastado.

Voltaremos ainda por mais de uma vez ao assunto da organização em si mesma dos destacamentos.

Os destacamentos propriamente denominados *mixtos*, ao contrario, contém elementos de diferentes armas, ao menos de 2 armas: Inf. e C., Inf. e Art. ou C. e Art.

Os destacamentos mixtos de *uma certa importancia*, de nucleo Inf., contêm geralmente C. e Art. e podem conter elementos de E., Sp. Min. ou Pnt., ou esses dois elementos ao mesmo tempo. Inversa-

mente: os destacamentos mixtos de *uma certa importancia* de nucleo C. podem conter Inf. e Art., como apoio, eventualmente elementos de E. Não ha a este respeito, bem como a respeito de organisação improvisada na guerra, *regras fixas, regras absolutas*; tudo depende da situação, isto é das circunstancias de occasião e dos meios de que se dispõe.

Os destacamentos mixtos *importantes* contêm geralmente elementos de tropa de todas as armas, eventualmente elementos de orgãos dos serviços.

Um exemplo de destacamento desta especie nos trabalhos da E. E. M. é o *destacamento de Mth.* da 4^a D. I. verde no jogo da guerra de Tactica Geral de 1927; não precisamos entrar em detalhes inuteis no momento; mas o destacamento comandado por 1 General de Bda. tinha a seguinte composição: 1 G. B. C., 1 Gr. Mth., 1 pel. Sp. Min., o grosso do R. C. D., e tinha mais a sua inteira disposição elementos do S. de Saude. O destacamento recebeu posteriormente 1 secção do Cb. A. D. 4 para o reabastecimento proprio. A sua missão, tal como a do Ex. a que pertencia, era offensiva; elle devia cobrir o flanco direito do Ex., progredindo numa região montanhosa, esforçando-se por desbordar francamente a ala esq. do inimigo. E' um exemplo; mas que não sirva do schema, pois que as precauções contra este nunca serão exageradas. A vida dos destacamentos desta especie é mais ou menos autónoma, porque elles procedem e vivem geralmente adaptados á conducta das grandes unidades.

Ha finalmente os destacamentos mixtos de grande importancia, taes como os destacamentos denominados de Ex., de existencia prevista na nossa organisação regulamentar. Estes destacamentos são verdadeiros *pequenos Exercitos*, e constituem um conjunto de divisões, normalmente D. I., eventualmente D. I. e D. C., reunidos sob um comando unico para o desempenho de uma determinada missão, e ao qual podem aggregar-se ainda, por necessidades de vida autónoma, outros elementos taes como C. — se o agrupamento principal é de divisões de Inf., elementos de aviação, elementos de Ex. e de orgãos de Serviços de Ex. Quando o agrupamento principal é de divisões de C. (D. C.) e embora haja Inf. annexa, a unidade constituída toma o nome especial de C. C. (corpo de cavallaria) e as suas missões podem differir radicalmente das missões normaes do *destacamento de Exercito*.

Emfim, recordando as considerações que temos feito, podemos ainda concluir: os destacamentos devem tambem figurar na classificação geral de *pequenas e grandes unidades*.

(Continua)

"E' proprio dos organismos vivos reagir immediata e espontaneamente contra qualquer lesão e trabalhar espontaneamente para normalizar suas funções."

Arte de Commandar. A. Gavet

Notas sobre a instrucção de conjunto no quadro do regimento de cavallaria

Pelo Major COLIN (Da M. M. F.)

N. da R. — Iniciamos hoje a publicação de mais um magnifico trabalho do Sr. Major Colin, da M. M. F., estimado professor em nossa E. P. C.

E' um trabalho que por sua natureza e organização vem facilitar imensamente a tarefa aos nossos chefes instructores de cavallaria.

De alto valor pratico, pondo em evidencia e exemplificando o que deve ser uma "Instrucção de conjunto num R. C.", é destinado certamente a uma grande acolhida em nosso meio cavalleriano, para cuja unidade de doutrina e uniformização da instrucção deverá contribuir de modo accentuado.

Da mesma forma que as "Notas sobre a instrucção no quadro do R. C." este trabalho, desenvolvimento de um programma ali esboçado, não constituindo um schema e sim um exemplo, é util tambem a todas as outras armas.

E', pois, com satisfação que recommendamos sua leitura aos estudiosos.

"A variedade de funcções que cabem á Cavallaria, a importancia das missões que podem tocar até as menores unidades e a necessidade imposta a seus elementos de operar em grandes frentes, sem ligações entre si ou com o commando, exigem, em todos os postos da hierarchia, comprehensão practica e ampla do modo de conduzir as operaçōes, sentimento militar esclarecido, espirito de iniciativa e amor ás responsabilidades que caracterizem em todas as éras os verdadeiros cavalleiros e os consagraram como chefes e soldados".

"O chefe é a alma da tropa. E' elle quem a prepara para o combate, quem a engaja e a conduz, numa palavra — quem a commanda.

Em face de qualquer situação o verdadeiro chefe deve:

saber o que quer;
fazer que os subordinados comprehendam a sua vontade;
não temer as responsabilidades consequentes de sua decisão.

Commandar é a mais bella das prerrogativas e tambem a maior das responsabilidades".

"As mais judiciosas concepções dos chefes, as mais bellas qualidades dos officiaes e graduados não bastam para decidir da victoria, se o valor da tropa não atinge elevado grāo de perfeição".

"Numa tropa, a unidade de doutrina de que decorrem a unidade de accão e a convergência dos esforços, não pôde ser realizada senão depois de uma preparação tactica seria, dirigida pelo seu chefe".

Num estudo anterior, publicado sob o titulo "Notas sobre a Instrucção no quadro do Regimento de Cavallaria", foram esboçados os fins, a organização e a materia da Instrucção de conjunto.

O presente estudo tem por objectivo completar esse esboço, dando, depois de ver nitida-

mente fixado os seus fins, algumas idéas a respeito do programma e da conducta dessa parte importante da Instrucção no quadro do Regimento de Cavallaria.

CAPITULO I

OBJECTIVO DA INSTRUCÇÃO DE CONJUNTO

A Instrucção de conjunto tem por campo de accão o estudo dos processos de marcha, de manobra, de evolução e de combate das unidades superiores ao pelotão.

Esse estudo é realizado por meio de exercícios com tropa, progressivamente executados nos quadros:

do esquadrão, do $\frac{1}{2}$ Regimento, do Regimento e dirigidos pelo Coronel.

O proprio nome dessa Instrucção define os seus objectivos:

1º — acostumar no esquadrão, os pelotões, no $\frac{1}{2}$ regimento e no regimento, os esquadrões (inclusive os seus serviços) a agirem em ligação tendo em vista um objectivo commun: o bom exito do plano do chefe.

2º — no esquadrão e no regimento uniformizar doutrina e processos.

Eis á primeira vista objectivos um pouco vagos. Como attingil-os?

E' evidente que o facto do Coronel dirigir, fiscalizar e criticar taes exercícios permite alcançar o 2º objectivo.

A analyse das condições para o bom exito dos mesmos fornece a solução para alcançar o primeiro.

Os quadros de um lado, a tropa do outro têm em suas mãos o exito de toda operação.

Das linhas geraes até os mais infimos detalhes, os quadros preparam, ordenam, orientam a operação.

A tropa nada faz senão executar.

Dessa ultima, pois, só se pôde exigir a perfeita execução das ordens recebidas. E isso é uma questão de instrucção individual.

Fóra da execução, toda a responsabilidade do exito da operação pertence aos quadros. Os seus deveres e as suas iniciativas respectivas

eterminam a parte de cada um nessa responsabilidade.

São duas, pois, as condições de bom exito os exercícios de conjunto:

1º — quadros perfeitamente preparados para o desempenho dos seus papéis em campanha.

2º — tropa possuidora de uma solida instrução individual.

Uma instrução de conjunto bem compreendida e conduzida deve visar a realização dessas duas condições.

Vejamos como.

1º) PREPARAÇÃO DOS QUADROS

A instrução dos quadros, diz o R. I. Q. T., comprehende:

— o ensino theorico dos regulamentos
— a execução de alguns exercícios na carta que serão aproveitados para acostumalos á relação de ordens e partes

— exercícios no terreno (sem e com tropa) tendo por fim a sua instrução tactica dos quadros e a instrução prática da tropa.

A instrução de conjunto é, pois, um ramo e um ramo importante da instrução dos quadros.

A instrução theorica forneceu-lhe o conhecimento dos regulamentos.

Os exercícios na carta ou no terreno, sem tropa, esboçaram a sua formação tactica como chefes.

A instrução de conjunto corôa este esboço visando o comando e o emprego da tropa em condições tão proximas quanto possível de realidade.

Na realidade de uma campanha, diante de situações sempre variadas e algumas vezes inopinadas, SÓ AGE COM ACERTO O CHEFE DE CAVALARIA QUE REFLECTE BEM E RAPIDAMENTE.

Ora, do mesmo modo que existe um abysmo entre "saber" e "saber applicar", um abysmo separa estes dois actos: "saber applicar" e "saber applicar com rapidez de reflexão indispensável na nossa arma", sem falar das condições pessimas em que por vezes ocorrerá a applicação.

E eis o ponto essencial, para o qual se devem dirigir na instrução de conjunto e em relação com os seus quadros os esforços do coronel:

CREAR QUADROS PROMPTOS PARA A ACÇÃO JUSTA E RÁPIDA.

APRENDER A REFLECTIR foi o objectivo dos exercícios na carta e no terreno sem tropa.

EXERCITAR A RAPIDEZ DE REFLEXÃO deve ser o fim da instrução de conjunto.

Segue-se uma analyse das diferentes phases da ação do chefe (qualquer que seja) e um tipo simples de reflexão (applicável desde o cabo até o Coronel e mesmo acima).

DIFFERENTES PHASES DA ACÇÃO DO CHEFE

I — PHASE — REFLEXÃO — (NA HORA H, EM QUE SE APRESENTA O PROBLEMA)

1º) SITUAÇÃO NA HORA H — ONDE SE ACHA O INIMIGO? — Resposta — O inimigo está...

2º) DE QUE SE TRATA? — Resposta — Ordem recebida.

Em consequencia, eu devo trabalhar para tal fim, em proveito de...

a) **COMO AGIR PARA CUMPRIR A ORDEM?**

Resposta :	ou cobrir
Para cum-	ou reconhe
prir a or-	cer e cobrir
d e m eu	ou cobrir e
devo —	reconhecer
	ou reconhecer

acções cujos princípios de execução são os seguintes: (R. E. C. C. - 4ª parte - R. S. C.)	— ao combate offensivo
	— ou ao combate defensivo

b) **COMO ADAPTAR ESTES PRINCIPIOS DO REGULAMENTO AO TERRENO?**

Resposta	o grosso... tal logar — ou tal direcção coberto em tal logar — ou em tal direcção informado em tal direcção e a tal distância
----------	---

c) **QUAL O EFFECTIVO A EMPREGAR? (repartição das forças)**

Resposta	grossos: tal unidade
	cobertura: tal fracção
	informação: tal elemento

d) **QUANDO INICIAR A ACÇÃO?**

Resposta — Hora H...

QUANDO FINDAR A ACÇÃO? (se houver probabilidade)

Resposta... H...

II — PHASE — DECISÃO

Resultante da reflexão precedente e expressa na ordem.

III — PHASE — EXECUÇÃO

a) Gyro de horizonte, para mostrar os objectivos ou orientar a tropa, relativamente aos que se não vêem.

b) Ordens verbaes que serão ulteriormente confirmadas e completadas por ordens escriptas (conforme os modelos conhecidos).

OBSERVAÇÕES:

Sendo a rapidez de execução a primeira condição de exito de qualquer operação de cavalaria, é imprescindível serem as ordens que lhe determinam o inicio, claras e simples, e as intenções do chefe comprehendidas e executadas promptamente.

Uma ordem escripta, dada de P. C. longinquo e na carta, não pode, de forma alguma, satisfazer aquellas condições.

Consumindo sua elaboração intellectual e material e respectiva transmissão tempo bastante considerável, ao qual se deve ainda acrescentar o indispensável aos chefes subordinados para a sua leitura e comprehensão, torna-se impossível admittir que numa operação de cavalaria, por vezes instantanea, a redacção das ordens lhe venha atrazar a preparação material e devida execução.

Nestas condições, depois de tomar a decisão que a vista do terreno e o exame do mesmo lhe

suggerir, o chefe reune em torno de si os subordinados (caso já ahi não estejam) e lhes dá ordens verbaes que ainda mais claras se tornam por serem dadas diante do terreno. Só depois, manda redigir essas ordens (conforme os modelos conhecidos) afim de evitar os erros de interpretação e regularizar as minúcias da operação, que não precisam de execução immediata.

Os Cmts. subordinados operam do mesmo modo.

Seguem-se dois typos de ordens (verbaes) que podem ser utilizados: o 1º, para regular os motivos e as attitudes offensivas, o 2º, para regular os estacionamentos e as attitudes defensivas.

MODELOS DE ORDENS SIMPLES (VERBAES)

TYPO N. 1 (MOVIMENTOS—ATTITUDES OFFENSIVAS)

I — MISSÃO — Objectivo geral (dado uma só vez no decurso da mesma operação)

ou simplesmente { o inimigo em...
ordem recebida

II — EM CONSEQUENCIA:

a) O GROSSO MARCHA (OU ATACA) { no dispositivo seguinte...
partindo de tal base...
para tal objectivo immedio-
tamente indicado para
(visivel ou não, mas ni-
tadamente indicado para
cada elemento).

b) COBERTO POR..... (objectivo e duração da missão)

c) INFORMADO POR... (objectivo e duração da missão)

III — LOGAR DO CHEFE (...)

Hora de partida (...)
Ligações e transmissões (...)

Assignatura:.....

OBSERVAÇÕES:

O objectivo atingido	— alto	{ ordem tipo nº 2 (attitude defensiva)
	— ou	{ nova ordem tipo nº 1 (attitude offensiva) dada desde o inicio ou depois de ter attingido o 1º objectivo.
	— continuaçao	

TYPO N. 2 (ESTACIONAMENTOS — ATTITUDES DEFENSIVAS)

I — MISSÃO — Objectivo geral (dado uma só vez no decurso da mesma operação)

ou simplesmente { o inimigo em...
ordem recebida...

III — EM CONSEQUENCIA:

a) O grosso vai estabelecer-se sobre tal linha ou posição	— no dispositi- vo seguinte	{ tal unidade em vista de... tal unidade em vista de...
b) Coberto por.....	(Objectivo e duração da missão)	

c) Informado por... (Objectivo e duração da missão)

III — Logar do chefe... (...)

Hora de partida... (...)

Ligações e transmissões (...)

Assignatura:.....

IV — PHASE — FISCALIZAÇÃO

Todas as vezes que a situação e o tempo o permittirem, o chefe visitará os seus subordinados afim de os auxiliar e verificar as disposições tomadas.

2º — INSTRUÇÃO INDIVIDUAL DA TROPA

A instrucção individual foi dada nos pelotões.

A instrucção de conjunto serve-lhe de fiscalização.

Depois de cada exercicio de conjunto, o capitão e o coronel salientam os erros commetidos.

Nas seguintes sessões de instrucção os pelotões, levando em conta essas observações, executam de novo e até obterem a perfeição nas missões particulares de que estavam encarregados.

O aperfeiçoamento da instrucção individual do cavalleiro prosegue assim durante o anno inteiro, assim como prescreve o R. I. Q. T. (Titulo II — Cap. II. Parag. I. artigo 95).

CAPITULO II

PROGRAMMA DA INSTRUÇÃO DE CONJUNTO

1º — A MATERIA DO PROGRAMMA

A Instrucção de conjunto dissemos, nós, tem por campo de accão o estudo dos processos de marcha, de manobra, de evolução e de combate das unidades superiores ao pelotão.

Ella visa a preparação tactica dos quadros e a instrucção pratica da tropa.

O seu programma deve, em consequencia, abranger o estudo dos diferentes typos de missões que podem, em função das suas características, receber em campanha — o esquadro, o $\frac{1}{2}$ regimento e o regimento.

E', além disso, um meio certo para assegurar o emprego justo dessas unidades e para não falsear a seu respeito o espirito dos quadros.

Ora, o regulamento para o Serviço em Campanha define do seguinte modo os papeis da Cavallaria:

"A cavallaria informa, cobre e combate; ella age ora isoladamente, ora em ligação com as outras armas".

"A cavallaria é, geralmente, levada a combater para cumprir as missões de informação e de cobertura de que fica encarregada".

"Na batalha, ella recebe no dispositivo de conjunto, logar e missões conforme ás suas características e taes que permittam conseguir da sua intervenção o maximo rendimento. Essas missões são todas as em que a rapidez é preferivel á potencia".

E' excepcionalmente que ella pode num mo-

nento de crise ser empregada do mesmo modo que a infantaria".

Essa definição geral das missões que incumbem á Cavallaria, assim como uma ligeira analyse dos casos concretos conhecidos do seu emprego, permitem classificar as acções de cavallaria num certo numero de tipos.

O quadro abaixo apresenta estes diferentes tipos de acção assim como alguns exemplos de emprego entrando em cada tipo.

	<i>Os tipos de acção de cavallaria</i>	<i>Casos de emprego entrando em cada tipo</i>
1º	Cobrir . . .	<ul style="list-style-type: none"> a) cobrir um estacionamento — um alto — uma reunião b) cobrir a installação dos P. A. (cavallaria divisionaria) c) cavallaria apoio de artilharia d) Guarda de via ferrea — de ponte e) Protecção de uma destruição — de uma requisição. f) Papel de Vg., Reg., Fg. em fim de lance
2º	RECONHECER e cobrir	Vanguarda
3º	COBRIR e reconhecer	Retaguarda - Flanco-guarda
4º	Reconhecer	Destacamento de descoberta
5º	Intervenção na batalha defensiva	<ul style="list-style-type: none"> Tapar uma brecha Acção defensiva em ligação com tropa de todas as armas
6º	Intervenção na batalha offensiva	Exploração do bom exito

OBSERVAÇÃO: Segundo os casos as operações offensivas ou defensivas para as quaes conduzem os diferentes tipos de acção, terão logar sobre frentes extensas ou sobre frentes estreitas.

O estudo destes diferentes tipos de acção constitue a MATERIA da Instrucção de conjunto.

De accôrdo com o tempo de que se dispõe estudar-se-á um ou varios exemplos de cada typo.

Os diferentes casos de cada typo de acção obedecem ás mesmas leis, aos mesmos principios dos regulamentos e têm soluções parecidas.

Só as innumerias variantes: effectivos, terreno, hora, estado da tropa, inimigo, etc., fazem delles casos diferentes.

2º — ESCOLHA DOS EXERCÍCIOS QUE ENTRAM NA MATERIA DA INSTRUÇÃO DE CONJUNTO

— Fixada a materia da Instrução de conjunto e escolhidos em cada tipo de acção os casos de emprego que vão ser estudados, o director dessa instrução escolhe para cada caso uma situação e um terreno, levando em conta que cada exercicio deve ser:

a) TÍPICO, isto é, corresponder pela situação criada e pelo terreno em que se desenvolve a um emprego justo da unidade encarada.

b) DEMONSTRATIVO — Os casos communs prestam-se á discussão: Para tais casos numerosas soluções podem muitas vezes parecer aceitáveis e disso resulta que os seus ensinamentos ficam geralmente imprecisos. E', pois, necessário que, cada exercicio, situação e terreno sejam escolhidos de modo tal que os ensinamentos que cada um comporte sejam postos em luz sem discussão nem dúvida possíveis.

CAPITULO III

CONDUCTA DA INSTRUÇÃO DE CONJUNTO

1º — DIRECÇÃO DA INSTRUÇÃO DE CONJUNTO

A Instrução de conjunto incumbe ao coronel pela qual é responsável perante a autoridade superior.

Elle fixa o programma dessa Instrução, organiza a preparação, dirige e fiscaliza a execução dos exercícios de $\frac{1}{2}$ regimento e de regimento.

A fim de que a instrução de conjunto guarde sua unidade de direcção, é no quadro destes exercícios que são, geralmente, escolhidos os exercícios de conjunto do esquadrão. A direcção destes exercícios pôde ser confiada pelo coronel ao major.

2º — PREPARAÇÃO DOS EXERCÍCIOS

Todo exercicio de conjunto deve ter um fim preciso de ensino e ser minuciosamente preparado.

Essa preparação comprehende:

A PREPARAÇÃO INTELLECTUAL cujo objectivo é fixar:

a) os meios mais proprios para salientar os ensinamentos que comportam o exercicio:
— escolha da situação das tropas amigas e inimigas

— escolha do terreno

— determinação da actuação das tropas inimigas. O inimigo não deve agir senão de acordo com as indicações do director do exercicio, afim de evitar que este se torne uma manobra de dupla acção, cujas inverosimilhanças poderiam falsear as idéias da tropa.

b) as condições de execução do exercicio:
— constituição da tropa de manobra: Constituição de um certo numero de unidades de manobra com efectivos vizinhos dos efectivos de guerra, serviços de reabastecimento, de reequipamento, ligações e transmissões de toda especie.

Constituição de unidades de quadros:

— as suas ligações com o escalão superior e as unidades vizinhas.

— constituição da tropa inimiga: O inimigo será sempre figurado (plastrão-signaes) ou representado (unidades de manobra).

— phases do exercicio.

— interrupções previstas.

— convenções a respeito do terreno e do inimigo.

A PREPARAÇÃO MATERIAL que tem por objectivo permitir ou facilitar a execução do exercicio e sua fiscalização:

— representação das manifestações da actividade inimiga (fogos, aviação, etc.) —

— representação das manifestações da actividade amiga (fogos, aviação) —

— signaes — toques —

— organização do serviço de arbitragem —

— uniforme — munição, etc. —

3º — EXECUÇÃO DOS EXERCÍCIOS

A execução dos exercícios deve também visar os fins da instrução:

— preparar quadros promptos para a acção rápida e precisa

— desenvolver entre os quadros e a tropa a idéia da convergência dos esforços em vista do objectivo commum

— desenvolver no Regimento e no esquadrão a unidade de doutrina e de processos.

PREPARAÇÃO DE QUADROS PROMPTOS PARA A ACÇÃO RÁPIDA E PRECISA

Para isso conseguir é necessário:

a) QUE DA EXECUÇÃO DESTES EXERCÍCIOS NÃO RESULTE CONFUSÃO ALGUMA NO ESPIRITO DOS QUADROS.

Em consequencia:

— toda vez que fôr possível estudar-se-ão primeiro na carta e depois no terreno, sem tropa, os exercícios que entram na composição do programma da Instrução de conjunto.

Este programma além disso, pôde e deve ser o mesmo que o da Instrução tactica dos officiaes.

— os exercícios executados só abrangeão uma unica phase duma mesma operação, que comporte um numero limitado de ensinamentos.

— os exercícios mal executados serão repetidos inteira ou parcialmente.

b) QUE A EXECUÇÃO DESTES EXERCÍCIOS OBRIGUE CADA CHEFE AO TRABALHO EFFECTIVO E RÁPIDO CORRESPONDENTE Á REALIDADE.

O regulamento insiste neste ponto que a Instrução deve ser individual.

Num exercicio de conjunto é indispensável que cada um tenha a cumprir um trabalho efectivo e que todos os chefes intermediarios tenham de dar numa ordem (escripta — redigida no terreno) a synthese do esforço de reflexão que elles forneceram.

Proceder assim é preparar o rendimento do Regimento.

Em consequencia, o director do exercicio que represente o escalão superior, as tropas vizinhas e dirige a actuação do inimigo, faz surgir ordens ou incidentes proprios a provocarem decisões e ordens raciocinadas e rápidas.

Emfim, para collocar quadros e tropa mais perto da realidade do combate e das suas exigencias, certas phases do exercicio serão executadas com tiros reaes que elles comportem.

DESENVOLVIMENTO DA IDÉA DA CONVERGÊNCIA DOS ESFORÇOS EM VISTA DO OBJECTIVO COMMUN

A execução dos exercícios de conjunto deve tambem levar quadros e tropas a se compenetrarem da idéa de que as iniciativas que permitem resolver os incidentes da luta devem actuar no sentido das intenções indicadas pelo chefe antes da accão e todos os esforços duma unidade devem procurar alcançar o objectivo fixado na ordem por ella recebida.

Afin de desenvolver essa idéa proceder-se-á da seguinte maneira:

— Cada exercicio será executado uma primeira vez em conjunto (no Regimento) afim de mostrar a todos o objectivo prosseguido no caso encarado.

— Cada unidade aproveitar-se-á das sessões de Instrucção seguintes (sessões de instrucção de esquadrão) para estudar nas suas minúcias o mesmo exercicio no mesmo terreno, segundo a sua propria missão, levando em consideração as observações feitas na occasião do exercicio de conjunto.

— Os pormenores do exercicio serão executados pelas pequenas unidades (pelotão) no correr das sessões mixtas.

— O exercicio será, enfim, executado em conjunto.

DESENVOLVIMENTO NO REGIMENTO E NO ESQUADRÃO DA UNIDADE DE DOUTRINA E DE PROCESSOS.

E' realizado pela unidade de direcção da Instrucção de conjunto.

4º — FISCALIZAÇÃO DOS EXERCÍCIOS

A fiscalização dos exercícios tem por objectivos:

a) Salientando os erros commettidos, alcançar os fins fixados para a Instrucção tactica dos quadros e a Instrucção pratica da tropa.
QUADROS — A simples constatação dos erros não é sufficiente, é necessario que os quadros as percebam concretamente pelas suas consequencias. Para isso, o director do exercicio faz surgir no momento e nas circumstâncias mais favoraveis os acontecimentos proprios para salientar os erros commettidos.

TROPA — Os erros commettidos são assinalados depois do exercicio.

São corrigidos, assim como foi indicado, durante os exercícios de detalhes executados em cada pequena unidade.

A repetição em conjunto permite fiscalizar os resultados obtidos.

b) Diffundir no Regimento e no Esquadrão a unidade de doutrina e de processos.

Depois de cada exercicio, o Director mostra os erros e resume os ensinamentos.

Um excellente processo consiste em resumir num Boletim annexo ao Boletim diario estes erros e ensinamentos e distribuir-os ás unidades.

Outro processo consiste em redigir para ser

distribuida ás unidades uma especie de correção escripta do exercicio.

Esses processos facilitam a diffusão mais segura de uma doutrina e de processos comuns e permitem tambem aos quadros momentaneamente ausentes não perderem os benefícios dessa Instrucção.

DOUTRINA E PROCESSOS QUE DEVEM SER DIFFUNDIDOS

A DOUTRINA — O R. E. C. C. (4ª parte — Titulo II — Cap. III: Propriedades caracteristicas da Cavallaria — Suas dependencias — Princípios do seu emprego) assim como o R. S. C. definem a doutrina de que, numa accão de cavallaria se devem compenetrar os executantes, do chefe até ao ultimo cavalleiro.

O emprego raciocinado dos seus cavallos, diz o R. S. C., o emprego das diferentes andaduras conferem-lhe uma grande mobilidade e uma flexibilidade de manobra as quaes nenhuma outra arma pôde actualmente prender.

O movimento e a exploração de todos os recursos que offerece são as bases da sua manobra, manobra essa que conduz geralmente ao combate a pé pelo fogo que constitue o seu modo normal de combate. Neste combate a cavallaria põe em accão os meios de fogo de que fica dotada e cuja potencia, limitada pela obrigação de não impor aos cavallos uma carga excessiva, se torna consideravelmente accrescida pela rapidez da sua entrada em accão e pelo effeito da surpresa que della resulta.

O combate a cavallo a arma branca permanece possivel para as pequenas unidades; em certos casos será mesmo para elles o único combate possivel.

E' dever do Coronel, director da Instrucção de conjun, escolher, dirigir e fiscalizar os exercícios de conjunto de modo a diffundir essa doutrina e fazer do seu Regimento a "unidade de cavallaria" apta para desempenhar satisfactoriamente as missões que lhe podem caber em campanha (missões definidas no Capítulo II — Paragrapho 1º deste estudo).

Os PROCESSOS que se devem diffundir são todos aquelles susceptiveis de desenvolver, com o movimento e a flexibilidade, os recursos que offerecem essas qualidades, assim como, a despeito dos seus limites, a potencia do fogo.

No decorrer dos exercícios de conjunto o coronel deve, pois, principalmente, dirigir os seus esforços, para:

— condemnar todo processo que annulle ou diminua os potencias: mobilidade — flexibilidade — fogo;

— pôr em relevo e diffundir todo processo que os exalte.

EXEMPLOS PROPRIOS PARA ESCALARER AS CONCLUSÕES DESTE PARAGRAPHO

Eis, a titulo de exemplos, alguns dos pontos para os quaes o coronel deve dirigir a attenção afim de praticamente resaltar as conclusões que acabam de ser tiradas.

Estes exemplos foram escolhidos, quer no que concerne á Manobra e ao Combate a cavallo,

quer no que concerne á Manobra e ao Combate a pé.

MOVIMENTO, MANOBRA E COMBATE A CAVALLO

MOVIMENTO E MANOBRA A CAVALLO — No ponto de vista da rapidez de acção, é a phase que se deve explorar pois uma vez apeada, a cavallaria tem a mesma rapidez de acção que a Infantaria.

Quer se trate de acção offensiva ou defensiva, o movimento a cavallo que a precede deve visar a surpresa. — Isto se obtém:

- a) — Graças á rapidez e flexibilidade de movimento decorrente; da velocidade e flexibilidade da tropa, de presteza de decisão do chefe e de transmissão das ordens;
- b) — Graças ao segredo da marcha;
- c) — Graças á redução de tempo que separa o apesar da abertura do fogo.

a) RAPIDEZ DE MOVIMENTO.

No decorrer de uma operação a cavallo, deve se ter o cuidado de permanecer cavalleiro. Por exemplo:

Durante uma parada no decorrer de um lance, poder-se-á postar alguns elementos de fogos, mas todos os elementos de vigilância e de procura das informações devem actuar a cavallo o maior tempo possível.

Se convier, recorrer á acção pelo fogo, combater como um bom infante, mas manter os cavallos no abrigo mais proximo possível, afim de retomar rapidamente a mobilidade.

Na zona dos fogos e num terreno deserto, só a marcha em ordem dispersa (profundidade — largura) permitte o movimento a cavallo.

A cavallaria desloca-se a cavallo para a frente tanto quanto o fogo inimigo o permittir.

O Chefe deve "saber" para "prever" e depois "querer".

Em consequencia:

Uma operação de cavallaria, coberta mas não informada é céga e, pois, passiva ou inopportuna. E' indigna de cavalleiros.

O chefe toma uma decisão em função das informações recebidas, prepara a sua tropa para a acção (medidas táticas e materiais proprias para augmentar a rapidez de acção) e age sem tergiversar.

A velocidade da tropa é proporcional á actividade intellectual do seu chefe.

As ordens successivas, tendo por fim preparar progressivamente a tropa para entrar em acção e, depois, lançal-a nessa acção, devem chegar rapidamente aos interessados, graças a transmissões bem organizadas.

b) SEGREDO DO MOVIMENTO.

A marcha em ordem dispersa e a boa utilização do terreno permittem obter o segredo e em consequencia a surpresa.

Lançar mão da mobilidade para garantir o beneficio da escolha do terreno (observatorios — campos de tiro, terrenos de progressão) e tomar a iniciativa da acção diante de um inimigo mais lento, que mais poderá ser surprehendido em flagrante delicto de manobra.

c) REDUÇÃO NO TEMPO QUE SEPARA O APEAR DA ABERTURA DO FOGO.

— A rapidez e a flexibilidade da tropa a cavallo devem ser empregadas para a realização de um desenvolvimento instantâneo do fogo.

— O dispositivo da marcha de approximação a cavallo deve ser apropriado ao futuro dispositivo de "engajamento" desde que o chefe fica a par da situação.

COMBATE A CAVALLO.

Nas operações de cavallaria contra cavallaria, em caso de surpresa reciproca, o combate a cavallo de pequenas unidades lançadas na carga, a curta distancia, depois de uma decisão extremamente rápida, constitue muitas vezes o processo de ataque ou de defesa mais simples, mais efficaz, mais rapido e mais económico.

Em caso de sucesso, exalta o moral da tropa.

MANOBRA E COMBATE A PÉ.

MARCA DE APPROXIMAÇÃO A PÉ E COMBATE OFFENSIVO SOBRE FRENTE EXTENSAS.

Apeada, a cavallaria tem a velocidade da infantaria.

Assim como a cavallo, deve, entretanto, ser animada da mesma vontade:

- a) — de operar rapidamente e de surpresa de modo a compensar uma potencia de fogo limitada —

b) — de progredir, por todos os meios, no sentido da missão recebida (Procura das zonas não batidas, combinação do fogo e do movimento, acção de flanco ou de revez pelo fogo, succetando a um "desbordamento" a cavallo ou a pé de envergadura mais ou menos forte, conservação encarniçada do terreno conquistado) —

c) — nunca perder de vista que esse combate não tem outra razão de ser senão a de permitir a retomada do movimento a cavallo.

a) OPERAR RAPIDAMENTE E DE SURPRESA.

— Durante (e não depois) o reconhecimento do chefe, o seu substituto:

faz apesar a tropa

fixar o logar dos cavallos de mão

reune os combatentes a pé

e sempre que a direcção do "engajamento" é conhecida pelo chefe antes de partir para o reconhecimento, dirige os combatentes até a ultima coberta em formação apropriada e desafiada.

Ganha-se, assim, tempo precioso, sobretudo nos engajamentos de Vg.

— Não se deve, devido ás hesitações e lentidões na tomada do dispositivo de combate pelo fogo, perder o tempo ganho, graças á velocidade dos cavallos.

— O "engajamento" deverá ser raciocinado, ordenado, mas rapido, procurando o efecto da surpresa.

— Esse efecto ha de ser procurado não sómente pela rapidez de desencadeamento do ataque, mas tambem por uma extensão da frente de "engajamento" (nos limites fixados pelo regulamento, a qual deixa o inimigo na incerteza a respeito do ponto em que se fará o esforço principal).

— Quando uma unidade apeada fica diante de um objectivo, deve atacar brutal e violentamente sem esperar o desencadeamento do ataque

dos vizinhos caso o chefe não haja prescripto a hora precisa para o ataque geral.

— "Engajamento" numa frente extensa significa dispersão uniforme nessa frente, mas sim agir "DU FORT AU FAIBLE" nos pontos que se deseja a decisão ou naquelles em que o inimigo parece mais fraco.

Ter, se houver necessidade, intervallos batidos pelo fogo, mas não uma distensão exagerada das unidades.

b) PROGREDIR POR TODOS OS MEIOS NO SENTIDO DA MISSÃO RECEBIDA.

— Levar em consideração os efeitos do fogo adverso e utilizar o terreno não são sinônimos de ser moroso.

— Combinação do fogo e do movimento deve ser a idéia constante.

— "Desbordar" as resistências batidas de frente pelo fogo, mas não se esquecer do objetivo para o qual devem convergir os esforços.

— A reserva é uma tropa disponível na mão do chefe.

Sendo móvel, pode ser mantida fora das ações da luta, mas em situação tal que possa ser utilizada rapidamente.

Deve conservar-se bem ligada ao chefe e o comandante precisa estar intelectual e moralmente sempre prompto para agir.

— Devemos considerar a ferramenta de pa e a máscara como armas.

— Organizar o terreno conquistado em próprio ou mais frequentemente no das opas de todas as armas que seguem.

c) FICAR EM CONDIÇÕES DE REFORMAR O MESTRE A CAVALLO.

— Para que o movimento a cavalo possa ser retomado é preciso:

— dispor de uma tropa a cavalo prompta ser empregada como descoberta ou nova Vg. (reserva a cavalo).

— aproximar os grupos de cavalo de mãos combatentes cuja missão a pé estiver terminada.

Disso resulta a necessidade de ligação esreta e constante entre o chefe encarregado da operação, o Cmt. da reserva a cavalo e os grupos de cavalos de mão.

— O grupo de cavalos de mão é um elemento de combate de uma tropa de cavalaria combatendo a pé (elemento de mobilidade, de munição, reserva de pessoal).

O seu cmt. deve procurar manter-se ao lado que se passa na frente.

O Cmt. da tropa deve ordenar:

— a sua collocalção inicial
— a conducta que será mantida em caso de progressão ou de retirada.

O Cmt. dos cavalos de mão dá ordens em consequência da situação mas prescreve medidas de segurança.

OMBATE OFFENSIVO EM FRENTES ESTREITAS.

— Os princípios deste combate são os mesmos que os de infantaria.

COMBATE DEFENSIVO.

a) CAVALLARIA ENQUADRADA POR TROPAS DE TODAS AS ARMAS.

— Embora seja esse combate uma exceção,

a cavalaria pode, contudo, vir a ser a elle levada e, assim sendo, deve ser estudado.

— Nesse caso, as unidades recebem frentes proporcionais ao efectivo e armamento.

— Os princípios de combate são os mesmos que os da infantaria.

— Insistir na idéia da necessidade da profundidade e do flanqueamento.

— Em geral não se guarda reserva a cavalo.

b) CAVALLARIA ISOLADA OU EM FRENTES EXTENSAS.

— Nesse caso, a cavalaria nunca tem missão defensiva prolongada e tenaz como a infantaria.

Qualquer que seja a sua missão particular (cobertura — intervenção na batalha defensiva) o seu único dever é assegurar a liberdade de acção do comando.

— Além das informações que fornece, a cavalaria, nessa acção defensiva, limita-se, a retardar a marcha do inimigo nos limites dos seus efectivos.

— Retardar não é deter os grossos, mas dificultar, retardar a acção dos seus órgãos de descoberta e de segurança collocando aqueles grossos na alternativa ou de parar para esperar informações, ou de mudar de itinerário.

Para conseguir esse resultado a cavalaria explora a combinação da sua mobilidade com um poder de fogo limitado.

MOBILIDADE.

— Desenvolvimento sobre uma frente tão extensa quanto possível.

A extensão dessa frente fica limitada pela necessidade de poder bater pelo fogo todo o terreno que lhe fica fronteiriço.

— Guardar uma reserva a cavalo collocada de acordo com a situação, mas bastante afastada, à retaguarda.

Essa reserva será, geralmente, empregada:

— para estender a frente mantida deante de um inimigo que manobra

— para fornecer os elementos encarregados de guardar o contacto após o recuo.

Numa ala deve existir sempre um apoio e, a partir do esquadrão, uma reserva.

Os fogos desse elemento devem ser preparados.

— Os cavalos devem estar o mais perto possível dos combatentes.

— A resistência deve desaparecer desde que o inimigo esteja à distância do assalto ou deante de um movimento desbordante.

— O terreno deve ser escolhido para permitir o recuo.

Esse deve ser "previsto, coberto, guiado".

Poder de fogo.

— A acção pelo fogo é baseada na organização de redes de fogos geralmente sem profundidade.

Essa rede deve ser contínua porque a menor infiltração redundaria na queda desse dispositivo.

— Escolher o terreno de modo que:

— pelo menos uma ala fique apoiada a um obstáculo

— haja campos de tiro longinquos — (o tiro empregado visa atingir os objectivos com

o alcance maximo das armas quaesquer que sejam).

— Não utilizar o flanqueamento.

Estes poucos exemplos pretendem responder á questão:

“Sobre que pontos insistir para desenvolver as qualidades particulares á Cavallaria e o rendimento das suas unidades em campanha?”

Elles não têm a pretensão de esgotar-a e de constituir o breviario completo do perfeito cavalleiro.

Propondo-se a mesma pergunta e vendo operarem as suas unidades no decorrer da Instrucción de conjunto, os directores de exercícios deante da actuação de tal patrulha, de tal cmt. de pelotão ou de esquadrão, etc... farão sem dificuldade e pelo unico effeito do bom senso outras observações fecundas em criticas e em aperfeiçoamentos.

“O movimento e a exploração de todos os recursos que offerece” são “as bases duma manobra que conduz a um combate pelo fogo”. Sendo este fogo, só por si, insuficientemente poderoso para assegurar a victoria, não se deve desprezar nada, absolutamente, no sentido de lhe dar o fortissimo concurso da surpresa. A accão esclarecida embora secreta e a accão rapida flexivel impõem-se.

E para que seja rapida é de toda necessidade que a accão seja SIMPLES.

Nas operaçoes de cavallaria, toda decisão tendente a uma ordem complicada é destinada a insuccesso e deve ser afastada.

Talvez se possa agora completar a formula adoptada neste estudo, como objectivo da instrucción de conjunto em relação á formação dos quadros:

CREAR QUADROS PROMPTOS PARA A ACÇÃO PRECISA, SIMPLES E RAPIDA.

CAPITULO IV

EXEMPLO DE UM PROGRAMMA DE INSTRUCCÃO DE CONJUNTO E DO SEU DESENVOLVIMENTO NO QUADRO DO REGIMENTO DE CAVALLARIA

O presente capitulo tem por primeiro objectivo concretizar as poucas idéas que acabam de ser expostas a respeito da Instrucción de conjunto.

Com este fim elle propõe um exemplo de programma da Instrucción de conjunto e segue passo a passo a sua realização.

O segundo objectivo é mostrar que essa importante parte da Instrucción do Regimento pôde ser realizada sem luxo de efectivos, pois que os exercícios que se seguem foram executados com 6 pelotões e 1 Sec. Mtr.:

2 Pelotões da Escola Militar

4 Pelotões e 1 Sec. Mtr. do 15º R. C. I. e da E. P. C.

O ultimo objectivo, enfim, é o de expor um metodo de reflexão e mostrar como se trata uma questão.

O metodo empregado não tem a pretensão de atingir á perfeição.

Qualquer que elle seja, possue as vantagens de todo metodo e melhor vale seguir um me-

thodo qualquer do que acreditar apenas na sua excellencia.

Ensinar a reflectir, acostumar a encarar as questões no seu conjunto sem se deixar cegar por considerações de minucias, pôr em relevo, enfim, que numa questão tactica não se trata de “Chic” e que ninguem nasce com o senso tactico, mas que só o trabalho o desenvolve, eis quaes foram, tambem, os objectivos deste trabalho.

Todos os exercícios apresentados foram redigidos sob a mesma forma, de modo a crear, pela repetição, verdadeiros reflexos, que insensivelmente actuarão em caso de necessidade.

El guerra...

“As causas de guerra têm evoluído com o progresso da sociedade, o que é natural porque a guerra não é senão um pheno-meno social: — a manifestação violenta de um desequilibrio social, um estado de crise aguda de uma enfermidade chronica que é, em synthese, a anarchia mental e moral ainda reinantes. Não havendo entendimento entre os homens como pôde havel-o perfeito entre as nações? Si os homens, por insufficiencia de educação, por excesso de egoismo, resolvem ainda hoje muitas vezes suas contendas, seus choques de interesses, pela fraude e pela força bruta, não obstante todo aparelhamento policial das sociedades modernas; não conseguem equilibrio politico interno e appellam para a violencia dos despotismos ou das revoluções, como poderão as nações evitar a guerra, ás soluções violentas?

Ford, o grande pratico moderno, referindo-se á guerra, acha que ella existirá enquanto houver *miseria no mundo* e, nisso, entra elle na corrente dos que tomam para causas da guerra moderna as desavenças economicas entre as nações e mesmo no interior destas.

Suppomos mais remotas as verdadeiras causas, porque a *miseria* existirá, enquanto os homens não houverem em massa attingido á cultura necessaria para sobrepor os interesses sociaes acima de seus proprios egoismos.

As manifestações desse desequilibrio que, perdurando no mundo, fazem com que perdem as guerras, assumem varios aspectos que o ameaçam por muito tempo ainda de *crises sangrentas*.”

Para ter Cavallaria...

Em tempos regulamentos dos exercitos ue fize prepa organisação da batalha ou do combate poder chama-se a attenção dos commandos para as dificuldades na reconstituição da cavallaria. E isso porque ella jámais deve faltar. Se faltou antes, o inimigo terá a seu favor possibilidades maiores de surpresa; si faltar depois, podem ficar perdidos, por falta e aproveitamento, os penosos trabalhos da acta para quebrar a vontade do inimigo.

Desde o inicio da guerra, e antes das outras armas, excepto a aviação, encontra ella apel saliente e insubstituível, sobretudo para informar ou cobrir.

Mas antes ou depois das batalhas ou combates suas missões exigem que ella as saiba desempenhar e que possúa os meios necessarios para isso.

Mas tanto para aprender a desempenhar suas missões como para cumpril-as na guerra, *cavallo* é o elemento essencial e basico, que amais deverá faltar. E' elle que a faz Cavallaria e é delle que derivam suas fundamentaes aracteristicas: mobilidade, flexibilidade, grande raio de accão.

Sem Mtrs., sem F. M., sem artilharia, a cavallaria poderá desempenhar suas missões dentro de certos limites. Sem *cavallo*, não.

Mas o cavallo é um animal cuja efficiencia depende de duas condições essenciaes: qualidades physicas intrínsecas; treinamento.

As primeiras todos os typos de quaesquer aças as possuem em diversos gráos; a segunda só aquelles que são alimentados convenientemente. Esta ultima realisada ou realisando-se permite ás cavallarias adquirirem o saber necessario ao cumprimento das missões. E só ella o permitte. Então a questão capital para o bom aproveitamento de uma cavallaria é ter cavallos alimentados que possam ser, e o sejam, treinados.

Taes razões justificam o interesse que apresenta o trabalho que, em seguida, convindamos nossos leitores a ler.

Este é a traducção de um parecer do Veterinario Maior do Exercito do Paraguay, Doctor SANTIAGO ARANDA, publicado na "Revista Militar", de Assumpção, em abril ultimo.

Si o Regimento de Cavallaria deve ser escola pratica de instrucção, aprendisagem e adextramento, com resultado pratico efficiente

nas actividades proprias á arma, é preciso que o ensino, do soldado e do cavallo, comprehendá um trabalho methodico e quotidiano, alternado com o trato, o repouso e a alimentação que restauram a energia do animal.

O trabalho, o descanso e o trato consumem muito tempo, que se torna escasso para a alimentação se esta tiver de ser colhida pelo animal em pastagem natural.

E', portanto, indispensavel que lhe seja ministrada uma ração condensada e sufficientemente rica, como é a actualmente distribuida de 5 kilos de milho e 5 kilos de alfafa.

Esclarece-se, esta necessidade com um exemplo. Supponhamos que um cavallo que recebe esta ração passará a ter apenas, 2,5 kilos de milho e 2,5 kilos de alfafa por dia, sendo compensada por *pastagem natural*.

Si este cavallo pastar 5 horas poderá ingerir o alimento correspondente a 2,5 kilos de alfafa secca.

Então, tel-o-hemos empregando 5 horas no pastoreio, e precisando de outras tantas para ingerir e digerir a ração supplementar, como para a limpeza, agua, etc. Em tal caso restarão apenas 2 a 3 horas para o trabalho.

De tal regime resulta, pois, que o animal perde cerca de 3 horas uteis ao trabalho e alimenta-se insufficientemente porque deixa de comer 2,5 kilos de milho por dia.

Si se quizer compensar esta falta na alimentação, nenhum tempo sobrará para o trabalho.

Mas, ha ainda a considerar: — si o *cavallo* com 5 horas de pastagem pode obter o alimento correspondente a 2,5 kilos de pasto secco, ingeriu, de facto, 10 a 12 kilos de pasto verde que contém muita agua e outros desperdicios; dilatou o ventre e suará abundantemente com qualquer esforço; prejudicará assim sua hygiene e o rendimento do seu trabalho.

Por taes considerações, o regime de meia estabulação não é recommendavel para a Cavallaria, em época de instrucção, exercícios e trabalhos quotidianos. Pode-se no entanto admittil-o em época de férias, quando não haja um inverno rigoroso, muitas chuvas ou secca".

Notemos que o parecer supra compara alfafa verde com alfafa secca e não alfafa com capim limão...

Tres conferencias

Sobre a potencia do fogo e suas consequencias immediatas na tactica das pequenas unidades de Infantaria.

não se
com o
envol-

Pelo Ten. Cel. BARAND

(professor de Tactica de I. na E. E. M.)

PRIMEIRA CONFERENCIA

Se é verdade que a instrucção da tropa e dos quadros tem por fim a preparação para a guerra, e se na guerra o papel de todos os chefes, qualquer que seja sua situação hierarchica, é levar ao combate tropas instruidas e ardenteamente capazes de medirem-se com o inimigo e vencê-lo... penso n'nguem estranhará que ao abrir o curso de Infantaria que novamente tenho a honra de professar nessa Escola, comece por falar — insistindo a respeito o mais possível — sobre a potencia do fogo no campo de batalha e sua repercussão immediata na tactica das pequenas unidades de Infantaria.

E', de facto, muito difícil falar da tactica das pequenas unidades de Infantaria, e principalmente do combate — tanto quanto o é de falar da instrucção da tropa e dos quadros — sem que se tenha o pensamento constantemente dominado pela idéa da potencia do fogo no campo de batalha.

Essa foi a idéa que entrou profundamente no cérebro de quantos viveram no inferno dos combates da grande guerra. Assim, trate-se de instruir tropas ou quadros, trate-se de estudar, pormenorizadamente ou em seu conjunto, simples operação de guerra, sempre, sem cessar, o problema será dominado pela questão da potencia do fogo.

Nada mais simples que se constatar, em todos os documentos saídos da Grande Guerra, depois de 1918, a afirmação bem alta dessa soberana potencia e o esforço, desde que se cogite da instrucção dos Exercitos, de explorar-se-lhes os efeitos.

Abrindo-se o Regulamento de Manobra da Infantaria Franceza ou o Regulamento para os Exercitos e o Combate da Infantaria Brasileira, desde as primeiras páginas, no Relatório ao Ministro, lê-se: "a acção do fogo é preponderante"; "como meio de acção da Infantaria, o fogo tem uma importância preponderante".

Aliás, não é sómente nos documentos oficiais como os regulamentos das armas, que se faz a afirmação desses princípios. Principalmente nesses últimos tempos, immensa literatura está em vías de florescer em torno desses mesmos princípios. Ha autores que se curvam com o maior respeito diante Suas Majestade o fogo; outros que o discutem ou que, de qualquer moda, pretendem escapar á sua tyrannia. Em geral, todos esses autores têm razão, ou pelo menos têm sua razão, por isso que se todos, em determinadas circunstancias, estiverem em condições de ter opiniões perfeitamente assentadas, é provável senão certo que as fundamentaram em numero muito restrito de factos, fóra de um conjunto que lhes teria escapado forçosamente... sujeitos mais ou menos ao hypnotismo de um ambiente particularmente estreito e limitado, mas que se erigia logo como o proprio centro da batalha.

Essa literatura é profundamente interessante e cheia de idéas. Mas é mais recommendavel a leitores capazes de separar o joio do trigo, não deixando de offerecer certo perigo aos neophitos, especialmente os que não receberam, directamente, as severas lições da Grande Guerra.

E é por isso que ainda uma vez vos faço a mesma recomendação:

a de trabalhar sobre os vossos regulamentos, de os conhecer e estudar a fundo.

Sem duvida, vossos regulamentos não são o que ha de mais moderno no assumpto. Faço-vos notar entretanto que a 12^a edição de vosso Regulamento de Manobras é de 1924, enquanto que o Regulamento Francez é de 1920. Ademais, este ultimo é ainda provisório e está em vespertas de ser substituído por um regulamento definitivo. Todavia, seja o Regulamento provisório ou o definitivo ou o vosso Regulamento, são elles emanação directa de todas as intruções que o G. Q. G. francez produziu durante a guerra, inspirando-se em todos os factos novos, tirando delles todos os ensinamentos que comportavam, assegurando assim a evolução natural das idéas e dos methodos tacticos. Pessoalmente, declaro que não tenho melhor guia que elles..., que, é nelles que vou procurar conselhos ou luzes sempre que tenho de meditar ou reflectir sobre tal ou qual assumpto tactico. E, se me acontece fechar um ou outro antes de terminar minhas reflexões é para approximar-me, attento e respeitoso, do pensamento daquelles que foram verdadeiramente, entre tantos outros, os verdadeiros Senhores da Guerra e que são os mestres incontestáveis e incontestados das coisas militares, os Foch, os Petaín, os Maistre, os Debene...

Entre elles, direi ainda uma palavra sobre o General Maistre, morto a alguns annos como Inspector da Infantaria franceza: — quando pela primeira vez, ha oito annos, a Missão desembarcava em terra brasileira, trazia como documentos "dernier bateau", para orientar seus trabalhos, a respeito da Infantaria em particular:

- 1º o futuro Relatório ao Ministro da Guerra para o Regulamento Provisório da Infantaria franceza, ainda sob fórmula de projecto ou de minuta;
 - 2º) um relatório do General Maistre, ainda pouco divulgado, sobre a futura organisação da Infantaria, o qual influiu fortemente na organisação da Infantaria brasileira.
- Emfim, durante nossos trabalhos tenho a intenção de aproveitar todas as oportunidades para fazer algumas incursões no domínio das idéias tacticas que estão regulamentadas do outro lado do Rhei-

Na maior parte das vezes, essas incursões serão para mostrar-vos que, de um lado como de outro, dos mesmos factos foram tiradas as mesmas conclusões e os mesmos ensinamentos, tanto é verdade que dois povos, animados do mesmo ardor guerreiro e do mesmo temperamento combativo, sensivelmente preparados para a guerra da mesma maneira, podem ver as coisas sob o mesmo ângulo e rar os mesmos factos ensinamentos quasi idênticos. Isso poderá conduzir-vos a pensar que o caminho que seguimos, conjuntamente, será, mais ou menos, na medida das possibilidades humanas, o caminho da verdade.

Senhores, como sabeis, os dois elementos cuja combinação constitue a manobra elementar da Infantaria são o fogo e o movimento: — Todos os regulamentos de Infantaria o dizem e o regulamento francês como o brasileiro acrescentam: "a actuação pelo fogo é preponderante porque sem ella não é possível avançar." O regulamento alemão, responde os princípios que presidem ao combate da infantaria diz: "o ataque só pode ter exito se... assim, se o movimento para frente se combina espetacularmente com suficiente apoio pelo fogo" e, em outro lugar, "a arte do comando no ataque consiste em regular estreitamente o fogo e o movimento."

Ora, o signal, a prova irrecusável do exito no campo de batalha nós o conhecemos: na offensiva, ata-se de avançar, se se avança tudo vai bem; na defensiva trata-se de deter o inimigo sobre determinada linha do terreno — se sobre essa linha elle essa o avanço isso será, igualmente o exito. Dahi duas phrases-padrão:

— a defensiva é o fogo que detém;
— a offensiva é o fogo que avança;
ainda, a asserção do Regulamento francês:

"ganhar ou perder uma batalha terá sempre essa sancção infallível — ou a Infantaria avança ou a Infantaria recua."

Se avançar será o signal do sucesso, de outro modo sabemos perfeitamente que o movimento para frente, naturalmente contra um inimigo que se defende, só será possível se a potencia de nosso fogo permitte:

"Para avançar, apesar do inimigo, diz ainda o regulamento francês, é preciso que, pelo proprio fogo, o impeça de obter do sistema do fogo que preira o rendimento de que seja capaz — é preciso superioridade do fogo."

Isto quer dizer que da base de partida do ataque e até ao objectivo final designado, qualquer ponto para frente deve ser preparado, acompanhado, protegido por fogos capazes ao menos de neutralizar, se não puder aniquilar ou extinguir os fogos de defesa: eis o que constitue, contra o inimigo, a insegurança e manutenção da superioridade do fogo, a tal, diminuindo a intensidade e a efficacia dos fogos inimigos, permitirá o avanço das tropas de aque.

Se, agora, abrirmos o Regulamento da Infantaria brasileira, ap. II, 2^a Parte, e lançamos uma visão de conjunto sobre a forma do combate, veremos que o combate se apresenta sob a forma geral lances sucessivos para frente, de objectivo em objectivo, de um objectivo final, que, tomado de assalto deve acarretar a retirada do inimigo.

Temos uma primeira base de partida do ataque;

sob a preparação — por mais breve que seja — a protecção — tão ajustada quanto possível — de todos os meios de fogo sem excepção, susceptíveis de ser empregados contra o inimigo, o ataque se lança. Meios de fogo (F. M. dos primeiros escalões de G. C., Mtos. L. acompanhando o ataque...), vão progredir em frente — é o movimento para a frente dos primeiros escalões de fogos. Outros meios de fogo com a possibilidade de atirar mesmo após a partida do ataque (alguns raros F. M., algumas Mtrs. L. atirando nos intervallos entre os G. C. do 1º escalão, as Mtrs. P. atirando também por certos intervallos favoráveis ou por cima das tropas... petrechos de acp.) vão constituir uma base de fogos.

Desde que o ataque parte e progride, vemos seus primeiros escalões ganharem nova base de partida a curta distância do primeiro objectivo a conquistar (200 a 300 ms.); base sobre a qual farão ou não, sob a protecção do escalão de fogos e da base de fogos, pausa mais ou menos curta para reagrupar-se ao comando dos chefes e combinar o ultimo lanco, baioneta baixa, sobre o objectivo fixado — é o assalto. Assim que conquistado o objectivo, ou o assaltante se organiza de modo a impedir que o inimigo o retome ou se lança sobre o objectivo seguinte, sem parar... E assim, de um para outro, seguindo o mesmo processo e até o objectivo final que será conquistado e mantido nas mesmas condições.

O ataque é, pois, tal como diz o Regulamento francês, uma progressão para frente graças ao fogo, progressão entrecortada de assaltos sucessivos sobre objectivos designados previamente, até um objectivo final, o que decide do exito, assignala a queda da posição inimiga, leva o inimigo à retirada.

Para permitir esses movimentos para a frente, limitados e sucessivos, perfeitamente ordenados e que necessitam todos, para se fazerem possíveis, protecção eficaz pelo fogo em todas as circunstâncias, muitas vezes, mesmo uma preparação, concebe-se a necessidade, não só de escalões de fogo sempre promptos a actuar como de uma base de fogo sempre fixada sobre o terreno e capaz de preparar em qualquer momento, se necessário, ao menos de proteger as partidas sucessivas dos escalões de combate e sua progressão de uma base de partida a outra base de partida, de um objectivo a outro. Uma base de fogo, para cumprir permanentemente esse papel de protecção, precisa ser *fortemente constituída*, por isso que não poderá sem interrupção, acompanhar o ataque senão deslocando-se elle propria por lângos e por escalões.

Assim sendo, comprehende-se a necessidade de um *plano de fogo* cuidadosamente estudado, preparado, bem ordenado, que assegure possibilidades:

- 1º) de realizar a *plenitude do fogo* desde a partida do ataque — em consequência da ignorância em que se está da importância dos meios de fogo da defesa inimiga, e para ter as maiores probabilidades de adquirir sobre esta a *superioridade do fogo*, nosso *plano de fogo* deve esforçar-se por meter em ação, no primeiro escalão de fogo e sobre a base de fogo, o máximo de armas automáticas, e nossas actuações pelo fogo se farão em cheio, atirando das unidades engajadas todas as normas que possam atirar, dentre as unidades em reserva aquellas que momentaneamente possam ceder meios de

fogo em proveito das unidades de ataque — tudo, evidentemente, subordinado á existencia do objectivo a bater. Dahi, nada de reserva de fogo inutil.

- 2º) de organizar a *base de fogo* com meios suficientes para permitir deslocamentos da base por lanços e por escalões, para que seja possível a permanencia das accções de fogo tendo em vista a protecção do ataque e a manutenção dos objectivos conquistados, isto é, a possibilidade de desencadear fogos efficazes a um momento dado mesmo para compensar um incidente imprevisto — seja antes de atingir o objectivo ou depois de conquistar-o.

Comprehende-se tambem o papel primordial que o terreno, desde que determinados os objectivos a conquistar, representará para que se dê ao fogo rendimento maximo — se o terreno de ataque, de facto, o permite escolher-se-á, na zona em que se desencadeará o ataque, a parte do terreno mais propicia ao maior rendimento da potencia do fogo e nesta parte do terreno empregar-se-á o maximo dos meios de fogos. Em qualquer caso, o estudo do terreno tão a fundo quanto possivel, ressaltará compartimentos do terreno mais ou menos favoraveis à actuação de nossos órgãos de fogo; taes compartimentos poderão, *apé certo ponto*, regular a actuação de nossos meios, regulando a profundidade, a extensão de nossos lanços para a frente segundo os *compartimentos em profundidade* já estão determinados em grosso pela designação dos objectivos successivos — todavia poderá ser interessante e util determinar outros designados por objectivos intermediarios.

Quanto fica dito, porém, esboça apenas o essencial da combinação ardua e difícil de realizar, mesmo se se trata apenas de avançar para o assalto — fim supremo do combate — de tal modo ardua e difícil que, mesmo nas melhores condições será sempre impossível o avanço sem perdas: tal é a conquista da potencia cada dia mais formidável assumida pelo fogo com o advento das armas automaticas no campo de batalha e os progressos realizados tambem no poder de destruição do material de artilharia, sobretudo quando se trata da defensiva, caso em que as actuações pelo fogo, estudadas com cuidado, com o tempo necessário e completo conhecimento do terreno, podem exercer-se com maxima precisão e possibilidade de consumo de munições quasi sem limites.

Isso nos conduz a concluir, e cada dia de modo mais imperativo, mais intangivel, retomando com mais energia uma velha formula:

"não se manobra sob o fogo" ou sob forma mais moderna:

"desde que se entra na zona dos fogos inimigos, e principalmente na dos fogos da Infantaria inimiga, mesmo que seriamente combatidos, é impossível, absolutamente impossível, para a tropa, executar o menor movimento lateral que seja, mesmo quando ella esteja diluída ao maximo no terreno."

Em consequencia, desde que se fala em ataque e sobretudo quando se fala de tropas que atacam ou que já estão na zona dos fogos da

Infantaria inimiga é absolutamente indispensavel considerar tropas que estejam collocadas deante seus objectivos de ataque, marchando por lanços successivos para esses objectivos, direito para a frente e não tendo outra coisa a fazer senão marchar para a frente, sempre para a frente, direito para a frente.

Emfim, todos quantos entre nós tiveram a honra de conduzir qualquer elemento de Infantaria ao ataque de posições inimigas, sabem a *força de vantagem* que é necessaria para alguem lançar-se, do ultimo abrigo, em cima do inimigo atravez o campo de batalha. E' preciso saber querer! Pelo menos é preciso não ter outro cuidado nem pensamento outro senão ir para frente, correr para o inimigo, assaltal-o, agarral-o, matal-o! Para isso é necessario que se esteja tranquillo sobre o que se pôde passar a direita e a esquerda; é preciso que o ataque esteja perfeitamente protegido na direita e na esquerda contra as actuações do inimigo: — desde a base de partida do ataque até o objectivo final inclusive e durante o tempo necessário a pôr esse objectivo ao abrigo de um retorno offensivo, é preciso que todos os elementos de ataque não pensem noutra coisa senão em marchar para frente, sempre para frente.

Importa pois assegurar-se, não só a cobertura mais ou menos afastada dos flancos do ataque mas, o que é melhor, a protecção tão approximada quanto possivel dos flancos do ataque. A melhor protecção que é possivel dar-se em taes condições é ainda uma vez e do mesmo modo que sobre a frente do ataque, a barreira das trajectorias e dos projectis de toda especie: — de artilharia na medida das possibilidades de segurança, sobretudo de Infantaria, F. M. Mtrs. L. ou P., ptrs. agindo do mais perto possivel.

E' a phrase preliminar do Gen. Debeney:

"A Infantaria ataca precedida e flanqueada por projectis de toda especie e de todos os calibres."

Senhores, chegados que somos a esta formula do Gen. Debeney, que parece ser a de caracter mais definitivo e a mais completa sobre o combate da Infantaria, é tempo de perguntar-nos o que é afinal a *potencia do fogo*, principalmente a *potencia de fogo da Infantaria*; quaes os seus elementos constitutivos; o que a torna, como diz o Regulamento francez sobre a Direcção das Grandes Unidades, "uma potencia esmagadora" ou porque, como diz o Gen. Maistre, no campo de batalha "o fogo é omnipotente".

A potencia do fogo da Infantaria está, naturalmente, na potencia das suas armas automaticas. Em verdade, a Infantaria dispõe tambem, além de suas armas automaticas, do fusil ordinario e do mosquetão e dos petrechos de acompanhamento — mas fusil ordinario e mosquetão são armas individuaes e os petrechos de acompanhamento têm a missão normal de contra-bater as metralhadoras inimigas. Deve-se pois entender, quando se diz que "o ataque é o fogo que avança" e "a defesa o fogo que detem", referindo-se á Infantaria, que isso se refere, sobretudo, ao fogo de suas armas automaticas, repartida mais ou menos em quinzenas irregular sobre o terreno. De resto o Regulamento francez depois de proclamar o Grupo de Combate como a cellula do combate moderno, não deixa de precisar que a potencia de fogo do Grupo de Combate está concentrada na potencia de fogo do F. M. No Exercito brasileiro esta potencia de fogo nas mãos

dos Majores (pel, mtrs. 1.) ou nas dos Coronéis (cia, mtrs. P.), como aliás na França, ella se acresce da potencia de fogo das cias. mtrs. P. dos Btes.

A potencia desse conjunto de armas automaticas, eis, pois, o que constitue a potencia de fogo da Infantaria.

Mas, para que esta potencia se exerça em boas condições, é preciso não só que essas armas automaticas sejam collocadas sobre o terreno segundo quinquenio mais ou menos regular, senão ainda que o numero delas e sua collocação respondam a determinadas condições:

1º) Para que o fogo possa atingir a plenitude é naturalmente indispensavel collocar tanto no escalão de fogo como na base de fogo, o maximo de armas automaticas e, tudo o que possa atirar, deverá atirar. E', a prori, a negação de qualquer reserva de fogo de Infantaria, tanto no escalão cia. como no escalão Btl. ou R. Ademais o papel a desempenhar, antes de mais nada é tão arduo! O Regulamento provisorio francez, diz:

"o numero de grupos a collocar no escalão de fogo é regulado pela condição de que a frente de ataque deve ser guarnecida de um numero de armas bastante para que seu fogo não apresente lacunas."

e ainda, a respeito do papel do Cap.:

"o cap. constitue seu escalão de fogo nelle collocando o numero de pelotões (armas automaticas) que elle estima necessário para adquirir, sobre toda a sua frente, a superioridade do fogo."

"o cap. destina em regra a sua frente um numero de armas sufficientes para que não exista deante da cia. nenhum espaço não batido e para que um fogo intenso possa ser desencadeado instantaneamente, sem previa manobra, sobre qualquer ponto perigoso ou suspeito."

2º) Em consequencia das considerações precedentes que impõem imperiosamente realizar-se a plenitude do fogo, atacar-se sobre frentes sem lacunas de fogo de nenhuma especie e até com a possibilidade de poder realizar sobre toda a frente a superioridade de fogo sobre o inimigo, tudo basado sobre a distancia media de 50 ms., approximadamente, entre duas armas automaticas vizinhas — as frentes de ataque que deverão ser obrigatoriamente limitadas em largura.

A cia. franceza de 12 G. C. podendo constituir seu escalão de fogo com 6 ou 9 G. C. (2 ou 3 pels.) poderá pois actuar, realisando as condições impostas pelo Regulamento, isto é, com uma potencia de fogo rasoavel, sobre uma frente de 300 a 450 ms., que se reduzirá a 200 ms. se se tem de atacar posse que se aumenta a 400 a 500 ms. contra posições fortemente organisadas. O Regulamento admite que com 3 pels. em 1º escalão, isto é, 9 G. C., sobre 200 a 250 ms., a potencia de fogo realisada é consideravel."

O Regulamento para os Exercícios e o Combate da Infantaria brasileira admite para a cia. igualmente de 12 G. C. — reunidos em 3 pel. de 4 G. C. — "uma frente máxima de 200 ms., esta frente podendo ser augmentada e atingir até 400 a 500 ms. e mesmo mais, se o terreno se mostra particularmente deserto."

De suas tres cias. organicas o Btl. francez pôde meter duas em primeiro escalão de ataque. Desse modo elle poderá atacar sobre uma frente de 300

a 400 ms. no caso de posições fortemente organisadas; atacará sobre uma frente de 800 ms. em terreno fracamente ou não organizado. Quanto ao Regulamento brasileiro, elle impõe ao seu Btl. de 4 cias. "uma frente de ataque de 400 a 500 ms. contra posições organisadas, que poderá ir ao dobro (800-1000 ms.) ou ao triplo (1200-1500 ms.) em terreno livre". "Mas, acrescenta em seguida o Regulamento, é preciso comprehenda-se bem que sobre estas frentes extensas, o Btl. não poderá empregar-se energeticamente senão sobre uma parte da frente."

Devo acrescentar que, enquanto o Btl. francez dispõe do apoio immediato das 10 mts. P. que delle fazem parte integrante, graças ás quaes lhe é possível seja reforçar seu escalão de fogo, seja postar solidá base de fogo, o Btl. brasileiro dispõe apenas de 6 mtrs. I. Podemos concluir dahi que, salvo circunstancias excepcionaes, a frente de 1200 a 1500 ms. deve ser considerada como um maximo a não ultrapassar e que poderá ser muito perigoso atingir.

Emfim, o Regulamento allemão dá, a titulo de indicação e diz elle nitidamente, "para evitar cahir no erro de uma grande extensão de frente" o limite preciso" de 400 a 800 ms. como largura da zona de ataque do Btl.

Todos os Regulamentos, de outro modo, tanto para obter maior potencia de fogo como para fechar um intervallo que se abra entre dois elementos vizinhos do escalão de fogo, prevêem o tiro dos elementos de fogo, dos elementos a retaguarda, entre os elementos do primeiro escalão, como ainda o fogo das mtrs. P. da base de fogo, por cima das tropas. Processos possiveis, evidentemente... mas cuja realisação pratica é das mais aleatorias. Aliás, é com certa reserva que o Regulamento francez dá uma regra para permitir o tiro de um elemento à retaguarda que possa participar do fogo. E' verdade que o Regulamento allemão é mais categorico: "é preciso, diz elle quanto ao combate do pel., que haja brechas entre os grupos de 1º escalão que permittam, em permanencia, os tiros das metralhadoras." Si essas brechas, diz elle adeante, se produzem ocasionalmente, devem ser utilizadas pelas mtrs. leves". "As secções de mtrs. P., sobretudo em terreno chato, procurarão atirar nos intervallos da linha de Infantaria, se o terreno não permittir o tiro por cima das tropas."

Emfim, por varias vezes, comquanto condeme o tiro das mtrs. L. por cima das tropas, o Regulamento allemão o preconiza, em qualquer caso, na offensiva, como na defensiva para as mtrs. P., seja com tiro directo ou indirecto. O Regulamento francez preconiza tambem esse genero de tiro: "os cmts. de unidades de mtrs. farão atirar, seja de posições dominantes, por cima das tropas, seja por entre os intervallos existentes entre os G. C..."

Em summa, parece que estes processos de combate são de realisação muito difficult: basta que se pense, mesmo em posição estabilisada e com homens aguerridos, aptos e enterrados, nas difficultades de realisação dos tiros indirectos por cima das tropas, sempre impressionaveis ao sibilir das balas... Essa é uma das lições da Grande Guerra... Quanto ao tiro por entre os intervallos, é de applicação muito difficult, salvo em posição estabilisada, e, ainda neste caso, parece de realisação muito delicada...

Seja como for, o que importa notar em tudo o que está dito, é a necessidade absolutamente im-

periosa — si quizermos ter sobre nossas frentes de ataque real potencia de fogo, capaz de dominar o fogo adverso ou, pelo menos de não se deixar dominar por elle, de conformarmo-nos a limitar strictamente a expansão das frentes a atacar... a não ultrapassar os limites extremos que os regulamentos indicam.

Si, com effeito, lançarmos as vistas, nesse momento, sobre a França e o Brasil, que vemos?

Na França uma organisação militar em estudo que prevê a D. I. com 3 R I, 1 R A M, I R A P. (155 c.), capaz desde o inicio de nova conflagração ou, ao menos durante certo tempo, de combater sobre frentes de 5 a 7 klms. A D. I. Brasileira, embora mais numerosa, deverá bater-se em frentes de 6 a 8 klms.

Isso, quererá dizer que sobre taes frentes de D. I., tanto em França como no Brasil — frentes que imporão, por sua vez, para nossas pequenas unidades (R. I., Btl. frentes consideravelmente aumentadas — não será possivel obter potencia de fogo rasoavel, deante nossas unidades de ataque

Certamente não! Mas, será o caso de considerar sobre as frentes de ataque, e não é possivel escapar-se a essa necessidade, os grandes compartimentos que o terreno apresenta no sentido perpendicular á frete de ataque: em uns, btl. ou R. I. que, actuarão com verdadeira potencia de fogo; maior ou menor, mas sempre razoavel, por isso que suas frentes estarão enquadradas nas extensões determinadas pelos regulamentos; em outros, ninguem atacará (1). Em uma frete de R. I., teremos tambem de fazer outra *compartimentação* de terreno: aqui, frete estreita para um batalhão que terá de emplegar a potencia maxima de seus fogos, lá, frete mais larga para uma actuação menor, adeante, até mesmo o vasio. O mesmo no interior dos Btl.

Donde, o que resta indiscutivel é o cuidado constante, em todos os escalões de comd. de realizar na Divisão, nos Regimentos ou Batalhões, a formula do Gen. Debony:

"A Infantaria ataca precedida e flanqueada por projectis de toda especie e de todos os caibres."

1) Haverá pois zonas de ataque que constituirão compartimentos particularmente activos, ao lado de compartimentos não sómente passivos como vazios de atacantes, mas não de fogos.

O problema da educação phisica

Segundo foi publicado em orgãos officiaes, o Sr. Ministro da Guerra permitiu que durante o anno vindouro estagiem na Escola de Sargentos de Infantaria alguns professores primarios do Distrito Federal com o fim especial de acompanhar os trabalhos de educação phisica ali ministrados.

Ao que nos consta, esta providencia teve sua origem na optima impressão que uma visita aquella escola causou ao Dr. Fernando de Aze-

vedo, Director da Instrucção Publica Municipal.

Tudo isto revela que no meio civil já se sente a necessidade de resolver o problema da educação phisica atacando-a por sua base fundamental, a formação de mestres-instructores, capazes de assumirem conscientemente as responsabilidades de plasmadores de organismos humanos. A esse proposito diziamos em um dos nossos numeros de 1926: "Dentre as iniciativas em prol da instrucção phisica devemos destacar a incentivação dos desportos nas escolas municipaes do Distrito Federal, graças ao atilado e emprehedor espirito do Dr. Carneiro Leão, Lirector da Instrucção; mas permitta-nos este digno educador ligeira advertencia que certamente ha de ter ensombrado suas visões idealistas e seus projectos elevados: não será perigoso, não será de effeitos desastrosos o entregar-se a educação phisica da infancia a quem não dispõe de sufficientes conhecimentos do assumpto? não se deve ter receio de prejudicar o desenvolvimento infantil com a pratica e dosagem de exercícios violentos e incompatíveis com o organismo em formação de creanças? bastará ter-se lido algum tratado de Gymnastica e assistido algum curso improvisado para habilitar-se alguém no ensino da educação phisica da infancia?"

Parece registamolo com natural prazer que o gesto actual do Director da Instrucção Municipal, responde aos nossos commentarios de dois annos atraz: "E' imprescindivel que a educação phisica da infancia só seja ministrada por quem conheça perfeitamente o metodo de educação e as nações indispensaveis de physiologia".

Felicitamos aqui a Escola de Sargentos de Infantaria por ter sido a escolhida para fornecer aos docentes municipaes os elementos indispensaveis para poderem desempenhar de modo mais satisfatorio a sua dignificante função de educadores.

Alem do mais, é de esperar que de um tal estagio no seio do Execito e em tal fóco de trabalho advenham ainda outros beneficios muito reaes porque os professores terão sentido de perto a pureza das intenções patrióticas, o esforço honesto para cumprir a missão e a fé nos destinos da Patria que constituem o nosso apanagio.

Verão melhor o que são as forças armadas em tempo de paz e poderão aquilatar os imensos serviços que podem elles prestar em paiz novo como o nosso, mormente como instrumento educativo.

Por outro lado as fortes impressões que esperamos hão de receber, refletir-se-ão sobre as almas brasileiras que vão continuamente formar...

No proximo numero publicaremos interessante trabalho sobre o assumpto do Sr. Cap. Araripe de Alencar, autor de trabalhos bastante conhecidos em nosso meio.

Assuntos Navaes

CONHECIMENTOS NECESSARIOS AO COMMANDANTE DE SUBMARINO PARA TOMAR A POSIÇÃO DE ATAQUE

Pelo Cmt. MUNIZ BARRETO.

A — A "phase de ataque" do S que se ca do inimigo, caracteriza-se por uma muça no rumo de approximação, afim de tomar posição mais vantajosa ao tiro.

No ponto de vista do lançamento, o idéal é que o rumo de approximação seja o próprio rumo de ataque, porque assim evita-se de manobrar muito com o S, dando guinadas mais pronunciadas do que o suficiente a fazer-se a visada com o periscopio na ocasião de atirar.

As guinadas no governo vertical ocasionam um desequilibrio no sistema de forças mantêm o S em marcha no seu plano de persão, fazendo alagar o periscopio, muitas vezes no momento em que elle é mais necessário.

Supponhamos que o S quer atacar quando estiver a 45° da prôa do inimigo.

Se for essa a sua marcação de approximação, assim que o periscopio accusar distância pouco maior do que a de tiro, bastará uma guinada para "encher a marca" do ângulo de visada e effectuar-se, então, o lançamento.

Mas, nem sempre é desejável, tacticamente, essa coincidencia, porque muitas vezes o rumo de approximação que conduz mais rápidamente ao inimigo fecha demasiado o Sua prôa, e o ângulo de marcação torna-se demais pequeno para, vantajosamente, vir ao ataque.

Nesse caso, é preciso, então, manobrar a tomar posição, com a antecedencia suficiente a corrigir as perturbações que, sobre o eixo horizontal, produzem as guinadas do eixo vertical.

Assim, se quizermos atirar a 500 metros 5° da prôa do adversario, e se o rumo de approximação conduzir o S sob a marcação 20° , — é prudente começar a guinar lentamente a 1.000^m, abrindo um pouco o rumo.

B — A melhor "posição de lançamento" é unanimemente definida, porque depende de elementos antagonicos, preponderando uns re os outros conforme a suposição tactica re a maior ou menor importancia com que s entram no exito do ataque.

Demonstra-se, pela analyse mathematica, que a melhor incidencia do plano de tiro sobre o rumo do alvo é a que permite ao torpedo chocar-o nas immediações do travéz ou pouco para a alhêta, e não para a prôa.

E' no caso dessa incidencia que menor influencia têm sobre o angulo de visada os erros de avaliação do rumo e da velocidade do inimigo, e maior dimensão apresenta o alvo.

Entretanto, essa posição tem certas desvantagens:

a) Como o S, de regra, só pode approximar-se do alvo pela bochecha, devido a sua pequena velocidade em immersão, — chegando elle mais fechado pela prôa e atirando assim, approxima-se mais rapidamente, expõe-se menos a ser descoberto; o torpedo lançado gasta menos tempo em chegar ao alvo e este tem, pois, menor probabilidade de manobrar para evitá-lo, quando lhe veja a esteira.

b) Lançado o primeiro torpedo pela bochecha, outros poderão ser ainda atirados sobre o inimigo, em successão, com incidencias favoraveis, pelo travéz e alhêta.

Se o primeiro for lançado quasi ao travéz, os outros que se lhe seguirem ficarão cada vez mais para a alhêta, e poderão mesmo deixar de alcançar o inimigo.

c) Percebido o S ao primeiro tiro, ou pouco antes, a manobra instinctiva do inimigo (embora nem sempre a mais efficaz) é guinar para fóra, apresentando assim, gradualmente, o travéz e a alhêta, sujeito portanto, ainda, a alguns lançamentos felizes.

Se o S espera a occasião de atirar pelas proximidades do travéz, arrisca-se a ser descoberto e a ver escapar-se o alvo que lhe oferece a alhêta e sae, assim, mais rapidamente, do alcance do torpedo, sobretudo com as grandes velocidades dos actuaes navios de superficie.

d) Falhando por qualquer circunstancia o primeiro tiro, ha mais tempo de lançar outros torpedos, ao travéz e alhêta do inimigo, se na occasião desse primeiro tiro estiver o S pela bochecha.

e) Se, devido a irregularidades de governo, pouca exactidão na determinação dos elementos de approximação, etc., succeder que o tempo gasto pelo S em approximar-se seja maior do que o calculado, o angulo de marcação ficará mais aberto da prôa do inimigo do que havia sido previsto.

Por isso ainda é conveniente fazer a approximação francamente pela bochecha.

Dois factos importantes podem, porém, impedir que o S tome uma posição de ataque muito pela bochecha do alvo:

a) A presença de uma escolta de navios ligeiros.

b) O desejo de atacar a linha inimiga, "enfiando" a formatura.

No primeiro caso, o S agirá de acordo com as circumstancias, approximando-se tanto quanto ellas o permittirem.

No segundo, a melhor posição de ataque será no prolongamento da linha que tangenciar as prôas e pôpas, alternadamente, dos diversos matalotes; a formatura inimiga será, então, vista do S como um alvo continuo, sem claros. Neste ultimo caso ha convenien-

cia em regular o torpedo para maior alcance, embora com prejuizo da velocidade, para poder attingir o centro e extremo da linha o mais possivel.

Dadas as condições expostas, cada comandante ao preparar o seu ataque tomará a resolução mais adequada a cada caso. Não se afastará, porém, de um meio termo aceitável, como regra, aquelle que evitar atacar o adversario muito pela prôa, preferindo postar-se dos 45° para o travéz, ao fazer o seu primeiro disparo.

C — O criterio da distancia de tiro no ataque submarino deve ser: *lançar o mais perto possivel*.

Uma vez, porém, descoberto, se a distancia e a marcação já forem razoaveis, não deve o S insistir em approximar-se mais do alvo, mas atirar e safar-se.

Não deve, tambem, o S cerrar demasiado a distancia e chegar a menos de 300^m, por exemplo, devido ás irregularidades que apresenta a trajectoria do torpedo no inicio da carreira, podendo dar-se o caso de passar por baixo do inimigo.

Companhia Paulista de Material Electrico

FABRICA "VOLT-AMPÉRE"

Teleph. C. 3682.

End. Teleg. "Eletrorio"

Rio de Janeiro

MATRIZ: RUA SÃO JOSÉ, 74 / 76

Importadores em grande escala de material electrico em geral.

Fabricantes de fios e cabos nus e isolados, chaves-facas, para-raios bobinas de self, transformadores e diversos.

ENCARREGAM-SE DE ORÇAMENTOS E INSTALAÇÕES DE LUZ E FORÇA

PREÇOS UNICOS

Representantes em todos os Estados do Paiz. Filial em Juiz de Fóra — Rua Halfeld, 365
Agentes em Belo Horizonte — Moreira & Cia, em São Paulo — Soc. Tech. "Bremen-
ensis" Lta.

Mudança de mentalidade

E' com evidente satisfação que registamos um nissor symptom que a favor da criação de *mentalidade apropriada aos verdadeiros interesses do Exercito*, acaba de surgir.

Esse symptom é o abandono, que se inicia com o aviso ministerial regulando a matrícula na A. O., do caráter de voluntariedade até agora restado aos cursos para officiaes. Por um desphenomenos muito próprios ao *estado de inconsciencia* em que tem sempre vivido a lucida intelligenzia brasileira — com o sentimentalismo dos homens aqui nascidos e criados, o dever de instruir-se até agora sempre considerado de caráter voluntário. Um tal caráter, explícito nos chamados e vites para matrícula nas escolas criadas e manadas após a vinda da M. M. F., era vehementemente confirmada sempre que as promoções por merecimento têm recaído sobre officiaes que se haviam usado a frequentar os novos cursos ou os que hão frequentado com insucesso.

Tal regimen profundamente abalado pela Lei Ensino, vai desaparecer rapidamente e com elle s maleficos effeitos.

O aviso ministerial a que nos referimos, pre-

cedendo a lei do ensino e preparando praticamente o seu advento denota uma resolução capaz de fazer crer no futuro deste nosso Exercito.

A frequencia obrigatoria e a impossibilidade em ter merecimento, sem pelo menos oficialmente poder ser considerado em dia com os conhecimentos profissionaes, é evidentemente um passo na reforma da *mentalidade do Exercito* — elemento primordial ao successo no cumprimento de suas missões. Sem uma *organização mental* que tenha por base a cultura profissional aprimorada, não ha prestigio de especie alguma num Exercito, nem Exercito algum pôde ter prestigio nacional.

Nós que ha quinze annos nos batemos pela formação de uma *mentalidade capaz de dar um Exercito ao Brasil*, temos o conforto de poder assinalar estes fructos que afinal o bom senso nos vae concedendo.

Estes primeiros movimentos são, sem dúvida, os mais difficéis de obter. Mas iniciados — velocidade adquirida — nada mais os deterá porque elles convêm aos interesses do Exercito e do Brasil que, por māos habitos, ficavam desconhecidos, esquecidos ou incomprehendidos em muitas oportunidades...

As forças armadas

"Das manifestações de vida de um povo, que se referem ás questões da *organização sua defesa militar*, são as mais sensiveis àção dos homens-governo.

Visando oppôr-se ás causas dissolventes internas; exprimindo a resultante das energias um povo constituindo-se de tudo que nos homens representa força; resentem-se ellas das sufficiencias que se manifestem em qualquer parte do paiz ou da nação.

O valor militar de uma nação resulta tanto do grão, da natureza e da extensão da altura de seu povo, como da logica observada em sua política de communicações, da orientação e do desenvolvimento de suas indústrias fabris e agrícolas, do criterio mantido em relação á formação ethnographica, dos cuidados na defesa eugenica, da comprehensão da cultura physica, etc., etc.

A força militar é bem a resultante das energias nacionaes que formam a potencialidade da vida nacional; é bem a reveladora da intelligencia e cultura civica dos homens de élite quer exerçam ou não o governo directo prático.

Exercito e Marinha apenas são os instrumentos de trabalho desses homens, instrumentos de incalculável accão social, até hoje incomprehendida entre nós. Productos da concepção delles e de seu modo de agir, destinam-se apenas a dar expressão propria ás energias nacionaes para quando tiverem de ser applicadas nas crises sangrentas. Representam tambem centros de forças estylisadas em torno dos quaes se deverão congregar, no momento opportuno, todas as outras forças nacionaes. Taes organismos só ficam exóticos e de influencia perturbadora ou retrograda, quando não se lhes comprehende a significação e não se os sabe aproveitar para fomentar o progresso, mantendo-se-os, por isso, sob forma retardada."

"O chefe deve saber dar a seu subordinado uma direcção inicial perfeita. A orientação do começo é muitas vezes a que o subordinado conservará até o fim."

Dr. Leon Wauthy..

Subsídios para os Quadros de reserva

EXECUÇÃO DO TIRO NA BIA DE 75 (Notas dos Cursos da M. M. F., do R. T. A. e de publicações Francesas)

Pelos Capitães EMILIO RODRIGUES RIBAS JUNIOR e IGNACIO JOSE VERRISSIMO

PRIMEIRA PARTE

(Continuação)

COLLOCAÇÃO DA BIA EM VIGILANCIA

A) Collocação da peça directriz em vigilancia (tarefa do capitão):

a) Processos rápidos:

- A' vista; (1)
- Por balisamento;
- Por pontaria ao G. B.;
- Por pontaria a prancheta;
- Por ponto de pontaria;
- Por G. B. declinado;
- Por prancheta declinada.

b) Processos lentos:

- Com G. B. e auxilio de D. R.;
- Com prancheta e auxilio de D. R.

B) Formação do feixe paralelo (tarefa do Cmt. da linha de fogo):

- Por ponto de Pontaria;
- Por pontaria reciproca sobre uma peça;
- Por pontaria ao G. B. (transformado em ponto de pontaria).

C) Pontaria pela alma da peça:

- a) para melhorar a pontaria da peça directriz;
- b) para melhorar a formação do feixe paralelo.

A) Collocação da Peça Directriz em Vigilancia:

Processos rápidos

— Por Ponto de Pontaria.

De um tempo para cá, há uma corrente que dá a este processo o título de *Pontaria por visadas directas*. A razão não é perfeitamente clara. Em primeiro lugar porque a designação de "visadas directas" parece contrapor-se a outra de visadas indirectas. E como não ha tal processo (porque a visada, propriamente, é feita sempre sobre o ponto de visada, isto é, directamente), o título não exprime o phe-nomeno.

Além disso, o nome de "por ponto de pontaria" é espontâneo e está no uso corrente de nossos arti-lheiros desde 1914, época do nosso primeiro regula-mento sobre o assumpto. Romper com isso só seria justificável como melhora e, neste caso, não nos pa-rece que tal se tenha dado. Aliás nem o próprio re-gulamento Francez admite esta modificação porque o chama, como nós, "por ponto de pontaria" (Título IXa, pg. 66).

Nós vimos, quando estudamos a collocação da peça directriz em vigilancia pelos processos da col-

(1) O gráfico indica que já foram estudados. Ver A Defesa Nacional de Agosto, Setembro-Outubro de 1927, e Março-Abril de 1928.

- á vista,
- por balisamento,
- por pontaria ao G. B.,
- por pontaria á prancheta,

que a condição *sine qua non* desses processos em que, do mesmo ponto de observação, o Capitão visse a peça e o ponto de vigilancia.

Pode acontecer, porém, que não exista ponto de observação permittindo tal cousa e, em consequen-cia, que aquelles processos não possam ser empre-gados.

E o caso da Fig. 1. Se o operador se collocar no morro A, vê a peça P, mas o morro B não o deixa vêr o P.V.; ao contrario, si se collocar no morro B elle vê o P.V. mas o morro A veda-lhe a peça. Nestas condições só ha uma solução: procurar

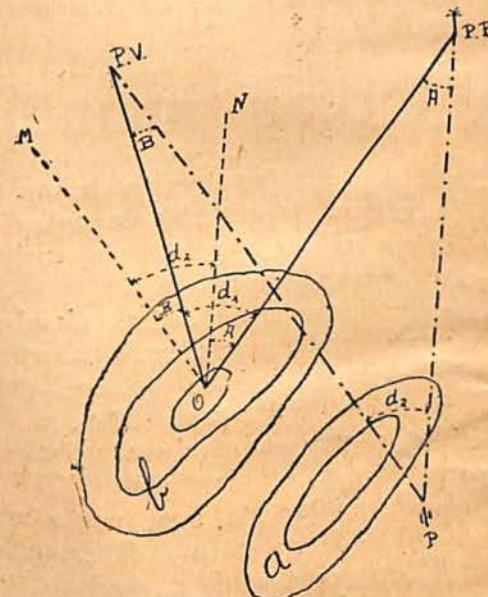


Fig. 1

outro P.P., tal que seja visto, tanto pela peça como pelo operador e, com o auxilio delle fazer a pontaria.

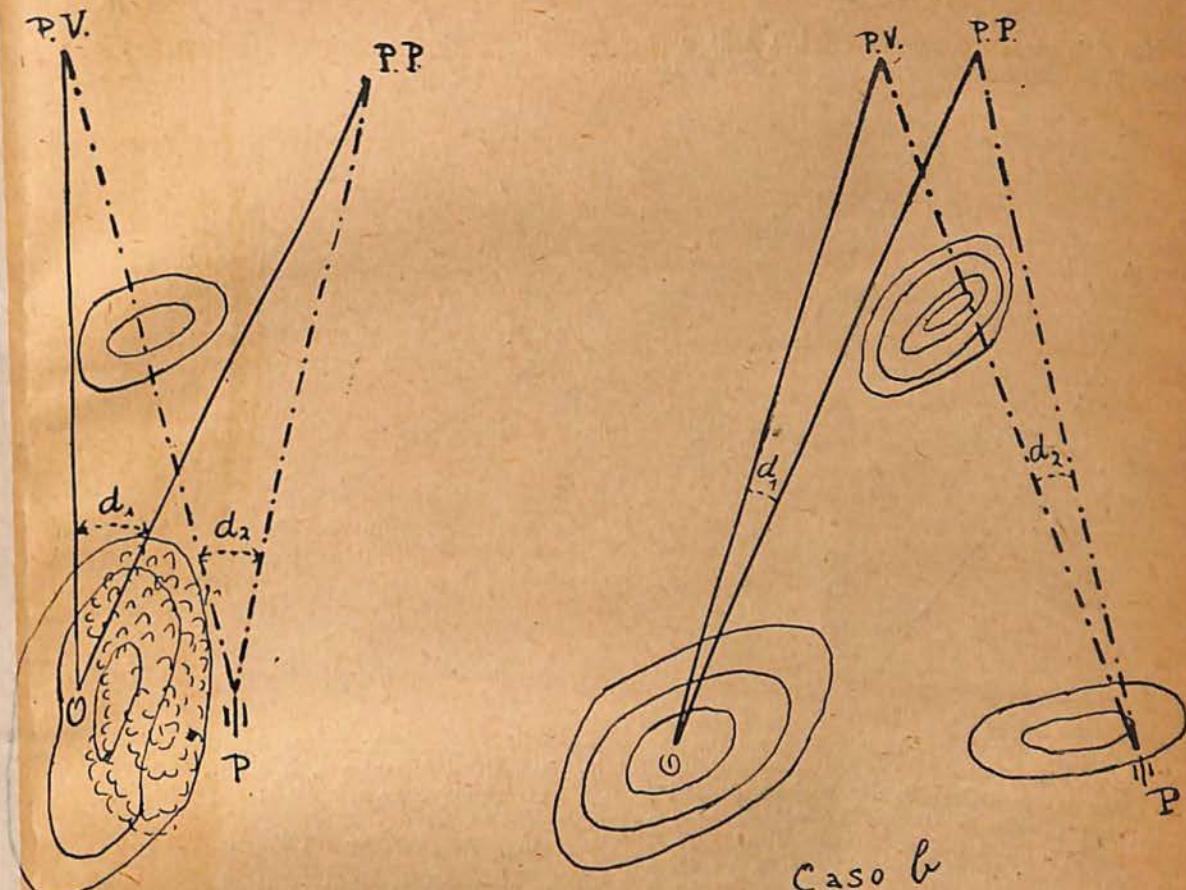
Se o operador fica nas proximidades da peça P (a da fig. 1-Bis) de maneira que o angulo d_1 (que mede, do ponto de observação O o afastamento P.V. — P.P.) seja assimilavel ao angulo d_2 (que mede da peça aquelle mesmo afastamento) basta que o operador mœça o primeiro angulo d_1 , e o comande á peça, dando para ponto de pontaria o ponto P.P.

Chegar-se-á ao mesmo resultado se — estando o operador afastado da peça P o ponto P.P. se achar na vizinhança do P.V. (b da fig. 1-Bis).

Vemos então que quer num caso (a da figura 1-Bis) quem noutro (b da fig. 1-Bis) o processo permitte uma pontaria rapida.

Mas se não se conseguir nem uma situação nem

A (parallaxe do ponto de pontaria em relação á frente peça-observatorio); e,
B (parallaxe do ponto de vigilancia em relação á frente peça-observatorio)



Caso a

Fig. 1 Bis

utra, impõe-se proceder, ao que o regulamento chama de *correcção de centro de estação*, isto é, corrigir o angulo d_1 (que mede do ponto de observação o operador o afastamento $P.P. - P.V.$) de um valor tal que torne o d_2 (que mede da peça aquelle afastamento) igual a elle.

Tomemos a fig. 1. Ela nos mostra que os dois angulos d_1 e d_2 estão ligados pela relação

$$d_2 = d_1 + B - A \quad (1) \quad (2)$$

E' claro que si o $P.V.$ e o $P.P.$ estão muito proximos (b, fig. 1-Bis) ou a peça P do observatorio O (a, fig. 1-Bis), os valores

(2) Tiramos por O uma parallella ON a $(P - P.P.)$ e uma parallella OM a $(P - P.V.)$. Ternos assim, em torno de O os angulos:

d_1 formado por OM e ON
 d_1 " " $(O - P.V.) - (O - P.P.)$
 B " " $OM - (O - P.V.)$
 A " " $ON - (O - P.P.)$

Esses angulos têm entre si a seguinte relação: $d_1 + B = d_2 + A$; donde se tira a formula 1.

são praticamente nullos e recae-se no caso já visto, isto é, em que $d_2 = d_1$.

Ao contrario, se estão afastados (caso da fig. 1) é preciso então corrigir o angulo d_1 dos valores de A e B , afim de tornal-o igual a d_2 , isto é, é preciso aplicar a formula 1.

Esta formula tomará outra expressão se, os dois pontos $P.P.$ e $P.V.$ se acharem de um e de outro lado da linha $O - P$. Tomemos a fig. 2. Ela nos mostra que os dois angulos d_1 e d_2 estão agora ligados pela dupla relação

$$d_2 = d_1 + B + A \quad (2) \quad (3)$$

Comparando essas duas formulas nós vemos que os signaes das parallaxes A e B variam conforme a situação dos pontos de

(3) Tiramos por O uma parallella OM a $(P - P.V.)$ e uma parallella GN a $(P - P.P.)$. Ternos assim em torno de O os angulos d_1 , d_2 , A e B .

pontaria
e
vigilancia

em relação á frente:

peça-observatorio.

Nos dois casos examinados (figs. 1 e 2) o observatorio se achava à esquerda da peça. Se, ao con-

formulas, segundo as posições relativas desses pontos. Na pratica pôde-se empregar uma formula con-

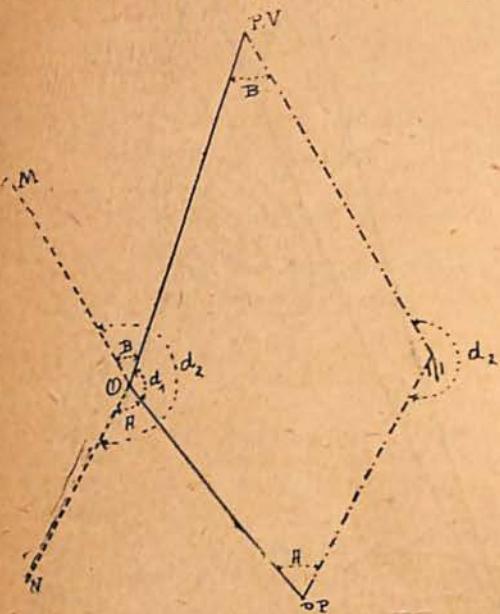


Fig. 2

trário, além das modificações das posições de *P.V.* e *P.P.*, em relação á frente Peça-observatorio, a posição destes ultimos fôr modificada, isto é, tivermos o observatorio á direita da peça (figs. 3 e 4), a relação dos angulos sofrerá nova modificação e chegaremos ás formulas

$$d_1 = d_1 + A - B \quad (3)$$

$$d_2 = d_1 - A - B \quad (4)$$

Comparando a formula 3 com a 1 e a 4 com a 2 vemos que o signal das parallaxes tambem variam, conforme o observatorio esteja á direita ou á esquerda da peça.

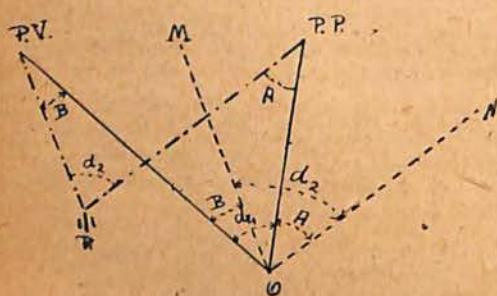


Fig. 3

Vemos então que se chamarmos sempre d_1 ao angulo do observatorio e d_2 ao angulo da peça, em relação a *P.V. — P.P.*, serão necessarias quatro

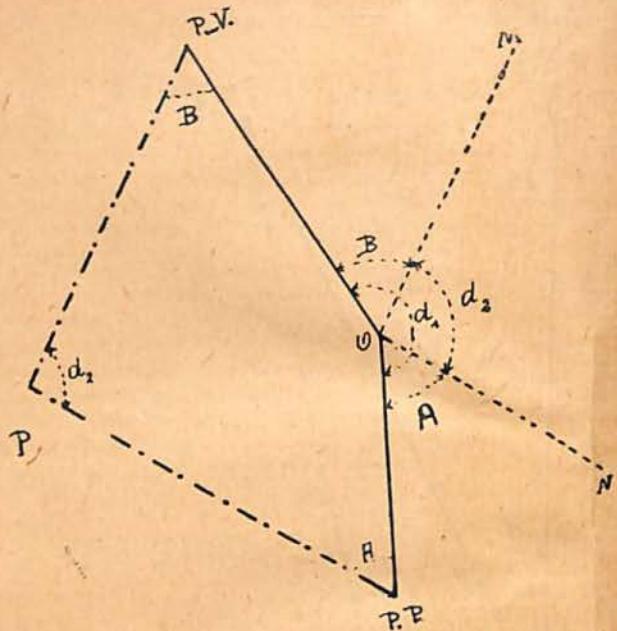


Fig. 4

vencional e, mediante certas regras, evitar o jog, de signaes das formulas 1, 2, 3 e 4.

A formula convencional é:

$$d_1 = d_2 - (B + A) \quad (5)$$

sob as condições seguintes:

d_1 = valor do angulo medido pelo elemento que se acha á esquerda. Nas figs. 1 e 2 elle seria o angulo medido pelo observatorio; nas figs. 3 e 4, o angulo medido pela peça;

d_2 = valor do angulo medido pelo elemento que se acha á direita. Nas figs. 1 e 2 elle seria o angulo medido pela peça; nas figs. 3 e 4, o angulo medido pelo observatorio.

B = parallaxe do ponto de vigilancia em relação á frente peça-observatorio; é tomado sempre com o signal positivo;

A = parallaxe do ponto de pontaria em relação á frente peça-observatorio; é tomado com o signal:

negativo quando o *P.P.* e o *P.V.* estão do mesmo lado da base peça-observatorio (caso das figs. 1 e 3);

positivo quando o *P.P.* e o *P.V.* estão de ambos os lados da base peça-observatorio (caso das figs. 2 e 4).

Então: Operações:

1º) Estacionar o G. B. em um ponto *O* de onde se veja o *P.V.* e um accidente qualquer do terreno que se preste para ponto de pontaria (arvore, cha-

miné, etc.). Escolher esse P.P. de maneira que seja, igualmente, visivel da peça P.;

2º) Medir, em seguida, o angulo formado entre o P.V. e o P.P.;

3º) Si o P.V. e o P.P. estão muito proximos um do outro (caso b, da fig. 1-Bis) ou o observatorio O da peça P, (caso b, da fig. 1-Bis) ou o observatorio O da peça P, (caso a, fig. 1-Bis) basta commandar á peça o angulo medido na operação 2;

4º) Si, ao contrario, a situação é a das figs. 1, 2, 3 e 4, isto é, P.P. afastado do P.V. ou observatorio afastado da peça, é preciso calcular as parallaxes A e B em relação á frente peça-observatorio; (4)

5º) Uma vez obtido os valores das parallaxes A e B, entrar com elles na forma 5, attendendo, porém, as condições impostas para a applicação della;

6º) Obtido o valor do angulo que convem á peça (que como vimos poderá ser d_1 ou d_2 — conforme ella tenha o observatorio á sua direita) commandar esse angulo a ella;

7º) A peça registra o angulo e toma para ponto de pontaria o ponto P.P., indicado pelo observador.

Para exemplificar tomemos o caso da fig. 1.

Supponhamos os valores:

$$\begin{aligned} d_1 &= 800 \text{ M} \text{ (medido no G. B.)} \\ A &= 600 \text{ M} \text{ (avaliado ou medido)} \\ B &= 200 \text{ M} \quad (\quad " \quad) \end{aligned}$$

Qual será o valor a commandar á peça?

A relação dos angulos nos dá:

$$d_1 = d_2 + A - B$$

e a formula convencional nos dá:

$$d_1 = d_2 - (B + A)$$

Substituindo os valores na 1ª formula temos:

$$800 = d_2 + 600 - 200$$

ou

$$\begin{aligned} d_2 &= 800 - 400 \\ &= 400 \end{aligned}$$

Empregando a 2ª (formula convencional) e levando em conta que A é negativo pois que o P.P. e o P.V. estão do mesmo lado da base P — O, temos:

$$\begin{aligned} 800 &= d_2 - (200 - 600) \\ &= d_2 + 600 - 200 \end{aligned}$$

ou

$$\begin{aligned} d_2 &= 800 - 400 \\ &= 400 \text{ M} \end{aligned}$$

Para se ter a impressão da simplicidade que o emprego de uma formula unica traz, basta saber que, segundo as posições do P.P. e P.V. em relação á base Observatorio-Peça, e a do observatorio em relação á peça, os valores d_1 , d_2 , A e B pôdem se achar ligados por quatro relações:

- a) $d_1 = d_2 + A - B$ (caso da fig. 1)
- b) $d_1 = d_2 - A - B$ (caso da fig. 2)
- c) $d_1 = d_2 - A + B$ (caso da fig. 3)
- d) $d_1 = d_2 + A + B$ (caso da fig. 4)

E que para se determinar no terreno o signal das parallaxes A e B, impunha-se:

a) ou deduzir ahí a formula conveniente (o que não é pratico);

b) ou então determinar o signal de duas parallaxes:

— a do ponto de vigilancia sabendo que quando o G.B. está á direita do plano de tiro da peça a parallaxe B é negativa; quando a esquerda é positiva;

(4) Vér como se calcula a parallaxe — A Defesa Nacional, numero de Março-Abril de 1928, pagina 51.

— a do ponto de pontaria, sabendo que, o operador na luneta olha o ponto de pontaria se a luneta assim estiver á direita do plano de visada da peça base o signal de A será positivo, se á esquerda, negativo.

Como vemos quatro formulas a empregar e duas regras a fixar e cuja applicação pôde conduzir a enganos. Ao contrario no emprego da formula convencional, ha apenas uma regra a guardar e essa muito simples.

Curem-se pela Homœopathia, fazendo uso dos nossos afamados específicos

Antipapirus — o melhor, o mais poderoso remedio para curar a gripe — um vidro 2\$000.

Antiferinus — Cura Coqueluche em 15 dias e preserva as creanças desse mal — 1 vidro 2\$000.

Angasturium — E' o grande remedio das infecções intestinais de caracter grave — 1 vidro 2\$000.

Arsenico Iodado Composto — O melhor e o maior fortificante da homœopathia — 1 vidro 3\$000.

Vitirus — Cura as tosses e as bronchites — vidro 2\$000.

Cardusmajus — Poderoso remedio para curar as doenças do fígado — 1 vidro 2\$000.

Cepyl — Cura o corysa, os resfriados — 1 vidro 2\$000.

Purgina — Ideal combinação contra a prisão de ventre — 1 vidro 2\$000.

Solarius — Cura diarréas das creanças e dos adultos — 1 vidro 2\$000.

Phosphorina — **Faria** — O melhor remedio para as creanças. Facilita a dentição — 1 vidro 3\$000.

Rhus composto — Cura o rheumatismo — 1 vidro 2\$000.

Matifolium — Indicado nas doenças do estomago — azia, dyspepsia, gastralgia — vidro 3\$000.

Ourenbenzol — Contra a syphilis e suas manifestações — um vidro em tablettes 5\$000.

Uriacido — Poderoso medicamento para combater o acido urico, as affecções dos rins e da bexiga, o artrithismo e o rheumatismo — vidro em tablettes 3\$000.

Creme Medicinal de Hamamelis — Preparação científica para o embellecimento da pele, sem substancia gordurosa, indicado nas espinhas, rugas, pannos e manchas de pele. Pote pequeno 4\$000 — grande 7\$000.

Sabonete de Hamamelis — um 2\$000 — duzia 20\$000.

Guia de Medicina Homœopathica do Dr. Nilo Cairo

A maior parte destes remedios existe também em globulos.

Enviamos pelo correio qualquer medicamento, mediante a remessa da importancia por vale postal.

Loção Curativa de Hamamelis — Feridas, doenças da pele, queda dos cabellos, etc. — Vidro 4\$500.

CORTONICO — Indicado nas doenças do coração — Vidro 5\$000.

Hemœovermil — A mais completa e inofensiva preparação, contra todas as variedades de vermes, oxiuros, ascaridas, necator e outros — 1 vidro em tablettes, 4\$000 — Duzia 45\$000.

DE FARIA & C.

R. S. José, 75 — Tel. C. 2247 — C. Postal 2564 — Rio de Janeiro.

EXPEDIENTE

"A' Direcção de A DEFESA NACIONAL cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos" (art.º 5.º § 2.º dos Estatutos.)

REGRAS PARA A CORRESPONDENCIA

Com o fim de facilitar os entendimentos entre os interessados e a nossa direcção prescrevemos o seguinte:

- 1) Tudo que se refira á collaboração, sugestões e assumptos que lhes sejam correlatos deve ser endereçado ao *Secretario*;
- 2) Qualquer assumpto sobre assignaturas, expedição e envio de importâncias deve tratar-se com o *Gerente*;
- 3) Sempre que se queira reiterar qualquer comunicação, deve-se fazel-o ao *Director*.
- 4) Os annuncios e quaesquer outras publicações pagas, tratam-se com o Director de Publicidade: *Odilon de Queiroz Jucá*.

AOS NOSSOS REPRESENTANTES

1) As guias de remessa da revista devem ser devolvidas como signal de que foi recebida a expedição. N'ellas deverão vir anotadas as alterações sobre os assignantes.

2) Pede-se aos Srs. representantes que todas as vezes que se ausentarem da séde da guarnição queiram deixar um substituto interino. Em caso de transferencia devem propôr um oficial, para substituir definitivamente na representação.

AOS NOSSOS COLLABORADORES

Pedimos encarecidamente aos nossos prezados collaboradores o seguinte:

- apresentar os originais sempre legíveis e se possível dactylographados;
- só escrever em uma das páginas das folhas do papel que utilizem;

— se se tratar de assumpto technico usar somente as abreviaturas regulamentares e não esquecer as demais *regras prescriptas pelo R. S. C.* (qualquer edição) a respeito da graphia dos nomes de localidades e estradas, orientação etc.

Fazemos tal solicitação com o duplo fim de facilitar a publicação dos trabalhos, que as mais das vezes tem que sofrer completa remodelação, e para evitar a sobrecarga que nos tóca se os seus autores não tomam a si, como de direito, a tarefa de apresentá-los em condições.

ASSIGNATURAS

Semestre	9\$000
Anno	18\$000
Avulso	2\$000

Permanecem em vigor as reduções para alunos da E. M. e Sargentos. (5\$000 por semestre).

As assignaturas terminam nos meses de Junho e Dezembro, podendo ser iniciadas em qualquer época; neste caso o assignante pagará os meses restantes do semestre a razão de 1\$500 por mez.

TABELLA DE PREÇOS DOS ANNUNCIOS

CAPA EXTERNA

1 Pagina.....	300\$000
---------------	----------

PAGINAS INTERNAS

1 Pagina.....	200\$000
½ Pagina.....	120\$000
¼ Pagina.....	70\$000

CAPAS INTERNAS

1 Pagina.....	250\$000
½ Pagina.....	150\$000

Todas a correspondencia para a Caixa Postal 1602 ou na rua do Ouvidor 164.

Telephone da Secção de Annuncios:
Norte 5818

ATTENÇÃO!

Aos nossos mui presados leitores apresentamos nossas excusas pelas incorreções typographicas, e outras, saídas em o Numero de Novembro que, inclusive é 179 e não 178 como está no cabeçalho. E' que elle representa verdadeiro milagre por isso que o grosso da Redacção tomou parte nas ultimas manobras de quadros em S. Paulo (24-10 a 16-11) e por mais que *manobrasse em linhas interiores* não pôde fazer melhor que fez.

"A DEFESA NACIONAL"

GRUPO MANTENEDOR

J. B. Magalhães, Mario Travassos, Alexandre Chaves, (Directores) —
Muniz Barreto (repres. naval) — Frederico Duarte (repres. civil) —

A. Pamphirio, Sayão Cardoso, Verissimo, Osvino Alves, Bina Machado,
Fernando Saboya (da Red.) — Toscano, Lage Sayão (da Adm.)

REPRESENTANTES

No Rio de Janeiro

G. 1. ^a R. M. — Cap. Edgard Oliveira.	15. ^o R. C. I. — Ten. Pletz Espindola
M. B. — Cap. Waldemar B. Aquino.	1. ^o R. A. M. — Ten. Antonio H. A. Moraes.
G. I. G. — Cap. Raymundo S. Barros.	2. ^o R. A. M. — Ten. Antonio Maráu.
Ir. Av. — Cap. Aguinaldo Caiado de Castro.	1. ^o G. I. A. P. — Ten. João M. Lebrão.
Es. Guerra — Ten. Antonio A. Borges.	Fort. Copacabana — Ten. Julio Leblon Regis.
Abt. Cartuc. — Ten. Sebastião M. Barreto.	For. Vigia — Cap. F. Fonseca.
M. F. — Ten. Jorge B. Guimarães.	Fort. Lage — Cap. Octavio Cardoso.
E. M. — Cap. Pery Beviláqua.	1. ^o G. A. Meth. —
A. O. — Ten. Octavio Paranhos.	1. ^o B. E. —
Av. M. —	1. ^o Cia. Ferroviária —
M. — Cap. Luiz Procopio.	C. C. C. —
Alumno João Bina Machado.	F. S. D. —
M. —	Regimento Naval — Sgt. Saturnino Correia de Queiroz.
S. I. —	P. M. D. F. — Cap. Souto Mayor.
R. I. — Cap. Vicente Formiga.	Club. Off. Res. — Cap. Valente.
R. I. — 1 ^o Ten. Aristoteles Ribeiro.	
R. C. D. — Ten. Alfredo A. Silva.	

Fóra do Rio de Janeiro

G. — 2. ^a D. I. — São Paulo —	Q. G. 5. ^o R. M. — Curytyba — Sarg. Affonso Fink.
G. 3. ^a D. I. — P. Alegre — Cel. Amilcar Magalhães.	Q. G. 7. ^o R. M. — Recife — Ten. João Facó.
G. 4. ^a D. I. — Juiz de Fóra —	Q. G. 8. ^o R. M. — Pará —
G. Circums. Matto-Grosso — Cap. Alecêa Cavalcanti.	Fabr. de Polvora — Piquete — Ten. Waldemar Santos.

- Ars. de Guerra — P. Alegre — Cap. A. Correia
 Lima.
 C. M. — Porto Alegre — Ten. Nestor Souto.
 C. M. — Ceará —
 4.º R. I. — Quitaúna — Cap. Augusto J. Souza.
 6.º R. I. — Caçapava — Ten. Arlindo Nunes.
 7.º R. I. —
 8.º R. I. —
 9.º R. I. — Rio Grande — Ten. Edgard Bux-
 baunn.
 10.º R. I. — Juiz de Fora —
 11.º R. I. — S. João d'El-Rey — Ten. Hugo
 Faria.
 12.º R. I. — B. Horizonte — Cap. Luiz G. S.
 Leão.
 13.º R. I. — Ponta Grossa — Cap. Raymundo
 Fontinelli.
 1.º B. C. — Petropolis —
 2.º B. C. — S. Gonçalo — Ten. Francisco P.
 Quedes.
 3.º B. C. — Victoria —
 4.º B. C. — S. Paulo — Ten. Salgado dos San-
 tos.
 6.º B. C. — Ipamery — Ten. João C. Gross.
 7.º B. C. — Porto Alegre — Cap. Jeronymo
 Braga.
 9.º B. C. — Caxias — Ten. João J. Vieira.
 10.º B. C. — Ouro-Preto — Cap. Mariano Cha-
 ves.
 15.º B. C. — Curityba — Ten. Domingues dos
 Santos.
 19.º B. C. — Bahia —
 21.º B. C. — Recife — Ten. Oliveira Leite.
 22.º B. C. — Parahyba — Ten. Carvalho Lisboa.
 24.º B. C. — S. Luiz — Ten. José Maria Rodri-
 gues.
 25.º B. C. — Therezina —
 2.º R. C. D. — Pirassununga — Alcides Lau-
 riodo.
 3.º R. C. D. — Jaguarão — Ten. Lelio Miranda.
 4.º R. C. D. — Tres Corações —
 1.º R. C. I. — Boqueirão — Ten. Ortegaal No-
 vaes.
 2.º R. C. I. — São Borja — Ten. Garrastazu'.
 3.º R. C. I. — São Luiz —
 4.º R. C. I. — Sto. Angelo — Major Soares da
 Silva.
 5.º R. C. I. — Uruguaiana —
 6.º R. C. I. — Alferes —
 8.º R. C. I. — Rosario —
 10.º R. C. I. — Bella Vista — Cap. M. G. No-
 gueira.
 11.º R. C. I. — Ponta Porã — Major Valentim
 Benicio.
 12.º R. C. I. — Bagé — Ten. Emilio Medice.
 14.º R. C. I. — D. Pedrito — Ten. Hercio Le-
 mos.
 R. A. Mixto — Campo Grande — Ten. Cid
 Oliveira.
 4.º R. A. M. — Itú — Cap. Manoel Nobrega.
 6.º R. A. M. — Cruz Alta — Ten. Ismar Es-
 cobari.
 8.º R. A. M. — Pouso Alegre — Ten. Clovis
 S. Barros.
 9.º R. A. M. — Curityba — Ten. Oscar G.
 Amaral.
 3.º G. I. A. P. — Cachoeira — Ten. Orlando
 Geisel.
 5.º G. A. Mth. — Valença — Cap. Hermes de
 M. Portella.
 1.º G. A. Cav. — Itaqui — Cap. Euclides Sar-
 mento.
 2.º G. A. Cav. — Alegrete — Cap. Fabricio.
 3.º G. A. Cav. — Bagé — Ten. Balthazar.
 5.º G. A. Cav. — Sta. Anna do Liv. — Cap.
 Americano Freire.
 Forte de Itaipús — Ten. Abelardo Marcondes.
 Guardião de Florianópolis —
 Guardião de São Gabriel — Cap. Geraldo Da
 Camino.
 Força Pública — Recife — Cap. José A. Figuei-
 redo.
 Força Pública do E. do Rio — Cap. Silveira do
 Prado.
 Brigada Militar — R. G. do Sul — 1 Ten. Al-
 cindo Nunes Pereira.
 1.º Batalhão da B. M. — Porto Alegre — Aca-
 cio F. Oliveira.
 Força Estadual — Ceará — 1 ven.
 Força Estadual — Sta. Catharina —
 Força Estadual — Matto-Grosso —
 C. P. O. R. c.º R. M. — Porto Alegre — Cap.
 Salvador Obino.

ASSIGNATURA OUTUBRO — DEZEMBRO

Lembramos aos nossos representantes e assignantes: não basta PAGAR mas é
 preciso PAGAR ADEANTADO; as importâncias das assignaturas devem entrar
 em nossa thesouraria o mais tardar na *primeira quinzena do segundo mês*. (Novem-
 bro, no caso actual).

Binoculos para Campo, Marinha e Theatro, de grandes e pequenos alcances

O binocolo LEITZ é um prazer num passeio, numa viagem a bordo ou num theatro!

Vendas por Club para pagamento em 40 prestações semanaes com direito a 80 sorteios

QUEIRA NOS SOLICITAR INFORMAÇÕES!

Temos installado uma bem montada officina mecanica de alta precisão, onde fazemos toda classe de concertos de apparelhos de Engenharia, Topographia, Optica, etc.

NOSSOS LABORATORIOS PHOTOGRAPHICOS SÃO OS MAIS MODERNOS DO BRASIL E ESTAMOS HABILITADOS PARA FAZER REVELAÇÕES, COPIAS E AMPLIAÇÕES EM 6 HORAS AOS MINIMOS PREÇOS



Succursaes: S. PAULO — RECIFE — BAHIA — BELLO HORIZONTE

BIBLIOGRAPHIA

REVISTAS

N. DA R. — As revistas aqui apresentadas se encontram na biblioteca de nossa Redacção, convenientemente catalogadas, podendo ser consultadas por qualquer camarada, ás segundas, quartas e sextas-feiras, das 16 ás 18 horas.

Recebemos e agradecemos:

A) — NACIONAES

LIGA MARITIMA BRASILEIRA (Outubro).

O armamento e o preparo da nossa força naval — Um hydro-avião precipita-se num rio — Os noventa annos de uma companhia de vapores — Porto de Torres, Rio Grande do Sul — Bibliographia — Mercedida homenagem — Commandante Braz Veloso — A praia de Botafogo será ligada ao oceano — Uma homenagem de maçons ao novo director do Lloyd — A verdade sobre as rendas da E. F. C. B. — Companhia de Estradas de Ferro de Victoria a Minas — A feliz jornada de um jornalista patrício — Almirante Pinto da Luz — As nossas estações ferro-viarias — Sobre a propagação das ondas electricas a grande distancia — Determinação experimental dos parametros de um triodo — Livros, Revistas, Jornaes, etc.

MOEDA E CRÉDITO (Outubro).

9. Os numeros indices do Sr. Hebert Hoover —
 10. Fugo Postal — IV Congresso de Credito popular — agricultura — Caixas rurales e bancos populares — Productos animaes — Constituição e raio de acção do Banco de Credito Popular — Credito Agricola — Imposto sobre a renda — Prazo para a amortização, quando a annuidade é uma percentagem sobre o emprestimo — Os 25 maiores bancos dos Estados Unidos — Cooperativas de credito em Pernambuco — Carteira Agricola — Bancos de defesa do assucar — A cooperação na Amazonia — O cooperativismo e Alagoas — Bancos — o Arroz — A prevenção contra accidentes no trabalho — O tabaco — Peritos contabilistas — O café sujeito ao expurgo — Vinhos hespanhoes — O commercio exterior — Creditos em conta corrente sob caução de promissoria — Combustiveis syntheticos — Balancetes.

B) — ESTRANGEIRAS

URUGUAY

REVISTA MILITAR Y NAVAL (Setembro).

O papel dos militares na grande obra de confraternização americana — Algumas idéas relativas á preparação das tropas de engenharia — Protecção anti-aerea — Neuro-psychiatria — Curso elementar de mecanica — A homenagem da America a uma de suas glórias militares — Topographia — Papel da guerra na vida social — Estudo schematico de um plano geral de educação physica nacional — O cashão de acompanhamento da Cavallaria — O Exercito inglez.

ALERTA (Setembro).

A morte de Artigas — O Cabildo aberto — O amor da patria — Inauguração do monumento ao General Garzon — O Regimento 3 de Infantaria Argentino (noticia sobre a magnifica e cordial manifestação feita a esse regimento, por occasião de sua visita a Montevideó) — O Soldado — A Victoria do Rincão — A honra — O velho sargento — A dívida e os trophéos do Paraguay — Curso de moral — A Patria — Aos professores de instrução primaria — Meu matte amargo — Ao quadro de football do 1º Regimento de Artilharia — Dos sub-officiaes argentinos — Com a guitarra na mão — Pagina humoristica — A má luz — Nas unidades do Exercito — Modernos equipamento e uniformes — Correspondencia da direcção.

MEXICO

REVISTA DEL EJERCITO Y DE LA MARINA (Setembro).

Secção geral: Vozes de Gesta — A batalha Napoleónica — Armas regulamentares de varios exercitos — Noções de calculo de probabilidades aplicadas aos tiros das armas portateis — Projecto para a criação de um departamento de pensões e emprestimos a militares. *Secção de Estado Maior:* O Estado Maior antes da Batalha. *Secção de Infantaria:* A instrucção das tropas de infantaria no Chile. *Secção de Cavallaria:* O passado e o presente da Cavallaria. *Secção de Artilharia:* Caracteristicas do material de artilharia — Descripção sucinta da cangalha universal. *Secção de engenharia:* Nivelamento. *Secção de Aeronautica:* A navegação com os radiofaros acha-se reduzida á sua maxima simplicidade. *Secção de Marinha:* Projecto de regulamento para as escolas de marinha de guerra. *Secção de historia:* O sitio de Cuautla — Informação graphica.

EL SOLDADO (Setembro).

Setembro! — O Cura Don Miguel Hidalgo y Costilla — O Cura Don José Maria Morelos y Pavon — Fray Melchor de Talamantes — General D. Vicente Guerrero — General D. Guadalupe Victoria — Noções de instrucção civica — Ambiente sargental — Equivocados — A grande parada no Deserto.

EL INTENDENTE (Agosto e Setembro)

As reformas das leis penas militares da Republica — O Mexico provou nas Olympiadases que progride nos desportos — O sistema decimal applicado aos archivos — Promoção — Os elementos militares de mar e terra, de diferentes nações —

Viajem circular — Pagina literaria — Notas theatraes.

Da éra da dominação á éra da liberdade — De Agustin de Iturbide a Plutarcho Elias Calle — Tun-deixa as luvas — A gloriosa épopea — O sistema decimal applicado aos archivos — A Intendencia Militar — A America e a guerra mundial — O rego da dactiloscopia no exercito é de grande fadade — As molestias venereas no exercito — perdas militares e navaes na grande guerra, lessadas oficialmente — Um voluptuoso — A a compromettedora — Pagina literaria — Notheatraes — O jogo medio em xadrez.

EQUADOR

EL EJERCITO NACIONAL.

Documentos da Campanha dos *Trinta Dias*, sobre as fronteiras do Sul da Colombia contra o exercito Peruano, invasor, e, terminada pela Batalha de qui.

SAO SALVADOR

BOLETIN DEL MINISTERIO DE GUERRA (Abril, maio e Junho).

Ordens geraes importantes do mez de Abril de

1928 — Movimento havido no Exercito no mez de Abril — A guerra no presente — Ordens geraes importantes no mez de Maio — Movimento havido no Exercito no mez de Maio — Actos do Ministerio da Guerra, Marinha e Aviação — O combate a cavallo não passou á historia — O alcoolismo e o soldado — Ordens geraes importantes no mez de Junho — Movimento havido no Exercito no mez de Junho — In Memoriam — Os ensinamentos da ultima guerra — Movimentos havidos nos quadros militares durante os mezes de Abril, Maio e Junho.

“Se de facto, os chefes, de qualquer grão não exercem suas funcções em toda plenitude, nada hayerá capaz de superar esta falha, quando o inimigo estiver ás portas.”

Directivas para a actuação de “A DEFESA NACIONAL”

(APPROVADAS EM ASSEMBLÉA GERAL DO GRUPO MANTENEDOR, EM 3 DE OUTUBRO DE 1928)

“A Defesa Nacional”, consideradas a actual situação geral da Nação e do Exercito e os interesses superiores da *defesa militar do Brasil*, consolida as normas que regem a sua actividade, nos seguintes termos:

- 1º) Quanto á sua orientação technica e jornalística, propugnar:
- a) pela realisaçao methodica das reformas geraes e medidas especiaes que interessam á organisaçao efficiente da defesa militar da nação;
- b) pela crescente solidez da estructura dos orgãos de execuçao, inclusive collaborando para o desenvolvimento da cultura general e profissional dos quadros, particularmente os do Exercito Activo e sua Reserva;
- c) pelo estabelecimento de constante intercambio entre o Exercito e a Marinha nacionaes, symbolizado no principio da co-operação militar e naval;
- d) pela integração dos elementos representativos das actividades civis na solução das

questões da defesa nacional — de que hoje não podem ficar de nenhum modo alheia-dos — tal o caracter da guerra moderna e das modernas instituições militares, de terra e mar.

- 2º) Quanto ás normas a observar na publicação de originaes, obedecer ás seguintes regras:
- a) Só aceitar a critica no bom sentido da palavra, como analyse dos phenomenos quanto seja necessário á comprehensão dos problemas ou a servir de base a soluções que se proponham;
- b) Ser independente de credo religioso ou philosophico, bem como de doutrinas politicas, não vehiculando ideias de propaganda ou combate a credos ou doutrinas que taes;
- c) manter o caracter impessoal de seu texto, excluindo quaisquer referencias pessoaes, elogiosas ou depreciativas, directa ou indirectamente reveladas, salvo quando se trate de vultos historicos ou outros que o tempo já tenha sufficientemente afastado das contingencias ambientes.

IMPORTADORES DE LOUÇAS
SANITARIAS, AQUECEDORES
PARA ÁGUA E ARTIGOS DE
LUXO PARA QUARTOS DE BANHO.

A MELHOR OFFICINA NA
ESPECIALIDADE DE CANALISAÇÕES
PARA ÁGUA, GAZ E
ESGOTOS.

MACEDO & IRMÃO

CASA FUNDADA EM 1850

Alguns edifícios com instalações que podem atestar a nossa competência.

Palacio Guanabara, Palacio Cattete, Palacio Rio Negro, Palacio Monroe, Palacio Prefeitura, Palacio Ministerio da Agricultura, Palacio das Bellas Artes, Theatro Municipal, Biblioteca Nacional, Lyceu de Artes e Ofícios, Supremo Tribunal Federal, Museu Nacional, Instituto Oswaldo Cruz, Caixa de Amortisação, Banco do Brasil, Pavilhão Mourisco, Hospital São Sebastião, Hospital Nacional de Alienados-Hospício, Hospital da Ordem Terc. S. Francisco da Penitencia, Hospital São Francisco de Assis, Hospital da R. B. Soc. Portgza. de Beneficencia, Sanatorio Botafogo, Sanatorio Nilo Peçanha, Stadium do Fluminense Foot-Ball Club, Séde do Fluminense Foot-Ball Club, Séde do Club de Regatas Botafogo, Collegio Regina Cœli, Palacete Dr. José Marianno, Rua Jardim Botanico, 225; Palacete Affonso Vizeu, Estrada Nova da Tijuca, 1562; Palacete Vicente Saboia, Praia da Saudade, 182; Palacete Oscar da Costa, Rua do Roso, 1; Palacete Linneu Paula Machado, Rua S. Clemente, 213; Palacete Pimenta de Mello, Rua Bambina, 17; Palacete Visconde de Moraes, Rua Conselheiro Pereira da Silva, 224.

RUA 13 DE MAIO, 41

TELEPHONE C. 1066

RIO DE JANEIRO

Fabricantes das superiores Caixas
de descarga sem valvula
"PROGRESSO" - Patente n. 11055
Premiadas na Exposição Interna-
cional de 1922.

MALAS HARTMANN

Malas armario e de mão com cabides, para porão, cabine,
automovel, aeroplano, calçados e chapéos.

UNICO DEPOSITARIO

A TORRE EIFFEL

97 RUA DO OUVIDOR 99

, se enquadrem no programma de A DEFESA NACIONAL, e em suas possibilidades finais.

— O fundo de reserva será destinado este a manter, em qualquer caso, a publicação A DEFESA NACIONAL, pelo que, nenhuma parte sua será empenhada para esse ou ou- sem acúiescencia da Assembléa Geral.

— Em caso de deficit e esgotado o fundo, a dívida contrahida, em tais circunstanças repartida, em quotas iguais, por todos os do G. M.

7º — Compete aos membros da Direcção DEFESA NACIONAL:

ao Director:

por á Assembléa a orientação geral a ser pela A DEFESA NACIONAL, a qual uma rovada, fará observar rigorosamente; presidir os trabalhos de A DEFESA NACIONAL; con- e presidir as assembléas geraes do G. M.; a Direcção de A DEFESA NACIONAL enos tres vezes por mez; tomar todas as necessarias para assegurar a regularidade licção da Revista, o preenchimento de lo- rágos no G. M. e a substituição opportuna mbros da Direcção; estabelecer e manter em o regime de trabalho da Direcção, Reda- idministração de A DEFESA NACIONAL. de Secretario:

a seu cargo toda a correspondencia que se a Redacção; receber os originaes e entre- as officinas as relações necessarias á com- e impressão de cada numero; promover, por do dos membros do G. M. em serviço na io, e equitativamente, a revisão ortographia originæas (ortographia usual, eventualmente phia adoptada pelo autor do original) e a dos textos do ponto de vista de seu valor, no da sobriedade de linguagem e isenção de do mesmo modo promover a revisão typogra- as provas; submeter a approvação da Direc- da a matéria cuja responsabilidade caiba aos e desta; dirigir pessoalmente a paginação e ão de cada numero; fazer escrutar o li- actas e organizar e manter em dia o archive lergão.

ao Gerente:

gerir a Administração, inclusive a The- a e o serviço de publicidade, sendo respon- erante o G. M. pelos fundos de A DEFESA NACIONAL; distribuir ao adjunto todo o serviço responde- cia relativa á Administração e in- do arquivo e expedição da Revista bem da fiscalisação dos funcionários e escrip- uias fichas dos assignantes e relação dos re- untes; distribuir ao Thesoureiro todo o ser- Caixa, inclusive a organisação dos balance- testraes para a prestação de contas de que art. 3º incumbindo-o de effectuar todos os atos e cobranças depois de autorisados pelo tombar, de acordo com a Direcção, to- madas necessarias á propaganda da Revi- ter em completa ordem, mesmo no caso de a Revista por conta de empresa kommer- das os encargos da Administração de modo assegurado ao G. M., em qualquer momen- to nuação da publicação por conta propria.

Art. 8º — Compete ao Representante zelar pelos interesses administrativos e pela maior reper- cussão do programma de A DEFESA NACIONAL, no meio em que exerça sua actividade.

Art. 9º — A DEFESA NACIONAL será re- presentada activa e passivamente, judicial e extra- judicialmente, por seu Director e os seus membros, que são os do seu grupo mantenedor, respondem subsidiariamente pelas obrigações sociaes, de accordo com o § 5º do art. 6º.

Art. 10º — Em caso de extinção de A DEFESA NACIONAL, o seu patrimônio será devolvido ao "ORPHANATO OSORIO".

Art. 11º — Os presentes ESTATUTOS, que estão assignados por todos os membros da assem- bléa geral que autorizaram sua revisão, poderão re- ceber qualquer alteração se proposta por tres quartos dos membros do G. M. ou se approvada por igual numero em assembéa geral. Em qualquer dos casos a proposta será submetida a deliberação dentro do prazo de um mez, entrando em vigor, se approvada, ao cabo de igual prazo, salvo á Direcção ou á As- sembléa o direito de considerar a sua vigencia como immediata.

EXERCITO E DE- FESA NACIONAL

"Até aqui bastou que agissemos no interior ignorado das casernas, ao sol dos campos de manobra, no trabalho de colmeia dos Estados Maiores, das Fabricas e dos Arsenaes. Fez- se a cruzada propriamente militar, organi- zou-se o Exercito. Agora devemos lançar nossa actividade para fundar as bases da organização militar da Nação."

"Que todos saibam que não ha Exer- cito, que não ha defesa nacional enquanto se esperar das instituições armadas do paiz, que actuem dessa ou daquella forma, ao sabor das correntes partidarias. Que todos sintam que o Exercito nada é sem a intima e constante participação de todas as manifestações civis da Nação. Que o que se chama correntemente de Exercito não é senão o apparelho de enquadramento das possibilidades nacionaes, na paz como na guerra. Que o nosso problema militar não é mais, sómente, não pôde ser mais, apenas, fazer e manter esse Exercito, mas organizar a defesa nacional tão bem que se chegue com isso a integralizal-o na pro- pria Nação, da qual será elle o symbolo de suas conquistas politicas e sociaes, no interior como no exterior do paiz."

Lembrae-vos que tanto na
Guerra como na Paz

B

A

ÁGUA
MINERAL
RADIOACTIVA

E

B

A

M

DEVE SER A COMPANHEIRA DE TODA HORA
DO BOM SOLDADO
ELLA VIVIFICA. ENCORAJA. PRODUZ ENERGIA

Rua Theophilo Ottoni, 69

RIO DE JANEIRO

